



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO

JOSÉ MARCOS PEREIRA

CIÊNCIA, RAÇA E LITERATURA: TERTÚLIA DIALÓGICA
CIENTÍFICA NAS OFICINAS DO PROEMI.

Feira de Santana
2019

JOSÉ MARCOS PEREIRA

**CIÊNCIA, RAÇA E LITERATURA: TERTÚLIA DIALÓGICA
CIENTÍFICA NAS OFICINAS DO PROEMI.**

Texto apresentado ao Curso de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Culturas, formação e práticas pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), no nível de Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano

Feira de Santana
2019

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

P492

Pereira, José Marcos

Ciência, raça e literatura : tertúlia dialógica científica nas oficinas do ProEMI /
José Marcos Pereira. – 2019.
120 f.: il.

Orientador: Marco Antônio Leandro Barzano.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de
Pós-graduação em Educação, Feira de Santana, 2019.

1. Leitura. 2. Tertúlia dialógica científica. 3. Leitor – formação. 4. Literatura –
Ensino. 5. Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI). 6. Instituto de Educação
Gastão Guimaraes. I. Barzano, Marco Antônio Leandro, orient. II. Universidade
Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 028.1:371.13

Luis Ricardo Andrade da Silva - Bibliotecário - CRB-5/1790



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/76
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/86
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271 de 14/12/04

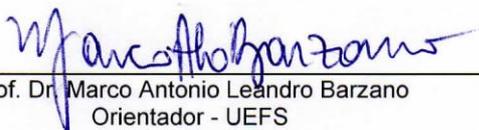
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

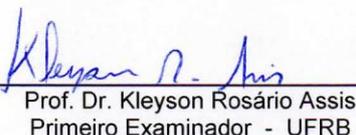
JOSÉ MARCOS PEREIRA

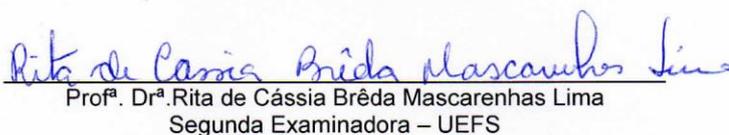
**“CIÊNCIA, RAÇA E LITERATURA: TERTÚLIA DIALÓGICA
CIENTÍFICA NAS OFICINAS DO PROGRAMA ENSINO
MÉDIO INOVADOR (PROEMI)”**

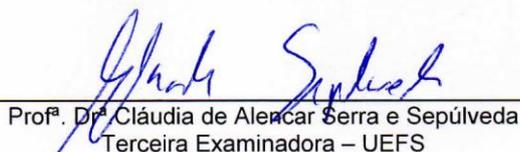
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na área de Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 23 de setembro de 2019


Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano
Orientador - UEFS


Prof. Dr. Kleyson Rosário Assis
Primeiro Examinador - UFRB


Prof. Dr. Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
Segunda Examinadora - UEFS


Prof. Dr. Cláudia de Alencar Serra e Sepúlveda
Terceira Examinadora - UEFS

RESULTADO: APROVADO

Dedico esta dissertação inteiramente a meus pais, Onildo e Conceição (in memoriam), pelo amor, zelo e por ter sabido demonstrar a cada um dos filhos o valor do conhecimento pelo esforço que empreenderam para nos dar uma boa formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Creio que a gratidão nos coloca em sintonia com as boas “energias” que regem o universo, sendo assim, neste momento entrando nesta sintonia, gostaria de registrar meus agradecimentos as pessoas, momentos e instituições que de forma direta ou indireta foram essenciais para que eu pudesse concluir este trabalho.

Inicialmente, e é por lá que se inicia mesmo, agradeço a minha família, participe de momentos de alegrias e tristezas no fortalecimento como pessoa desde que cheguei neste mundo e até hoje, a mim ensinaram os valores humanísticos essenciais de uma formação cidadã de conduta ética para com o outro, mas ensinaram sobretudo a ter fé, em Deus, nas pessoas e em mim mesmo.

Aos meus filhos, Lucas e Mateus me desculpo pela ausência a eles imposta para poder dar conta deste trabalho, esperando que também seja esta dissertação incentivo para eles em suas formações acadêmicas e como cidadãos críticos capazes de contribuir na construção de um mundo com mais justiça social.

A minha esposa Glauce, parceira, incentivadora, torcedora e mentora deste meu curso de mestrado, agradeço pelo encorajamento e apoio dado acreditando na minha aptidão para ser selecionado e conclusão desta dissertação, mas sobretudo ajudando na logística e nas sugestões para construção do texto.

Agradecer ao meu orientador e que me permita chamá-lo de amigo Marco Barzano, “meu professor” exemplo de humanismo e profissional, toda a gratidão, sem seu incentivo e fé em mim, tenho certeza que não seria capaz de chegar a termo nesta dissertação. Sinto-me profundamente feliz e grato por sua presença em minha trajetória, constituindo uma inspiração e exemplo de ser humano.

Gratidão também a minha amiga pró Nalma, ajuda essencial desde as primeiras ideias trocadas sobre a realização deste projeto, as amigas de trabalho, Viviane, Cyntia e Vanessa, pelo incentivo e tolerância do meu mau humor exibido por conta das noites em claro escrevendo esta dissertação. Aos amigos CPFO, Galo, Lúcio, Orlando, Ricardo, Tecio e Jadinho por não haver me excluído do grupo apesar da minha persistente ausência.

Grande gratidão as professoras doutoras do Programa do Mestrado em Educação: Elenise Andrade, Denise Laranjeira, Antônia Almeida, Mirela Iriart, e Malena que muito me

ensinaram em suas aulas a desenvolver uma postura democrática para que eu pudesse praticar nas tertúlias da pesquisa, agradeço aos funcionários do PPGE D. Regina e Sr. Hélio, sempre prestimosos às nossas solicitações; obrigado Dona Branca por toda ajuda e carinho demonstrado em cada cafezinho que me serviu.

Muita gratidão a Professora Cláudia Sepúlveda, que me acolheu em suas aulas de Estágio Supervisionado em Ensino de Biologia II para que eu realizasse o tirocínio, e que me despertou a ideia de trabalhar com *O Cortiço* na perspectiva do racismo científico, além da contribuição significativa na qualificação.

Professora Rita Brêda, meus agradecimentos especiais pela relevante contribuição na qualificação e que veio a se constituir um verdadeiro guia na complementação desta dissertação.

Muito obrigado ao professor Kleyson Assis, pela sua sapiência, contribuições e paciência em ouvir este neófito nas aulas de Currículo e Cultura e também fora delas.

Agradeço a UEFS e ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela concessão do espaço de aprendizagem em que se deu esta formação, trazendo novas perspectivas sobre a sensibilidade (ou possibilidade) das percepções até então experimentadas ou pensadas por mim na linearidade das Ciências Exatas.

Agradeço em especial aos alunos do Grupo A do ProEMI 2018 do Instituto de Educação Gastão Guimarães, sujeitos de minha pesquisa, pela contribuição imensurável por eles concedida, pois sem eles esta pesquisa não haveria acontecido, mas, sobretudo pelo legado deixado impregnado como fruto de nossas tertúlias que me instigaram a repensar minhas práticas docentes.

Por fim agradeço mais uma vez a Deus, e sempre o faço a cada manhã, pela manifestação da fé que pudemos nos fazer melhores a cada dia e com a crença de que este trabalho possa vir a ter uma relevância social, renovo minha fé como educador e educando.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre uma experiência de estímulo à formação leitora através da metodologia tertúlia dialógica científica vivenciada com jovens do Ensino Médio de uma escola pública situada no interior da Bahia, tendo como sujeitos os participantes do Programa Ensino Médio Inovador. Inicialmente foi feita uma abordagem sobre o processo histórico da invenção da escrita como forma de suprir a necessidade de comunicação atemporal como registro da vivência cotidiana e transmissão de conhecimentos e em seguida foi implementada a Tertúlia Dialógica Científica como metodologia de estímulo à compreensão leitora por meio de leituras compartilhadas com a socialização da compreensão do texto; para tanto foi utilizado o romance naturalista “*O Cortiço*” pela sua rica narrativa e abordagem da questão racial no Brasil no Século XIX. Nessa experiência também é apresentado o autor desta obra, Aluísio Azevedo, por conta de sua postura vanguardista nas questões políticas e sociais como crítico ferrenho do regime escravocrata e da Monarquia. A metodologia foi pautada na pesquisa-ação, inserida na abordagem qualitativa numa perspectiva analítico descritiva, dividida em duas fases, a primeira de caráter exploratório para detectar o nível de leitura em que se encontravam os sujeitos da pesquisa e a segunda fase foi constituída da produção e análise dos dados coletados durante a realização de oficinas baseadas nos pressupostos da tertúlia dialógica associando as situações vivenciadas pelos personagens do *O Cortiço* como questões geradoras de interpretações que remetessem aos conhecimentos de Ciências e Biologia, promovendo também reflexões sobre questões ligadas ao racismo científico e determinismo social. Essa pesquisa recomenda a aplicação da Tertúlia Dialógica Científica como uma metodologia de fomento à formação leitora, nas diversas e variadas agências de promoção do conhecimento, uma vez que promoveu intercâmbios de saberes estimulando a autonomia dos sujeitos envolvidos nas análises dos textos trabalhados, já que uma das premissas básicas dessa metodologia é o estímulo à livre interpretação, dessa forma essa atividade despertou a autonomia e o senso crítico dos participantes, pré-requisitos básicos para a formação de sujeitos capazes de corresponder as demandas sociais. Nesse sentido, as atividades de leitura nessa perspectiva diferenciada tendem a promover a aprendizagem, pois estabelecem pontes entre os fatos descritos nos textos científicos da literatura universal com os fatos da vida real, tornando assim a aprendizagem mais significativa.

Palavras chave: Tertúlia Científica; Leitura; *O Cortiço*; Aluísio Azevedo; ProEmi; Racismo científico.

ABSTRACT

This dissertation deals with an experience of stimulating reading education through the scientific dialogical tertúlia methodology experienced with high school youths from a public school located in the interior of Bahia, having as participants or participants of the Innovative High School Program. Initially, an approach was made to the historical process of invention of writing, as a way to meet the need for timeless communication, such as the recording of everyday experience and the transmission of knowledge, and then it was implemented in the Scientific Dialogic Tertúlia as the methodology. the use of the reader through shared readings with socialization of the comprehension of the text; To this end, the naturalist novel “*O Cortiço*” was used for its rich narrative and approach to racial issues in Brazil in the 19th century. In this experience is also presented or author of this work, Aluísio Azevedo, for his avant-garde approach to political and social issues as fierce criticism of the slave regime and the monarchy. The methodology was based on action research, inserted in the qualitative approach in descriptive analytical perspective, divided into two phases, the first of exploratory character to detect the reading level in which the research studies were found and the second phase was the production and analysis of data collected during workshops used in the assumptions of dialogic dialogue associated with situations experienced by characters of *Cortiço*, as questions that generate interpretations that refer to the studies of science and biology, also promoting reflections on issues related to scientific racism and social determinism. . This research recommends the application of the Scientific Dialogic Tertúlia, as a methodology for fostering reading education, in the various and varied applications of knowledge promotion, since it promotes exchanges of flavors that stimulate the ability of performances in the analysis of worked texts, since One of the basic premises of this methodology or stimulus to interpretation, thus this activity awakens the capacity and critical sense of the participants, basic prerequisites for the formation of individuals able to respond as social demands. In this sense, as reading activities in this different perspective can promote learning, the bridges established between facts are detected in the scientific texts of universal literature with real life facts, thus being the most significant learning.

Keywords: Scientific Tertúlia; Reading; The tenement; Aluísio Azevedo; ProEmi; Scientific racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escrita Cuneiforme criada pelos Sumérios 3.200 anos a.C.	21
Figura 2 - Gutenberg (à direita) manuseia um panfleto impresso em tipos móveis...	23
Figura 3 - Alunos participando de dinâmica proposta na exposição no Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira.....	29
Figura 4 - Peças sobre tecnologias africanas e divindades do candomblé.....	30
Figura 5 - Aluísio Azevedo aos 18 anos, em São Luís-Maranhão.....	35
Figura 6 - As três idades da República.....	38
Figura 7 - Fotografia de um cortiço carioca de 1906.....	42
Figura 8 - Alunos durante oficina ao ar livre.....	68
Figura 9 - Cartaz do filme O Cortiço, lançado em 1978.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Os personagens do cortiço São Romão e do sobrado.....	44
Quadro 2 -	Categorias de compreensão leitora (PIMENTEL, 2007).....	48
Quadro 3 -	Resultados encontrados no questionário socioeconômico.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
IEGG	Instituto de Educação Gastão Guimarães
DEDU	Departamento de Educação
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
ProEmi	Programa Ensino Médio Inovador
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
SCIELO	Scientific Eletronic Librery Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDC	Tertúlia Dialógica Científica
TDL	Tertúlia Dialógica Literária
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNEB	Universidade do Estado de Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Trajectoria até a chegada ao objeto de estudo.....	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 Leitura: aspectos iniciais.....	20
1.2 Tertúlia Dialógica Científica.....	25
1.3 Porque “O Cortiço”?.....	28
1.4 Quem é Aluísio Azevedo?.....	31
1.4.1 Preocupação social – os problemas de seu tempo.....	37
1.4.2 Aluísio e a Ciência.....	39
1.5 O Naturalismo.....	40
1.6 A estrutura e os personagens d’O Cortiço.....	42
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	46
2.1 A investigação qualitativa a pesquisa-ação.....	50
2.2 Cenário da pesquisa.....	51
2.2.1 O ProEMI no Instituto de Educação Gastão Guimarães.....	53
2.2.2 Perfil dos sujeitos.....	53
2.3 Adversidades na pesquisa.....	58
3. ANÁLISE DE DADOS.....	60
3.1 A pesquisa, oficinas.....	60
3.2 Revelações da pesquisa.....	60
3.3 Segunda oficina: “Balbucio” de tertúlia.....	65
3.4 Algumas impressões.....	69
3.5 Terceira oficina: Não existe texto/discurso sem intencionalidade.....	78
3.6 Quarta oficina: Primeira tentativa de realizar a tertúlia.....	82
3.7 Quinta oficina: Finalmente a tertúlia.....	83
3.8 Sexta oficina: Capítulos I e II: Nasce o cortiço São Romão.....	85
3.9 Sétima oficina: Capítulo III: Os trabalhadores.....	90
3.10 Oitava oficina: Capítulo IV: A pedreira.....	92
3.11 Nona oficina: Capítulos V e VI: Trabalho e melancolia.....	95
3.12 Décima oficina: Epílogo, o filme.....	96
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99

REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES.....	106
ANEXOS.....	117

INTRODUÇÃO

“Lectio hoc orbis duratione praecedat in lectiosermo!”¹

(Paulo Freire).

Muitas vezes no exercício do magistério, ao indicarmos a leitura de um texto como tarefa para os alunos, e solicitar a manifestação de sua compreensão, causa-me a impressão tal qual ou semelhante ao deste instante ao ler a frase no idioma Latim que inicia este texto. Posso identificar os caracteres, intuir algumas palavras, mas não sou capaz de entender o sentido ou sequer ter noção do que trata a sentença.

A Biologia, assim como as demais ciências, possui um conjunto de vocábulos próprios a fim de expressar e comunicar suas teses e compor um conjunto de conceitos e ideias relativas à natureza de seus estudos; se por um lado isto é essencial na construção de conceitos e na transmissão do conhecimento, para os estudantes isto constitui um verdadeiro transtorno memorizar e se apropriar destes saberes.

Assim, quando utilizamos alguns termos corriqueiros tais como: *simbiose, fotossíntese, metabolismo, ácido desoxirribonucléico, hibridismo, androceu, autotrófico, biosfera, fototactismo, meiose, osmose* etc. que são expressões não utilizadas no cotidiano destes estudantes, e que a grande maioria só vem a ter contato com estes vocábulos em sala de aula, mais especificamente nas aulas de Ciências ou Biologia, quando nem sempre o processo associativo entre a palavra, seu significado ou objeto que se refere o processo de abstração torna o entendimento inteligível.

De acordo com Saussure (2006, p. 79) “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”. A falta de contato, *a priori*, da matéria ou mesmo da linguagem tratada, não remete o aluno a percepção destes termos como algo significante, conseqüentemente, lhe falta significado, o conteúdo estudado não alcança a representação mental necessária e a mensagem não se torna decifrável, é destituída de sentido ou valor e tende a ser ignorada, descartada.

Noto que esta dificuldade de perceber sentido ou realizar associações dos termos utilizados na Biologia e em Ciências² ao conteúdo, tem demonstrado ser um dos fatores de

¹A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Paulo Freire. Tradução livre para o Latim.

² O vocábulo Ciências aqui será referido à denominação da matéria contida no currículo básico do Ensino Fundamental e que inclui informações relativas a Biologia, Química e Física.

distanciamento do aluno das aulas e da escola, constituindo uma das principais causas do fracasso escolar nestas matérias – conforme dados apresentados pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia durante Jornada Pedagógica em março de 2018.

Trajetória até a chegada ao objeto de estudo

A observação deste indesejado desempenho escolar derivado, possivelmente da deficiência leitora, sempre me causou uma imensa inquietação, dando origem a um grande desejo de contribuir, além das atividades regulares da escola, com alguma ação suplementar para atenuar este fenômeno observado em sala de aula.

Desta forma, como professor de Ciências e Biologia em escolas da rede pública de Educação, e no contato cotidiano com estes educandos, movido pelo compromisso de cidadania, senti-me motivado a buscar respostas para tais questões fundado em pressupostos que problematizam a forma tradicional do ensino e aprendizagem, desenvolvido na Educação Básica em busca de uma didática que materialize métodos eficientes que conduza o processo de ensino/aprendizagem por caminhos capazes de produzir uma formação acadêmica significativa, colocando em prática na Unidade Escolar em que exerço minhas funções profissionais tais ações didáticas metodológicas. Nesse sentido, afirma Lima (2007, p.922):

Diferentemente de outros países que têm uma forte política de apoio ao livro e a leitura, por ser considerada uma política estratégica para seu desenvolvimento nacional, o Brasil chega ao século XX com políticas públicas de leitura extremamente frágeis, circunstanciais.

O Instituto de Educação Gastão Guimarães, escola da Rede Estadual de Ensino, em que exerço o magistério, fica situada na zona central da cidade de Feira de Santana, Bahia, fundado em 1927, contando hoje com cerca de 80 docentes e quase 2.000 alunos distribuídos em 62 turmas entre os turnos matutino e vespertino, nos cursos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, onde funcionam programas especiais tais como Mais Educação³ e Programa Ensino Médio Inovador, doravante, ProEMI⁴, sendo este último o que tratamos em nossa pesquisa. Sua implementação se refere a partir de ações voltadas ao Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. O objetivo do ProEMI é apoiar e fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital no

³Instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007, é um programa que amplia o tempo e o espaço educativo dos alunos da rede de ensino público do Brasil, contribuindo para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens. O objetivo é aumentar a permanência dos estudantes na escola para melhorar o desempenho escolar. Coordenado pelo Ministério da Educação, o programa faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e articula projetos e programas do governo federal para oferecer atividades no contraturno das aulas regulares.

⁴O Programa Ensino Médio Inovador – ProEMI foi instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009,

desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico e flexível⁵.

Com uma comunidade estudantil formada por alunos provenientes das mais diversas localidades do município, das mais variadas classes econômicas, idades e percursos educacionais distintos, se configura como exemplo significativo do problema ora em evidência. Tais peculiaridades desta Unidade Escolar e, sobretudo por tratar-se do local onde exerço a docência e vislumbro as questões deficitárias da proficiência leitora e os prejuízos no rendimento escolar destes jovens é que me conduziram a esta escolha do desenvolvimento da pesquisa neste espaço formal de aprendizagem.

É por essa forma discursiva que se propõe a abordagem de tal metodologia, sob a constatação de que muitos alunos ainda apresentam dificuldades na compreensão dos conteúdos ensinados nas disciplinas mencionadas, em virtude de poucos conhecimentos prévios que são considerados como fundamentais para aquisição de novas informações.

Para os docentes que ministram as mais diversas disciplinas, é notório o baixo nível de compreensão leitora dos textos didáticos, por parte dos educandos, quando são trabalhados os conteúdos programáticos. Tal dificuldade mostra-se mais evidente na compreensão de textos científicos, que tem um vocabulário próprio e, às vezes, distante da linguagem cotidiana do aluno. A dificuldade também se materializa frente à necessidade que tem o educando de se permitir acolher novos conceitos, proposições e ideias que, às vezes, rivalizam com opiniões pré-formadas pelo senso comum. Esses entraves fazem com que os índices de reprovação escolar sejam mais expressivos em matérias tais como: Biologia, Física, Química e Matemática.

Na direção das situações acima colocadas, a opção pela implementação da TDC na educação básica, no referido contexto com o uso de textos clássicos da literatura brasileira e sua cognição no universo das Ciências Naturais, tem-se o objetivo de contribuir para a compreensão leitora e, conseqüentemente, para aquisição e avanço no conteúdo programático das disciplinas Ciências e Biologia, por exemplo, pelos alunos da escola básica, o que leva a situar esta pesquisa no campo da Ciência e Literatura, haja vista as abordagens do autor e o romance escolhido, reportar-se de forma bastante frequente a informações relacionadas às

⁵Fonte: BRASIL: Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ensino-medio-inovador/apresentacao>. Acesso em 26/08/19.

Ciências Naturais, característica própria da escola Naturalista de literatura, e que tem no romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, uma das obras mais representativas desta escola.

Cabe ressaltar, nessa direção, que até o final da década de 1970, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, admitia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. A partir do final desta década, propôs a utilização do conceito de analfabetismo funcional, pelo qual é considerada “alfabetizada funcional” a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para dirimir as questões de sua conjuntura social, usando essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Na esteira desse pensamento afirma Chartier (1996, p.240) que,

[...] entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos.

Nesse contexto, registra-se que no Brasil, o Instituto Paulo Montenegro criou em 2001 o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) ⁶ e em resultado recente, oriundo de uma pesquisa realizada em 2015, publicada em 2016, socializou informações sobre o cenário da leitura no Brasil. Fizeram parte dessa amostra sujeitos entre 15 e 64 anos de idade e residindo em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país. Esses informantes pertencem a diversos níveis socioeconômicos e culturais abrangendo alfabetizados de ambos os sexos, idade, escolaridade e de variadas profissões.

Revelando que desses sujeitos investigados 73% foram considerados alfabetizados funcionais, esses dados apontam ainda que dentre os informantes classificados nessa categoria há também sujeitos com curso superior, chamando à atenção para a baixa proficiência leitora no país e que 27% dos atores sociais dessa pesquisa foram classificadas como analfabetos funcionais e 4% deles correspondem ao grupo de pessoas consideradas analfabetas, pois não conseguem praticar atividades simples que envolvam decodificação de palavras e frases.

⁶ INAF. Indicador de Alfabetismo Funcional. Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo _do_Trabalho%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho%20(1).pdf) Acesso em 11 nov. 2016.

Distanciando-se de tais métodos, praticados habitualmente na educação pública e, na direção de promover mudanças, a presente investigação se propôs experimentar a TDC com um grupo de jovens estudantes e tentar compreender como se dá a prática leitora.

Face a esta problemática surge a questão central desta pesquisa: de que maneira a Tertúlia Dialógica Científica, experimentada nas oficinas do ProEmi, pode contribuir para a compreensão leitora dos educandos da educação básica, sobretudo, a partir da obra “*O Cortiço*”?

Diante do exposto, surgem as questões norteadoras deste trabalho: De que maneira ocorre a compreensão leitora sobre uma perspectiva científica em textos literários dos alunos inseridos nas oficinas do ProEMI nesse segmento de ensino? Que resultados poderão surgir em relação à leitura dos textos científicos de Ciências e Biologia e a percepção crítica embutida nos textos científicos e suas intencionalidades subliminares na manutenção de projetos hegemônicos, explorados na escola, com esses alunos?

Seguindo a trilha desses interrogantes tem-se como objetivo geral: Compreender, a partir das oficinas do ProEMI, os efeitos da compreensão leitora junto aos educandos, a partir da obra *O Cortiço*.

Para cumprir o propósito acima, elaboramos os seguintes objetivos específicos: a) compreender os sentidos e significados da prática leitora; b) analisar o nível de compreensão leitora dos alunos inseridos na proposta de implementação da metodologia TDC.

Consideramos que esta pesquisa apresenta-se como uma contribuição relevante na área educacional, pelo seu caráter inédito, visto que, a partir de uma revisão bibliográfica, não foram encontrados trabalhos com esta configuração científica, ou seja, tratando desta especificidade – TDC, nas disciplinas aqui citadas, correlacionadas a textos literários. Também é considerada relevante porque tanto pode servir de fonte de dados na ampliação dos estudos sobre a TDC, quanto servir de subsídios para avançar no processo de estímulo à formação leitora nas escolas básicas.

É importante destacar a pretensão de realizar a presente pesquisa sob várias perspectivas. Inicialmente, como profissional da educação que se depara cotidianamente com desafios e obstáculos a serem transpostos no campo do ensino/aprendizagem, é imprescindível conjecturar alternativas que possibilitem atenuar as dificuldades presentes em nossas práxis educacionais.

Portanto, no campo pedagógico e profissional, desenvolver pesquisa em nível de mestrado nos possibilita confrontar os problemas existentes, partindo de concepções que refletem teoricamente a respeito do objeto de pesquisa, tornando-os mais fortes em termos de argumentos, para ressignificar a prática pedagógica e sensibilizar os demais sujeitos presentes no ambiente educacional. Partindo desta premissa, ousou acreditar que promoverei meios que possibilitem favorecer a “transformação social” na construção de uma sociedade mais justa, este é meu entendimento e compreensão primordial da pesquisa.

O presente texto está estruturado da seguinte maneira: iniciamos com essa breve Introdução, apontando as motivações da pesquisa, a aproximação com o objeto de pesquisa e objetivos propostos e, logo em seguida, há o primeiro capítulo, em que a leitura será abordada a partir de um breve histórico. Além disso, justificamos a escolha da obra “O Cortiço” para o desenvolvimento da pesquisa, tecemos alguns comentários sobre Aluísio Azevedo e esclarecemos sobre os princípios da Tertúlia Dialógica Científica-TDC.

O segundo capítulo trata sobre os aspectos metodológicos da pesquisa e no terceiro capítulo foram apresentadas análises e impressões dos resultados da pesquisa. Nessa parte, optamos por escrever uma narrativa que foi registrada no diário de bordo, mais descritiva, para que o leitor pudesse ter uma ideia geral do que foi produzido.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Leitura: Aspectos iniciais.

A palavra "ler" vem do latim "legere" e queria dizer "escolher". Era isso que faziam os antigos romanos quando, por exemplo, selecionavam entre os grãos de cereais. A raiz etimológica está bem patente no nosso termo "eleger". Ora o drama é que hoje estamos deixando de escolher. Estamos deixando de ler no sentido da raiz da palavra. Cada vez mais somos escolhidos, cada vez mais somos objeto de apelos que nos convertem em números, em estatísticas de mercado. (COUTO, 2009 p. 52).

Os registros mais antigos das tentativas dos humanos transmitirem aos seus descendentes ou gerações futuras, suas histórias, vivências e cotidiano, datam de aproximadamente 40.000 a.C., no período Paleolítico Superior, utilizando materiais como o sangue, saliva, argila, e excrementos de morcegos ao desenharem sobre as paredes rochosas de cavernas ou mesmo ao ar livre reproduções de animais, suas caçadas e rituais. Tais desenhos, conhecidos como arte rupestre ou registro rupestre constituem os primeiros apontamentos gráficos da jornada de nossos ancestrais no planeta Terra.

Tais cenas, em sua maioria de grandes animais como bisões, cervos e cavalos (as representações humanas aparecem mais raramente supondo-se que sejam em caçadas, danças e lutas) registradas de forma pictográfica, representam cenários de seu cotidiano, constituem uma forma primitiva de comunicação, possibilitando ampliação da interlocução e tornando-a atemporal, imortalizando o momento.

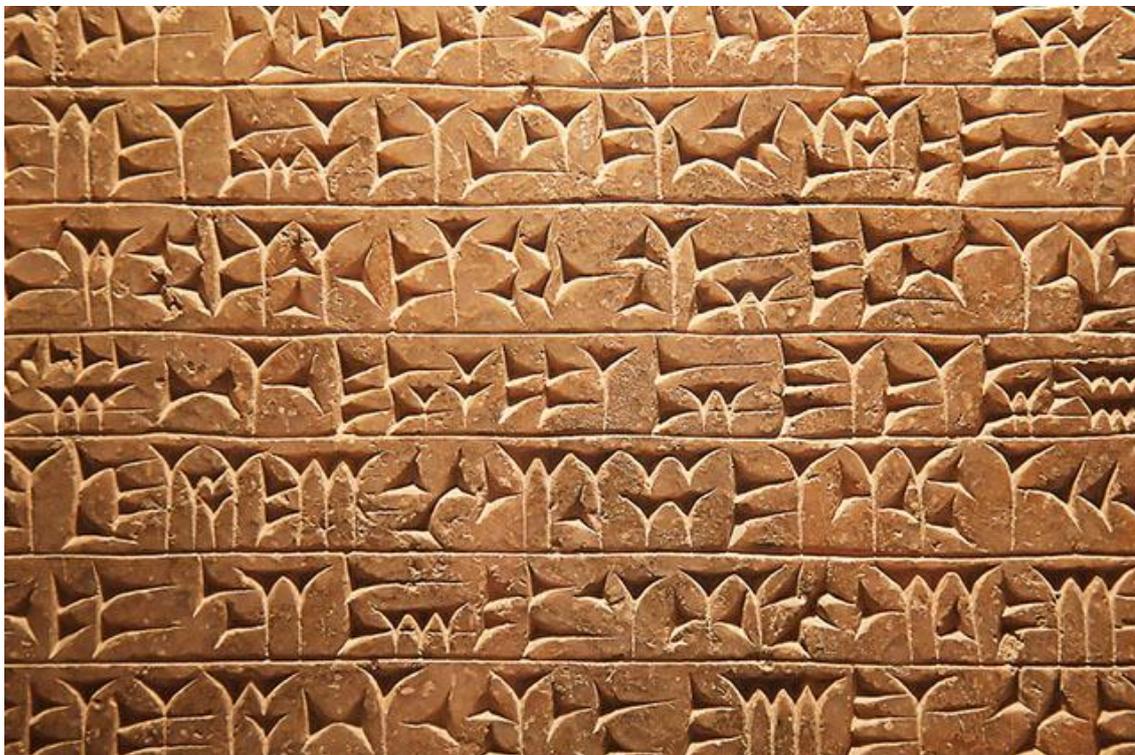
Há certo consenso entre os historiadores, que a necessidade do registro perdurável deu origem a escrita, que surge devido ao desenvolvimento das sociedades e crescente complexidade das relações comerciais (cobrança de impostos, registro de cabeças de gado, medidas de cereal etc.) Isto, em especial na região compreendida entre o leste do mar Mediterrâneo e o golfo Pérsico, conforme registros datados de cerca de 3.000 a.C. onde demonstram que os sumérios, na Mesopotâmia deram início a esta prática.

Inicialmente a escrita, tinha a forma pictográfica; essas figuras de escrita eram desenhadas com um instrumento pontiagudo sobre barro úmido, que era posto para secar e endurecer. Um pomar era retratado como duas árvores dentro de um barril, um recipiente de grãos era simbolizado com uma espiga de cevada, a cabeça de um boi acompanhada do numeral 3 significava 3 reses. Um dos propósitos da escrita era registrar gêneros alimentícios e os tecidos levados aos templos, que também serviam como armazém. (BLANEY 2012 p. 53.)

Posteriormente, os sumérios desenvolveram caracteres gráficos com propriedades silábicas para exprimir a língua por eles falada que originaram a criação do alfabeto, o qual

ficou conhecido como “escrita cuneiforme” em virtude de ser produzida em placas de argila com instrumentos feitos de junco com extremidades pontiagudas em forma de cunha.

Figura 1: Escrita Cuneiforme criada pelos Sumérios 3.200 anos a.C.



Disponível em: <https://br.depositphotos.com/cart.html>

A argila utilizada para impressão das informações a serem registradas, cai em desuso, dando lugar a um tipo de papel grosso, inventado pelos egípcios por volta de 2.700 a.C, produzido a partir da planta papiro⁷, que recebiam marcas produzidas por canetas feita de junco.

Nas vastas planícies que os dois rios gigantescos atravessavam, várias cidades nasceram durante um período de 2 mil anos, deixando placas oblongas feitas de barro, nas quais foram registradas listas com os nomes de seus reis e os primeiros dicionários. Deixaram para trás pequenos barris cozidos ao sol ou ao forno, contendo à sua volta vários escritos, dispostos em linhas, umas sobre as outras. O texto é surpreendentemente feito com grande capricho, com linhas retas levemente marcadas no barro molhado para guiar a escrita. (BLANEY, 2012 p. 55.)

Certamente a invenção da escrita, constituiu um dos eventos mais significativos e decisivos na história da evolução humana, determinando uma demarcação entre a pré-história e a história.

⁷Grande erva da família das ciperáceas (*Cyperuspapyrus*), própria das margens alagadiças do rio Nilo, na África, cujas compridas folhas forneciam hastes das quais se obtinha o papiro, material sobre o qual se escrevia. (FERREIRA, 2005)

Com o emprego de símbolos gráficos, utilizados para expressar quantidades, dimensões e valores, promovendo uma organização na transmissão de informações; a escrita inaugura um novo modelo de comunicação que permite a preservação da mensagem de modo original ao ser reproduzida, a intencionalidade da comunicação é preservada de modo que chegue ao(s) interlocutor(es) ou receptor(es) cujo a mensagem é endereçada de forma genuína; afastando-a das desvirtuações, situação que às vezes a oralidade propicia pela imprecisão da palavra, incapacidade de memória ou intencionalidade diversa expressada pelo canal intermediário da mensagem entre o indivíduo transmissor e o receptor.

Desde então, a escrita tornou-se um dos mais importantes instrumentos de registro da história da humanidade. Por conseguinte, a leitura, como tradutor da palavra cunhada sob a égide de sinais gráficos pretensa guardiã da intenção das expressões orais é um registro da palavra verbalizada de diversos idiomas e linguagens,

No ano de 105 a.C. é revelado na China a invenção do papel, evento considerado como gatilho disparador do advento da imprensa. Usando sinais gravados em blocos de madeira, tem início então a produção em série de livros, que antes eram escritos a mão, tornando-os muito caros e inacessíveis para a enorme maioria das pessoas.

Na Europa, no fim da Idade Média (1492), pela primeira vez a palavra falada foi desafiada como meio de comunicação pela máquina de impressão, ou imprensa, inventada pelo alemão Johann Gutenberg, era composta por uma prancha onde eram colocados os tipos (letras, números, símbolos gráficos) feitos de chumbo, e melados com tinta que ao serem “prensadas” sobre o papel, deixavam seu fac-símile. Esta invenção, datada de 1.434, foi um dos acontecimentos que mudaram a história da leitura da circulação de ideias, da própria humanidade.

A técnica de impressão sobre papel foi uma revolução social. a Europa estava pronta para ela e ansiosa por usá-la e melhorá-la, pois o fim do século 15 foi a época de seu despertar intelectual. A imprensa acelerou esse despertar. O desejo urgente de espalhar uma mensagem religiosa, primeiro para o budismo na China e depois para o cristianismo na Europa, havia sido um impulsionador significativo para a invenção e a utilização da imprensa. BLANEY, 2012. p. 88.

Figura 2: Gutenberg (à direita) manuseia um panfleto impresso em tipos móveis⁸.



A utilização da escrita, como mecanismo preponderante das sociedades humanas empregada para difundir o conhecimento, armazenar informações, celebração de pactos, tratados e contratos, e propagação de cânones culturais. A sua invenção, possivelmente é um dos momentos mais significativos na história da evolução humana, sendo considerada por muitos historiadores como uma demarcação entre a pré-história e a história.

Entretanto, a leitura precede a escrita, conforme podemos ler em Yunes (2003),

[...] embora a escrita tenha efetivamente feito avançar a razão lógica e a sintagmática do discurso – antes da escrita, os homens já tinham relatos organizados oralmente, com força extraordinária, capaz de mantê-los coesos e reconhecíveis entre si (identidade), homens para quem as experiências de mundo eram comuns (de comunidade). Tanto assim que tinham suas hipóteses sobre questões que até hoje nos atormentam, seus procedimentos próprios diante de situações desencadeadas pela natureza ou por seus relacionamentos entre si e com o mundo: os *mitos* não se elaborariam se não houvesse nenhum intento de sistematização e interpelação da perplexidade que disto resultava. Os homens “liam” criando códigos que desencadeavam simultaneamente a leitura. (YUNES 2003. p. 8).

Tal afirmação pode ser ratificada com o pensamento de Freire quando afirma que:

⁸Disponível em: <https://www.guiageografico.com/temas/imprensa.htm>. Acesso em: 24/08/19 às 12:48h.

(...) a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1989 p. 7).

E tal entendimento, sobre a leitura se clarifica ainda mais com a explicação fornecida pelo biólogo e escritor moçambicano, Mia Couto, em uma Intervenção realizada no Congresso de Leitura (COLE), sob o título “Quebrando armadilhas”, na cidade de Campinas-SP no ano de 2007.

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não lêem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros. (COUTO, 2009, p. 55).

Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientação para os professores, visando padronizar metodologias a fim de assegurar um avanço nas competências leitora e escrita do estudante brasileiro, haja vista que o domínio de tais habilidades apontam que o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para uma efetiva participação social dos estudantes, pois lhes garante a comunicação, oportuniza o acesso à informação, auxiliando-os na melhoria de sua forma de exteriorização e defesa de suas perspectivas e visão de vida. Este documento vem corroborar o pressuposto de que é por meio da linguagem que se pode compartilhar ou construir interpretações de mundo, e gerar conhecimento.

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. A necessidade de atender a essa demanda, obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução. (PCN, 1998, p. 23).

Tendo em vista tais preceitos, e acreditando que o estudo da leitura não deve ser deixado ao encargo apenas da disciplina de Língua Portuguesa ou Literatura, é que nos motiva a experimentação da metodologia TDC na práxis deste estudo em outras matérias e em espaços diversos da escola.

1.2 Tertúlias Dialógicas Científicas

As Tertúlias Dialógicas caracterizam-se em metodologias de acesso ao conhecimento científico clássico universal e tem seu aporte teórico pautado nos princípios da Ação Comunicativa defendida por Habermans, (1992), pela Teoria da Dialogicidade professada por Freire, (1994) e pela Aprendizagem Dialógica difundida por Flecha (1997). Sendo assim, tem seu escopo no diálogo igualitário, portanto democrático, uma vez que os participantes da Tertúlia não necessariamente precisam ser alfabetizados, os que ainda não se fizeram leitores proficientes podem participar interagindo com os demais participantes dessa atividade.

Os pressupostos elementares da Aprendizagem Dialógica que lastreiam as Tertúlias Dialógicas são: 1 - Diálogo igualitário; 2 - Inteligência Cultural; 3 - Dimensão Instrumental da Educação; 4 - Solidariedade; 5 - Criação de sentido; 6 - Transformação; 7 - Igualdade de diferenças. Partindo desses pressupostos inferimos que através das tertúlias,

[...] todo mundo pode sonhar e sentir, dar sentido à nossa existência. A contribuição de cada um é diferente da do resto e, portanto, irrecuperável se não temos em conta cada uma delas. Cada pessoa excluída é uma perda irreparável para todas as demais. Do diálogo igualitário entre todas é de onde pode ressurgir o sentido que oriente as novas mudanças sociais para uma vida melhor. (FLECHA, 1997, p. 35).

As Tertúlias Dialógicas, nessa perspectiva, fomentam diálogos sobre os clássicos universais e sobre os diversos e díspares conhecimentos da área das ciências engendrados ao longo da existência humana, entre pessoas de várias culturas, gêneros e idades distintas.

Outras conformações de Tertúlias são encontradas na literatura; a saber: Tertúlia Literária Dialógica, Tertúlia Dialógica Musical, Tertúlia Dialógica de Artes; Tertúlia Dialógica de Matemática e a Tertúlia Dialógica Científica – TDC.

Todas as tertúlias, destacando-se aqui a TDC, apesar de fomentarem discussões a partir de temas específicos de suas áreas, todas elas, atuam no sentido de informar e subsidiar os participantes de argumentos para suas defesas de pontos de vista. E é através desses intercâmbios de conhecimentos entre os sujeitos participantes dessa atividade de leitura que, por conseguinte, ocorre a promoção e a dilatação dos saberes que resultarão em informações de diversas áreas para todos os envolvidos. Nesse sentido,

As Tertúlias Científicas fortalecem o diálogo entre as ciências e sociedade, estreitam relações e reforçam a capacidade dos participantes de questionar,

buscar informações e discutir os grandes mistérios debatidos pela ciência. (COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM⁹, 2013, p. 15)

As atividades de fomento à leitura têm como principal objetivo fomentar a formação do leitor cidadão e, em nossa pesquisa, implementar ações de incentivo ao avanço dos educandos na compreensão dos conteúdos relacionados ao programa de ensino das disciplinas Ciências e Biologia. Na esteira desse pensamento Freire (1996) reitera que: “uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a comunicabilidade” (p.140).

Nesse sentido, a TDC objetiva discutir, reelaborar, promover a leitura e as (des) leituras dos conceitos relacionados às ciências ao longo da existência humana, partindo da leitura do clássico da literatura naturalista brasileira *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Dessa forma, a Tertúlia Dialógica Científica apresenta-se como um recurso didático-metodológico nas práticas leitoras em sala de aula capaz de estimular a intersubjetividade entre seus participantes além de estender o cabedal de conhecimentos científicos e de mundo, dos que a vivenciam.

Vale destacar que essa metodologia de estímulo à compreensão leitora dá-se através de leituras compartilhadas na formatação de círculo podendo fazer parte qualquer sujeito independente de sua formação cultural. Nesse processo de leitura e socialização das compreensões do texto, por parte dos membros da TDC, conta-se ainda com a contribuição de um moderador e um relator que exercem funções muito importantes; o primeiro registra os nomes dos participantes que desejam socializar suas inferências garantindo uma sequência dessas falas e estimulando o respeito à vez da fala de cada membro, ao passo que o segundo registra essas inferências e ao final publicizar as memórias da tertúlia no próprio grupo.

Ainda falando quanto à participação do moderador e sua efetiva importância na realização da tertúlia, é importante destacar que, embora tenha um papel de vital importância na garantia da aplicação dos princípios da aprendizagem dialógica, esta atribuição não lhe outorga valor hierárquico sobre os demais participantes, aliás, conforme já informado, é preceito básico das tertúlias dialógicas a não hierarquização dos participantes e, sendo assim, ele não poderá valer-se desta função para impor suas ideias como a correta ou incontestável, pois sua função será sempre a de garantir a palavra a todos que desejem se pronunciar expondo

⁹ “Este caderno é elaborado pelo CREA - Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona”.

seus argumentos e reflexões para produzir uma discussão em busca de um consenso, ou não, e que sempre serão resultantes das proposições expostas pelos participantes do grupo. De acordo com Girotto (2007),

[...] a pessoa mediadora não pode impor a sua palavra como verdadeira, mas permitir que todas as pessoas possam colocar seus argumentos, refletir e discutir com a intenção de se chegar ou não a um consenso sobre o argumento provisoriamente válido. Na atividade, nenhum argumento está posto como concluído, pois as afirmações feitas em cada encontro podem ser questionadas em outros momentos. (GIROTTI, 2007, p. 69).

Dessa forma, pode-se afirmar que as práticas educativas que não estejam contextualizadas com a vivência dos educandos, pouco contribuem para uma aprendizagem significativa. Na esteira dessas afirmações comunga-se com o pensamento de que,

torna-se imprescindível, então, o estabelecimento de novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de constituição dos saberes, para que os aprendizes se desprendam dos cursos uniformes ou rígidos que não correspondem a suas necessidades reais e as especificidades de seu trajeto de vida (LEVY, 1999, p.169).

Desse modo, na intenção de diversificar de maneira significativa as atividades de fomento à leitura, torna-se condição *sinequa non* que as várias agências da formação leitora, lancem mão de estratégias pedagógicas capazes de contextualizar o ensino e a aprendizagem de forma substantiva. Dessa maneira Freire (1996, p.52) nos alerta para o fato de que: “saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas sim criar possibilidades para sua produção ou sua construção”. E é com base na realidade da educação brasileira e nos dados apresentados pelas agências que medem a proficiência leitora do aluno brasileiro que se problematiza a eficácia das estratégias mais usuais, no processo de fomento à formação leitora empregados pelos professores. Destarte, defendemos que a aplicação da TDC promove a dilatação do conhecimento e efetivamente concorre para formação de leitores proficientes.

A tertúlia é uma atividade que se diferencia das demais não apenas pelo seu caráter dialógico, mas também pela sua organização e funcionamento. Uma definição bem clara de seu funcionamento pode ser encontrada nas palavras de Flecha (1997):

A Tertúlia Literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas lêem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar o significado atribuído aquele parágrafo. O diálogo vai sendo construído a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece

como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea. (FLECHA, 1997, p. 17 e 18).

A atividade se organiza de maneira que o grupo possa selecionar o livro de literatura clássica que deseja ler. Esta leitura geralmente se faz em casa e depois os participantes se encontram uma vez na semana, em horário fixo e acordado por todos, para discutir aquilo que tenha impactado mais. Mais uma vez, está presente a solidariedade do grupo, já que todos os membros podem compartilhar seus sentimentos e reações com os demais participantes. GIROTTI, p, 89-90.

1.3 Por que “O Cortiço”?

Como aluno da disciplina Estágio de Docência do curso de Mestrado em Educação – PPGE – UEFS, realizei estágio na disciplina em Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências e Biologia II, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, tendo como docente a Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Alencar Serra e Sepúlveda e que tive a oportunidade de participar da organização da décima primeira edição da exposição itinerante intitulada: “Ciência, Raça e Literatura” que, embora já houvesse visitado por várias vezes e participado no auxílio do planejamento e montagem de uma parte do acervo da exposição, mostrada como uma ação educacional durante o TRANSFORMAÊ¹⁰ 2017 no Instituto de Educação Gastão Guimarães, com um estande intitulado: Mulheres, Raça e Ciências, até então não havia tido a oportunidade de vivenciar a criação da logística e formulação da dinâmica da sua apresentação e funcionamento. Segundo Sepúlveda e Dias (2017, p.1)

A exposição itinerante ciência, raça e literatura compreende uma intervenção educativa construída colaborativamente e com nove edições desde seu início no ano de 2013. Nela são abordados recortes históricos sobre a construção, uso e apropriação do conceito de raça pelas ciências naturais e sua relação com a sociedade.

Minha participação ocorreu no planejamento das visitas guiadas da 11^a edição da referida exposição, realizada no Colégio Estadual Professora Maria José de Lima Silveira, no distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana-BA, colaborando com a estruturação de possíveis

¹⁰TRANSFORMAÊ: VIRADA EDUCACIONAL BAHIA tem como base um dos eixos do Programa Educar para Transformar – Um Pacto pela Educação, o eixo 5 “Integração Família e Comunidade”. É um movimento educativo-cultural, proposto pela Secretaria da Educação do Estado às unidades escolares da Rede Estadual de Ensino, com o objetivo de potencializar a produção científica, artística, literária, cultural e social da unidade escolar com a participação do coletivo da comunidade local. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/transformae>> acesso em: 18/04/18.

roteiros de visita, e acompanhamento dos visitantes na ação educacional, auxiliando-os na mediação dos artefatos da exposição.

Durante os três dias da Exposição, os alunos tiveram a oportunidade de participar de dinâmicas (Figura 3) e realizar visitas guiadas com os monitores os quais, em alguns momentos expunham ou apenas informavam sobre as peças expostas, em outros momentos convidavam à reflexão de forma crítica sobre elas.

Entre as diversas situações que despertaram atenção, duas, para mim, em especial se destacaram: 1) a questão da alteridade, a incapacidade da maioria dos visitantes, não se reconhecerem ou não perceberem o paralelismo entre algumas das situações apresentadas na Exposição e suas respectivas histórias de vida.

Figura 3: Alunos participando da Exposição Ciência Raça e Literatura no Colégio Estadual Maria José Silveira. (foto desfocado para preservar a identidade dos participantes)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Mesmo quase a totalidade sendo jovens homens e mulheres negros, moradores da zona rural, vizinhos da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos (muito deles oriundos desta localidade) e 2) Percebi que alguns alunos visitantes, ao se depararem com as figuras sacras

(Figura 4) de religiões de matriz africana, davam às costas e rapidamente se retiravam da Exposição em um nítido gesto de preconceito e intolerância religiosa. Entretanto, outros alunos demonstravam imensa curiosidade sobre os artefatos e as histórias sincréticas narradas pelos monitores; interessante ainda foi perceber muitos dos alunos demonstrarem conhecimentos sobre o Candomblé, mas sempre salientarem não serem praticantes de tais preceitos, com modos de quem se justifica aos colegas que os ouvia com receios de serem criticados.

Figura 4: Peças sobre tecnologias africanas e divindades do Candomblé.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A participação mais efetiva na Exposição, tornando-me mais próximo destas questões que sempre me causaram desconforto, mas nunca tive a oportunidade de aprofundar e que sinto ser uma demanda latente e incômoda que se fazia contida pela falta de oportunidade de aprofundamento nesta discussão, junto a duas situações narradas percebidas no comportamento da maioria dos alunos de forma mais evidente, que, apesar de jovens, continuam a ratificar, com suas atitudes nitidamente preconceituosas, os valores hegemônicos de nossa sociedade que guarda fortemente traços coloniais, fez despertar em mim o desejo de aproximação do tema

raça, ciência e literatura a pesquisa com as questões então contextualizadas, em especial a literatura.

A pretensão de promover uma discussão sobre as possibilidades de uso dos pressupostos teóricos metodológicos da TDC e seu potencial na promoção do letramento científico para ações de educação das relações étnico-raciais, me conduziu à busca, entre os elementos de literatura presentes na Exposição, de algum que se articulasse aos propósitos da pesquisa, e que contemplasse este intuito, o que levou à escolha do romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pelo qual já nutria uma grande admiração.

A escolha d’*O Cortiço* também vem contemplar o cumprimento da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” haja vista o romance trazer em seu cerne questões relacionadas ao processo de escravização e subjugação dos nativos africanos capturados e transportados como mercadorias sob péssimas condições de salubridade e respeito pela condição humana, em porões de navios. O livro traz o contexto histórico vivenciado na formação dos grandes centros urbanos e a ocupação de áreas degradadas ou em condições mais inóspitas da periferia das cidades por pessoas desfavorecidas financeiramente, em sua maioria, quase sempre formado por grupos de negros, pardos e estrangeiros (italianos e portugueses) atraídos por recrutadores para o Brasil sob a promessa de “fazer fortuna”, mas transformados em mão de obra barata e participantes de um projeto de eugeniação do país.

Ainda como justificativa e sustentação pela escolha da utilização do romance *O Cortiço*, se deve pela sua riqueza na composição dos personagens e enredo, apresentando-se como uma amostra da forma como a questão racial no Brasil tem sido abordada, em especial pela escola naturalista de literatura.

1.4 Quem é Aluísio Azevedo?

Feita esta escolha, fez-se então necessário conhecer um pouco sobre o autor, na sociedade em que vivia, sua atuação como cidadão nas grandes questões debatidas no fim do Império e início da República, período em que vivenciou tais mudanças políticas do país e sobre quais condições foram elaboradas a obra *O Cortiço*.

Nascido em 14 de abril de 1857, em São Luís, capital do estado Maranhão, Aluísio Tancredo de Azevedo, registrado inicialmente como filho natural de David Gonçalves de Azevedo em julho de 1864, só obteve reconhecimento formal da sua paternidade após a morte do marido legítimo de sua mãe, Emília Amália Pinto de Magalhães; o que garantia a Aluísio e seus irmãos todos os direitos e as prerrogativas que a lei concedia aos filhos naturais.

David Gonçalves Azevedo era comerciante, muito bem querido pela sociedade ludovicense, tido como homem honrado e culto, encontrava-se viúvo há alguns anos quando conheceu D. Emília Amália Pinto de Magalhães, que havia fugido do casamento que lhe fora imposto ainda muito jovem, por conta dos maus tratos e desrespeito infligido pelo marido Antônio Joaquim Nabuco, que tinha como amante uma escrava negra que se apresentava em público, e até mesmo na presença da esposa.

Tais situações, de troca da esposa por amantes escravas, não eram incomuns àquela época; entre os diversos episódios encontrados nos registros históricos, temos o caso relatado em um jornal de Taubaté, cidade do interior paulista, em 1863.

(...) a escrava Josefa, que agrediu a sua senhora em uma determinada festa noturna, com seu senhor Antônio Ferreira dos Santos. A esposa, Ana Maria, incomodada com a festa, pediu ao seu marido que desse o fim no divertimento. Entre esses escravos se encontrava uma negra chamada Josefa. No artigo, assinado por “Um visinho”, refere a essa negra como “a rainha da orgia”. Essa negra era amasiada de seu senhor, que ofendida pela sua senhora agride-a fisicamente, tomando uma foice para matá-la, quando seu senhor intervém na briga (O Paulista, 18/jan./1863: 4, Ano I, nº 17). (...) A escrava Josefa é condenada com 200 açoites e o uso de um ferro no pescoço por um mês. O senhor, insatisfeito com a condenação da sua escrava, tenta achar um caminho na lei para evitar essa punição... vai apressado ao cartório, passa uma carta de liberdade a favor da mesma escrava, e com essa vai requerer que ella seja posta em liberdade! (O Paulista, 26/mar./1863: 2 e 3, Ano I, nº 17). (SANTOS, 2015, p.11).

Segundo a historiadora Adriana Dantas Reis Alves, muitas solicitações de divórcio no século XIX foram motivados por relações de senhores com suas escravas ou mulheres de cor (NARLOCH *apud* ALVES, 2017 p. 127).

Um outro caso é onde Maria Ana Rita de Meneses, mulher branca que casou aos 12 ou 13 anos, escreve uma carta, utilizando-se de termos jurídicos próprios do Século XIX, suplicando ao Rei de Portugal o divórcio.

[...] passou a suplicante a viver em desprezo do suplicado, que surdo a rogos, insensível a lágrimas não reconhecia a razão [...] no mesmo dia em que foi

para casa do suplicado passou este a dormir no próprio aposento com duas escravas [...] as quais por isso se fizeram tão insolentes, que passaram a fazer da suplicante objeto dos seus desrezos [...] admoestando sempre o suplicado com palavras infames e obscenas; e tentando esta castigar uma das mais animosas por suas próprias forças, se atreveu aquela a lançar-lhe as mãos a garganta, e levá-la debaixo de si aonde acabaria a vida da suplicante, se as vozes não acudisse o suplicado, e a escrava se não detivesse incerta no partido dele, que foi o de pegar em um dos braços da suplicante, e com feroz ímpeto adverti-la de que era aquela mulher liberta, apresentando então a carta, que lhe havia passado, e que fez ler como pregão da sua cegueira, e quartel contra a desgraçada suplicante que caiu por morta, e acabaria de todo a faltar-lhe o socorro de algumas pessoas compadecidas [...]. (XAVIER, 2012, p. 27).

Tendo em vista a tais acontecimentos, de troca de esposas brancas por escravas, serem frequentes, e a situação de submissão e desrespeito em que viviam as esposas; a escolha de D. Emília de fugir de casa, é compreensível, porém nem por isto aceita pelo marido ou pela sociedade,

Incapaz de suportar mais tal infâmia, Dona Emília resolveu fugir com sua filha. Era uma decisão insensata num meio onde o espírito de clã dominava todos os aspectos da vida (político, social, econômico). Constituía-se num mau exemplo para todas as mulheres que padeciam da mesma sorte. Seu gesto ameaçava a ordem estabelecida. Ela se colocava, portanto, a margem da sociedade. (MÉRIAN, 1988, p. 38)

Tal atitude veio lhe custar não somente críticas e escárnio, mas atentados contra a sua vida.

Não me faltaram, então, injurias, admoestações, ameaças e até tentativa contra a minha existência. Quiseram arrancar-me à força do teto hospitaleiro onde me abrigara. Mandaram-me, por vezes, doces envenenados em nome de minhas amigas, que se tornaram muito poucas após a minha desgraça. (MÉRIAN, 1988, p. 38)

Estes acontecimentos ocorreram à D. Emília antes da chegada de David Gonçalves de Azevedo a São Luís, que leva a crer, que sua relação com ela não deve ter sido algo tão imediato devido à clausura em que ela vivia, ocupando-se da educação da filha e costurando para gerir sua subsistência.

Após alguns anos, Antônio Joaquim Nabuco, mudou o seu comércio para o Rio de Janeiro, vindo alguns anos a falecer, só então depois é que D. Emília Amália e David Gonçalves vieram a viver juntos, mesmo assim, enfrentando hostilidade da sociedade que considerava imoral tal enlace.

Filho de uma família numerosa, possuía cinco irmãos, as questões financeiras criaram limitações à sua formação acadêmica, não conseguindo finalizar os estudos secundários¹¹, ou aprofundar seus estudos de pintura que era sua grande paixão; entretanto, seus pais, responsáveis por sua formação inicial, eram bastante cultos, possuindo uma grande biblioteca particular, a qual contribuiu sobremodo para sua boa formação cultural.

Além da biblioteca em sua residência, Aluísio tinha a sua disposição, os livros do Gabinete Português de Leitura em São Luís do Maranhão, cujo seu pai era presidente. Em meados da década de sessenta do século XIX, ele contava com um acervo de quase 5.000 volumes, entre livros, periódicos, folhetins e poesias portuguesas ou traduzidas do francês. As obras mais recentes, publicadas na Europa, celeremente eram obtidas. O acervo também contava com publicações locais e exemplares dos principais jornais publicados no Rio de Janeiro.

Seus estudos formais se deram no Liceu Maranhense, tradicional instituição pública de ensino médio fundada em 1838 e localizado em São Luís-MA, historicamente considerado um símbolo de referência na área de educação.

Foi nesta época, aos doze anos, que Aluísio veio a se conscientizar do escândalo que a escravidão constituía para sua província e seu país, conforme narra no conto autobiográfico *O Pensador*, quando ao se deparar com um escravo preso a um tronco¹², no interior do Convento de Nossa Senhora do Carmo, a experiência fica marcada para o resto de sua vida.

[...] E à proporção que meus olhos se habituavam à escuridão fui descobrindo num dos cantos da prisão um desgraçado mulato, preso pelas pernas num tronco. Eu não sabia ainda o que diabo era um tronco e só com dificuldade cheguei a conceber aquele instrumento abominável de suplício [...]. Fiz-lhe algumas perguntas a respeito daquele suplício. Ele respondia com a maior calma, como se aquilo fosse a coisa mais natural deste mundo [...] Quando saí dali estava aborrecido e triste. Aquele castigo covarde e torpe. Aquele desrespeito à moral cristã e social indignavam-me a ponto de despertar-me no coração uma ideia má: tive vontade de incendiar o convento.

[...] considereei minha pátria uma terra miserável: porque consentia, autorizava com uma lei escandalosa, o escravo.

Já lá se vão doze anos e entretanto o escravo de Nossa Senhora do Carmo está vivo em minha memória como se eu o tivesse visto neste instante. Foi ele

¹¹ Atualmente denominado de Ensino Médio.

¹²Tronco foi o nome dado a um instrumento de tortura e humilhação, com função semelhante à do pelourinho. Em termos gerais, era constituído por uma estrutura de madeira com buracos e quase sempre correntes, onde os membros dos supliciados eram presos. Geralmente era colocado num local onde o castigo pudesse ser visto por outros, a título de exemplo. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tronco_\(instrumento_de_tortura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tronco_(instrumento_de_tortura)); acesso em: 25/06/2018 às 19:22h

quem me despertou a primeira ideia da liberdade, devo talvez a esse desgraçado o grande ódio que voto hoje a tudo que é despótico e opressor. (MÉRIAN, 1988, p. 52, 53).

Devido à perspectiva de seu pai, que seria necessário dá aos filhos uma profissão, já que não havia fortuna a ser herdada, ainda adolescente, Aluísio teve diversos trabalhos como auxiliar de comércio e balconista, realizando serviços de limpeza da casa, e dos móveis, lidando quase sempre com comerciantes grosseiros, e patrões mal humorados. Além de aguentar as brutalidades de seus patrões, ganhava apenas o alimento necessário que parecia dado como esmola. Ele começou a trabalhar desde os doze anos de idade no intuito de aprender uma profissão que, conforme seu pai lhe incutia seria uma maneira de lhe garantir uma vida material descecente, já que em São Luís não se apresentavam muitas oportunidades de se progredir. Desta forma, experimentou inúmeros trabalhos: foi mestre-escola¹³, despachante da alfândega, guarda-livros, desenhista de jornal, cenógrafo, professor particular de desenho, jornalista, retratista, e até gerente de um hotel, e tudo isto antes de completar vinte anos de idade.

Figura 5 - Aluísio Azevedo aos 18 anos, em São Luís-Maranhão.



Fonte: MÉRIAN, 1988, p. 94.

A mediocridade que ele percebia na atividade de caixeiro muito lhe incomodava, e encontrava-se distante de suas pretensões artísticas, além do mais, no Maranhão não se apresentava alternativas de trabalho que contemplasse seus sonhos. Tendo em vista esta má

¹³ Professor de instrução primária; mestre de meninos, mestre de primeiras letras.

perspectiva de futuro e estimulado por seu irmão Artur Azevedo, estabelecido há dois anos no Rio de Janeiro e que começava a ser conhecido como autor dramático, poeta e jornalista, mudou-se então para o Rio de Janeiro em 1876. Vindo a entrar em um novo mundo, até então que lhe era desconhecido, pelas mãos de seu irmão mais velho.

A cidade do Rio de Janeiro era considerada uma metrópole-modelo, o cartão de visitas do país, a sede do Império. A metrópole avançava com o mundo da telegrafia sem fio, a energia elétrica¹⁴, e intercalava os grandes avanços tecnológicos com migrantes, estrangeiros, mestiços, marinheiros, ricos, pobres, enfim, com uma infinidade de pessoas em busca de novas oportunidades. Porém, a cidade também já apresentava muitos problemas; alguns meses antes da chegada de Aluísio ao Rio de Janeiro, o *Gazeta de Notícias*, em sua edição de 18 de junho de 1876 publica a seguinte nota sobre o título “Saúde pública e limpeza da cidade”.

Na cidade, os trabalhadores “livres”, geralmente imigrantes italianos e portugueses, viviam em condições semelhantes às dos pretos e mulatos. [...] Dentro desta cidade em que estamos, há outras pequenas cidades que ninguém vê, a não serem os seus moradores. No meio de uma quadra de casas, há um pequeno portão, com um longo corredor, e no fim um pequeno pátio circundado de verdadeiros pombais onde vive uma população. É aí o cortiço. [...] E esses cortiços não os vemos nós, e muitas autoridades não os conhecem. E a razão é fácil de perceber, enquanto a essa última circunstância: os habitantes dessas moradias da nossa “cidade oculta” são pacíficos e laboriosos, entregando-se de dia ao trabalho de que vivem e descansando de noite das fadigas quotidianas. Apesar de em tão pequeno espaço se reunir tanta gente, e de não ser ele policiado raras vezes necessita a autoridade entrar ali para conter a ordem. O sossego é tão profundo nestas habitações como a imundície.

De modo como se prenunciava a leitura de uma página do “*O Cortiço*”. E foi sob esta perspectiva sobre a ocupação urbana que ele aporta no Rio de Janeiro, permanecendo ali, inicialmente, por dois anos.

Aluísio chega a capital do Império com o desejo maior de conseguir pequenos ofícios que lhe garantissem a sobrevivência mínima vital e poder aperfeiçoar-se na pintura, mas consegue apenas matricular-se na Academia de Belas Artes como aluno ouvinte nas aulas de modelo vivo.

¹⁴Em 1881, a Diretoria Geral dos Telégrafos instalou, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira iluminação externa pública do país em trecho da atual Praça da República.

Durante os dois anos e meio da primeira vez em que morou no Rio de Janeiro viveu, numa pensão do bairro de Santa Tereza, convivendo em um círculo de jovens intelectuais, escritores, artistas e políticos, que marcaram a vida cultural, social e política do último quarto do século XIX. Em 1880, fez uma lista dos amigos que tinha no Rio de Janeiro, destacando três deles: o positivista Teixeira Mendes, o médico José Lopes da Silva Trovão e do farmacêutico, jornalista e um dos principais expoentes do movimento abolicionista: José do Patrocínio. Reuniam-se em torno das ideias que lhes eram comuns do republicanismo e abolição da escravatura.

As ideias positivistas e o sentimento contrário ao Império do Brasil já lhe era manifesto quando ainda encontrava-se em São Luís, contudo, o convívio com esses homens, aprofundou seu conhecimento da filosofia positivista, que o fomentou a expressar em vários poemas e desenhos suas ideias.

1.4.1 Preocupação social - os problemas de seu tempo.

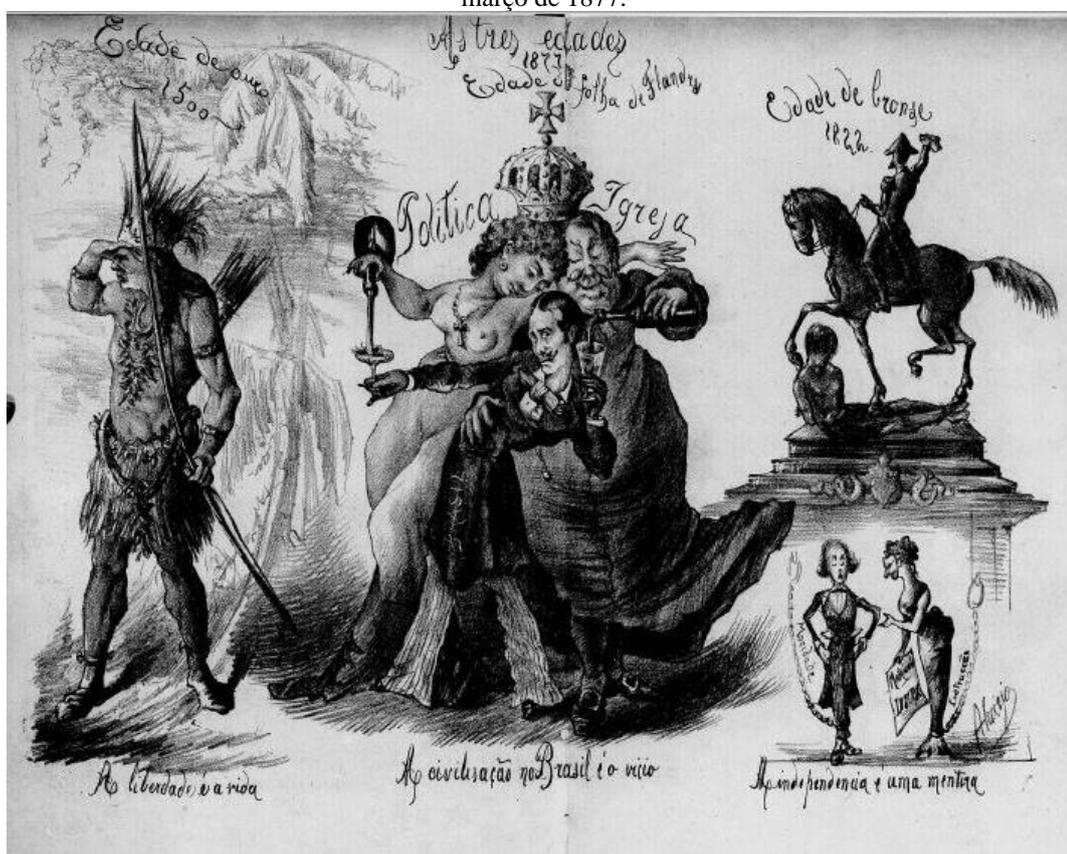
É evidente a preocupação social apresentada por Aluísio, que tem oportunidade, por muito ansiada, de demonstrar isto publicamente. A morte do caricaturista Luigi Bargomainerio, vítima da febre amarela, em março de 1876, veio dar-lhe esta oportunidade, o jornal *Fígaro* estava precisando de um desenhista, e Artur Azevedo, que trabalhava para vários jornais, inclusive O Fígaro, facilitou a contratação de seu irmão Aluísio, que deu início a sua carreira de cartunista em maio de 1876.

Desde os anos de 1850 a imprensa gozava no Brasil, de uma liberdade talvez única no mundo. A utilização de testas de ferro permitia a publicação de “comunicados” sobre qualquer assunto e qualquer pessoa sem se correr qualquer risco perante a justiça. (MÉRIAN, 1988, p.103).

Não só como romancista Aluísio Azevedo se destacou, também se distinguiu como caricaturista de revistas ilustradas ao lado de outros profissionais do ramo em sua época, tais como Ângelo Agostini e Bordalo Pinheiro. Seu trabalho nesta área deixa evidenciado o engajamento social, com posições bem demarcadas como republicano, abolicionista e anticlerical. Nas revistas O Fígaro e O Mequetrefe atuou intensamente, fazendo disso não só um meio de vida, mas também um arauto de seus ideais, deixando a marca do seu traço nas páginas daqueles periódicos, expondo os hábitos e costumes, das figuras públicas e dos políticos expoentes e satirizando as autoridades. Poucos escaparam de sua ironia e de suas irreverências, que atingiram até mesmo o clero de quem se tornara inimigo obstinado.

Um exemplo desta “pena afiada” pode ser visto na caricatura intitulada as “três idades do Brasil” (figura 06), em que Aluísio Azevedo satiriza o imperador, o colonialismo e a igreja. A *Idade do Ouro* está representada sob os traços de um índio antes da chegada dos portugueses. A *Idade do Bronze* é representada pela Independência, apresentada como uma mentira, assume o aspecto de um imperador cujo cavalo pisoteia o povo acorrentado. A época contemporânea é denominada *Idade da Folha de Flandres*. Segundo Aluísio Azevedo, a civilização no Brasil é um vício. O Brasil aparece como um bêbado corrompido por uma prostituta (a Política) e um padre depravado que simboliza a Igreja.

Figura 6 - As três idades da República. Charge de Aluísio Azevedo, publicado no folhetim O Mequetrefe, n. 94, março de 1877.



Acervo digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em:
<http://bndigital.bn.br/acervodigital/mequetrefe/709670>

Alguns temas abordados por Aluísio tentavam chamar a atenção do povo para males que afligiam a cidade do Rio de Janeiro e a nação: a escravidão, os cortiços, a febre amarela e a falta de preocupação com a saúde pública.

1.4.2 Aluísio e a Ciência.

Identificado com a escola literária naturalista, Aluísio valorizava a instrução, a ciência, o progresso e a higiene. O seu interesse de unir a ciência e a realidade social em que vivia torna-se evidente em suas obras canônicas. Teorias como o positivismo, o determinismo, o evolucionismo, são apresentadas de forma bem manifesta no romance naturalista *O Cortiço*.

Influenciados pelas teorias das ciências experimentais da época o aspecto materialista da existência humana é axiomático, o homem seria um simples produto biológico cujo comportamento resultava da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica.

Aluísio procurava considerar, que seria a ciência o conhecimento singular; substituindo assim, a visão subjetiva predominante na literatura produzida pelos autores românticos, por uma visão inteiramente objetiva; buscava subsídios do conhecimento científico dos que lhe avizinhava na composição dos personagens de seus romances.

Através do convívio com seu vizinho e amigo, Alcides Flávio, estudante de medicina, Aluísio frequentou hospitais, e por diversas vezes buscou referências com médicos. Na época, a patologia do sistema nervoso e a alienação mental interessavam não apenas aos médicos. Alguns cientistas, como por exemplo, Pierre Janet (1859-1947), Jean Martin Charcot (1825-1893), Joseph J. F. Babinski (1857-1932) se dedicavam ao estudo das desordens mentais e emocionais, acompanhando pacientes onde estas se manifestavam incluindo os histéricos. É bem possível que Aluísio Azevedo tenha se inteirado dos estudos acerca da histeria com os médicos com quem convivia na época. (AGIBERT 2010, p. 11).

As noções de psicopatologia e de fisiologia, presentes em seus romances, acredita-se ser fruto do contato com Alcides Flávio¹⁵, que à época, escrevia uma tese sobre histeria¹⁶ e auxiliava-o no subsídio científico. Por exemplo, Dona Marciana, uma das personagens d'*O Cortiço* em situações em que era contrariada jogava água no ambiente, não aceitou a gravidez da filha e acabou sendo internada num hospício.

¹⁵Alcides Flavio é pseudônimo do pediatra brasileiro Antônio Fernandes Figueira (1863-1928). defendeu em 1887 sua tese intitulada *Condições patogênicas e modalidades clínicas da histeria*. Dedicando-se à pediatria, foi clinicar em Simão Pereira, distrito do Município de Juiz de Fora. Em 1895 conquistou o prêmio *Alvarenga*, da Academia Nacional de Medicina, apresentando a monografia: *Diagnóstico das cardiopatias infantis*.

¹⁶A histeria corresponde a uma classe de neuroses, identificada desde a época de Hipócrates atribuída, na Antiguidade ao mau funcionamento do útero (*hysterion*). Janet e Charcot dirigiram a atenção médica para a histeria ao final do século XIX. Freud, influenciado pelo último, começou a investigar com Breuer os mecanismos psíquicos envolvidos na moléstia. No decorrer de seus estudos, descobriu a fantasia inconsciente, o conflito, a repressão, a identificação e a transferência, assinalando o começo da psicanálise. Freud explicou os sintomas histéricos como sendo o resultado de lembranças e fantasias sexuais reprimidas que eram convertidas em sintomas físicos. [Burness E. Moore, Bernard D. Fine; trad. José Octávio de Aguiar Abreu. *Termos e conceitos psicanalíticos* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1992), p. 87].

As ideias positivistas de Auguste Comte, também seduziam Aluísio, e compunha sua ideologia de vida. Defendia o determinismo social, e acreditava que as condições existentes na sociedade seriam constantes e imutáveis (a ordem) assim como também as leis que regiam seu desenvolvimento (o progresso).

A vista disto utilizava o positivismo e o Naturalismo em sua obra para se opor ao *status quo* imperial, o que o colocava em sintonia com outros jovens intelectuais do final do Século XIX com as reivindicações brasileira, e que resultaria mais tarde em nossa Proclamação da República.

Como escritor, Aluísio Azevedo procurou viver através do que escrevia no final do Império e no início da República, situação que não era fácil, apesar de seu sucesso como escritor. Contudo, Aluísio foi cônsul, seguindo os caminhos de seu pai, que foi vice-cônsul de Portugal no Maranhão. Em 1895, prestou concurso na Secretaria do Exterior e acabou nomeado vice-cônsul em Vigo (Espanha). No ano de 1897 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (Cadeira nº 4). Desde então foi transferido para o Vice-consulado de Iokoama (Japão) e em 1899 tornou-se cônsul sem vencimentos em La Plata (República da Argentina).

De 1895 a 1913, durante os 16 anos em que foi cônsul Aluísio Azevedo, não deixou de publicar por falta de inspiração nem por desencanto com as letras, em virtude de seu afastamento do Brasil, mas pelo contrário, por causa das novas atribuições relacionadas à carreira de diplomata (AGIBERT, 201, p.13).

Em 1912 Aluísio Azevedo foi atropelado por um carro e, um ano depois, sofreu uma crise cardíaca. Faleceu em Buenos Aires, como cônsul do Brasil, em janeiro de 1913, aos 56 anos de idade.

Como precursor da escola de literatura naturalista no Brasil, Aluísio Azevedo, tem como suas principais obras neste gênero: O Mulato (1881), Casa de Pensão (1884), O Coruja (1885), O Homem (1887), O Cortiço (1890); Obras Românticas: Uma lágrima de mulher (1879), A Condessa Vésper (1882), Girândola dos Amores (1882), Filomena Borges (1884), A mortalha de Alzira (1894); Fisiológicas: O Livro de uma sogra (1895), O Homem (1887) e Descritivas: O Touro Negro (1938).

1.5 O Naturalismo

Em meados do século XIX, mais precisamente na década de 70, alguns intelectuais procuravam uma maneira mais simples de expressão, menos romântica e mais objetiva,

descrevendo o cotidiano com uma linguagem mais cruel, apresentando o comportamento humano tal qual os exibidos extinto dos animais irracionais e valorizando a crença no cientificismo, fazendo crer que através das ciências tudo poderia ser explicado e esta por sua vez traria a cura para todos os males, fossem os físicos, psicológicos ou sociais.

Assim surge então o movimento do Naturalismo na literatura na França, motivado pelas práticas e princípios dos métodos utilizados pela ciência, especialmente sob a perspectiva darwiniana da natureza. O ensaio intitulado: O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro (1881) de Emile Zola, precursor deste movimento, descreveu o que seriam os fundamentos da escola naturalista, e a postura a ser adotada pelos escritores partidários desta escola literária. Para Zola, o romancista não deve ser mais que um simples espectador da natureza, que a descreve tal e qual ela é constituída e se impõe.

O observador constata pura e simplesmente os fenômenos que tem diante dos olhos. Ele deve ser o fotógrafo dos fenômenos; sua observação deve representar exatamente a natureza ... Ele escuta a natureza e escreve o que ela dita. (ZOLA 1982, p. 30).

A convicção de Zola que a construção dos romances partem da observação da natureza, e conseqüentemente da experimentação dos fenômenos, interpõe-se o raciocínio do experimentador para explicar o fenômeno, e do mesmo modo que os cientistas estabelecem uma metodologia, seria o “raciocínio experimental que confronta, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e de experimentação” (ZOLA, 1982, p 41).

Sendo assim, seu entendimento proposto é que a transposição do método experimental utilizado nos romances assim como nas Ciências da Natureza apartaria do irracional e do sobrenatural, descobrindo-se assim que existem leis fixas na natureza, e a partir deste conhecimento, os fenômenos são dominados.

Os romances Naturalistas encontram-se caracterizados, sobretudo pelo enfoque dado às condições fisiológicas, a influência do meio e das circunstâncias que determinariam a pessoa humana, e estas estariam de forma inexorável condenadas a cumprir os seus respectivos destinos.

Na concepção dos escritores Naturalistas, este modelo de escrita seria um meio de conhecimento da realidade, e eles como observadores poderiam validar as leis comportamentais deterministas, segundo suas crenças, que regeriam o comportamento dos seres humanos. A construção de seus romances estabelece personagens vivenciando circunstâncias que os

impossibilita de escapar da conjuntura em que vivem, sendo todos vítimas ou algozes do determinismo social¹⁷ em que se encontram inseridos. Este modelo de escrita adotado pelos Naturalistas teria por finalidade contribuir para a compreensão das ações individuais e sociais do homem, expondo os princípios que as regem e partindo deste entendimento possam almejar o progresso.

Na época em que surgiu no Brasil a corrente naturalista foi vista por alguns como uma literatura “imoral”. Abordava temas como o anticlericalismo, o republicanismo, a reação contra o puritanismo.

Figura 7 – Fotografia de uma cortiço carioca – 1906 – Foto: Augusto Malta



Fonte: Jornal O Globo. Saneamento: em busca de solução desde o século XIX¹⁸

Entretanto, com todo o glamour francês e a capital ditando moda para outras regiões do Brasil, infelizmente, uma parte da realidade social carioca era bem diferente. No início do século XX, a população do Rio de Janeiro contava com um milhão de habitantes. Essas pessoas moravam em casarões que se haviam transformado em cortiços. Essas habitações eram feitas a partir de hotéis, colégios, asilos, prédios públicos.

1.6 A estrutura e os personagens d’*O Cortiço*

Aluísio Azevedo, por sua dilação por escrever sobre temas como miséria, adultério, crimes, problemas sociais, taras sexuais e etc. é identificado e representante do gênero literário

¹⁷ Crença de que o ambiente no qual o indivíduo está inserido determina o seu comportamento, inibindo-o do poder de escolha.

¹⁸Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/saneamento-em-busca-de-solucao-desde-seculo-xix-21183807>. Acesso em: 23/08/19

denominado de Naturalismo, onde a exploração de temas patológicos traduz a vontade de analisar todas as distorções de comportamentos sociais e humanos sem se preocupar com a reação do público.

De acordo com TUFANO (1998),

...os escritores naturalistas, influenciados pelas ciências experimentais da época, viam o ser humano como um simples produto biológico, cujo comportamento era resultado da ação do meio social e da hereditariedade. Neste sentido, das certas circunstâncias, o homem teria sempre as mesmas reações, instintivas e incontrolláveis. Caberia ao escritor, portanto, armar em sua obra uma certa situação experimental e agir como um cientista em seu laboratório: descrever as reações sem nenhuma interferência de ordem pessoal ou moral. (p. 257).

Como já fora referido, a obra “*O Cortiço*” está inserida dentro da escola realista e naturalista. Nas palavras de Silva (2010) o naturalismo é uma extensão do realismo. Desta forma, faz uso de todos os princípios realistas como: a objetividade, a observação dos tipos humanos, a verossimilhança e a visão cientificista da existência. A ênfase do naturalismo está nos aspectos exteriores em relação aos seus atos, suas descrições físicas e o ambiente do qual fazem parte. “O naturalismo volta-se para os aspectos biológicos e cognitivos, por entre uma visão mecânica do homem, sujeito às da hereditariedade, as influências do meio social e do ambiente em que vive” (SILVA, 2010, p. 9).

Sobre uma perspectiva eugenista, muito em voga no final do século XIX e início do século XX, Aluísio Azevedo se vale de sua escrita para trazer este pensamento de cunho preconceituoso de forma bem delineada no romance através de seus inúmeros personagens, fazendo ver que as condições sociais em que se está inserido assim como também os processos de miscigenação são deterministas para as condutas promiscuas, libertinas e amorais, não havendo como o indivíduo escapar desta lógica perversa.

As narrativas de Aluísio Azevedo neste romance que trabalhamos se utiliza do perfil psicológico dos personagens d’*O Cortiço*, assim como o próprio cortiço, para fundamentar e estruturar suas ideias e críticas à sociedade brasileira de seu tempo, utilizando-se ainda das teorias científicas tais como o positivismo¹⁹, o determinismo²⁰ e o evolucionismo de Darwin²¹,

¹⁹Sistema criado por Auguste Comte 1798-1857 que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas; comtismo.

²⁰Determinismo: princípio segundo o qual tudo no universo, até mesmo a vontade humana, está submetido a leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento humano está totalmente predeterminado pela natureza, e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva.

²¹Evolucionismo é uma teoria elaborada e desenvolvida por diversos cientistas para explicar as alterações sofridas pelas diversas espécies de seres vivos ao longo do tempo, em sua relação com o meio ambiente onde elas habitam.

muito em voga na época, embaladas pelas Conferências Populares da Glória²² que constituíram em um conjunto de reuniões que ocorreram na segunda metade do século 19, no Rio de Janeiro no intuito de divulgar a ciência no Brasil: as Conferências Populares da Glória, inauguradas em 1873 perduraram até 1880.

Quadro 1 - Os personagens do cortiço São Romão e do sobrado.

Personagem	Característica
João Romão	Português dono do cortiço, da venda e da pedreira.
Bertoleza	Escrava amante de João Romão que trabalha para ele. Empreende uma rejeição a condição escrava cometendo suicídio.
Miranda	Português burguês casado com Estela e que vive ao lado do cortiço.
Estela	Esposa infiel do português Miranda.
Rita Baiana	Mulata sedutora que vive no cortiço. Teve um caso com Firmo, e mais tarde se envolveu com o português Jerônimo.
Pombinha	Moça bonita, discreta e educada que se prostitui por influência da prostituta Léonie.
Alexandre	Soldado da polícia que apresenta conduta ambígua, autoritário quando fardado e bastante amigável em roupas civis.
Leandra (Machona)	Portuguesa, mãe de três filhos, conhecida pelo comportamento muito explosivo.
Jerônimo	Português que administra a pedreira de João Romão. Tem um caso com Rita Baiana, que o faz mudar a conduta de homem honesto e trabalhador.
Piedade	Portuguesa esposa de Jerônimo que ao descobrir sua traição com Rita Baiana, entrega-se ao alcoolismo.
Leonie	Imigrante francesa, prostituta de luxo, respeitada pelos moradores do cortiço.
Firmo	Amante de Rita Baiana, morto pelo português Jerônimo, em disputa pelo amor de Rita Baiana
Botelho	Velho, parasita, alcoviteiro, vivendo de favores no sobrado.
Zulmira	Filha de Estela e de Miranda, além de esposa de João Romão.
Paula (Bruxa)	Cabocla velha, respeitada como benzedeira, apresentando problemas mentais.
Libório	Habitante miserável e solitário do cortiço, vivia como um mendigo.
Henrique	Jovem estudante morador do sobrado, amante de D. Estela

O principal cientista ligado ao evolucionismo foi o inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), que publicou, em 1859, a obra *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou a conservação das raças favorecidas na luta pela vida*, ou como é mais comumente conhecida, *A Origem das Espécies*. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/evolucionismo.htm>

²²As Conferências Populares da Glória. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasilia/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=445&sid=14&tpl=printerview>

Os temas abordados eram bem variados, desde aspectos essencialmente culturais – como literatura, teatro e o papel da mulher na sociedade – até temáticas diretamente ligadas à ciência: glaciação, clima, origem da Terra, responsabilidade médica, doenças, bebidas alcoólicas, ginástica, educação etc.

Os protagonistas das conferências acreditavam que a nação poderia ser mudada por meio da ilustração do país, da divulgação da ciência e da cultura. A proposta inicial das conferências era abrir suas sessões ao público em geral, mas pesquisas constataram que sua plateia era formada por um público seletivo, com a presença da família imperial, da aristocracia da corte, de profissionais liberais e estudantes.

Embora Aluísio não tenha participado destas conferências, utilizou-se muito do que ali foi explanado para explicar suas convicções sobre o comportamento humano. A título de exemplos, as situações da personagem Bertoleza para fugir ao determinismo do seu destino se suicida, ou no caso de alguns (Firmo) a morte faz parte do destino pelo seu comportamento impetuoso e agressivo seu fim seria presumível, uma morte violenta!

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida nas oficinas do ProEMI, metodologia considerada como elemento de estímulo à formação leitora.

O universo da pesquisa é o contexto de uma escola pública da rede estadual localizada na cidade de Feira de Santana, “porta de entrada” do semiárido baiano. A configuração metodológica está pautada na pesquisa-ação, inserida na abordagem qualitativa na perspectiva analítico descritiva. A preferência por essa abordagem deve-se à compreensão de que:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p.21-22).

Quanto à Pesquisa-ação, levou-se em conta o objeto de estudo, bem como os objetivos desta mesma proposta. Por estar o investigador imbricado com o fenômeno e o *locus* a ser investigado, compreende-se que a escolha de tal metodologia foi adequada porque possibilitou a observação e participação com maior propriedade em todas as etapas da pesquisa. Tendo em vista que nesse arquétipo investigativo de acordo com Thiollent (2007, p.16),

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ainda de acordo com os objetivos, entende-se que se trata de uma pesquisa bifásica, pois esta ocorreu em duas fases distintas: na primeira foi realizada a pesquisa de caráter exploratório com a finalidade de detectar o nível de leitura em que se encontram os alunos sujeitos da pesquisa. Nessa fase, o intuito foi ter maior clareza sobre o objeto da investigação. A segunda fase consistiu na produção e análise de dados, a partir do desenvolvimento da TDC nas oficinas do ProEMI, descritas no terceiro capítulo.

Os sujeitos da pesquisa serão apresentados através de letras atribuídas de maneira aleatórias em relação aos seus respectivos nome, os quais são identificados através das letras de **A** a **Q**, no intuito da preservação da identidade dos envolvidos na pesquisa, salientamos entretanto que os sujeitos **O**, **P** e **Q** não responderam o formulário socioeconômico por não haver comparecido no dia em que este material foi aplicado contudo, as informações que prestaram sobre suas vidas pessoais durante o decorrer da pesquisa demonstrou que não constituem sujeitos com características discrepantes em relação aos demais que participaram

do levantamento socioeconômico. Também, a fim de preservar a privacidade dos participantes da pesquisa, regulamentar a conduta do pesquisador no tratamento dos dados e na sua publicação, assim como também garantir o seu desenvolvimento dentro de padrões éticos, salvaguardando os direitos e a dignidade dos sujeitos envolvidos e em cumprimento as Resolução n. 196/1996²³ e reformulada pela Resolução n. 466/2012²⁴, foi solicitada o consentimento formal mediante assinatura dos sujeitos e dos responsáveis dos menores de idade participantes, através da utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Apêndice 1) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE (Apêndice 2),

Foram empregados questionários (Apêndice 3), como instrumentos de coleta de informações, aplicados a professores de Ciências e Biologia, pela busca da aproximação da ciência com a literatura, e com o intuito de conhecer as estratégias de leitura empregadas em suas aulas e se eles conheciam a metodologia TDC. De acordo com Chizzotti (2010, p.29) há um número considerável de diretrizes epistemológicas que,

se inscrevem como direções de pesquisa, sob o abrigo de qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso e qualificam a pesquisa como pesquisa clínica, pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria fundamentada (*grounded theory*), estudos culturais etc.

O questionário também foi instrumento de coleta de dados aplicado aos alunos para entender se as atividades de leitura que são empreendidas em sala de aula contemplam as suas expectativas de aprendizagem, em relação aos conteúdos das referidas disciplinas e se eles conseguem fazer a transposição dos mesmos para a vida prática. Conforme Gil (1999, p.128), o questionário pode ser entendido como

a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Essa técnica de coleta de informações sobre os sujeitos auxiliou na formação de impressões mais detalhadas da realidade a ser investigada. A fim de detectar o nível de leitura em que se encontravam inicialmente o desempenho leitor dos alunos participantes, foi apresentada uma atividade diagnóstica seguindo a metodologia proposta por Pimentel (2007),

²³ BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, 16 out. 1996.

²⁴ BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

de categorização de compreensão da leitura entre os sujeitos pesquisados, realizada a partir da leitura da poesia *Luz do Sol*, cujos resultados foram analisados e tabulados. A autora possibilita a elaboração de questões que contemplam a possibilidade de serem explorados os seguintes aspectos no texto:

1. A percepção panorâmica do texto (título, autor, personagens);
2. O significado literal;
3. As relações com as vivências;
4. As entrelinhas, o “não dito”. (PIMENTEL, 2007, p. 157).

Com base nas respostas dadas pelos alunos na atividade diagnóstica, pudemos agrupá-los de acordo as categorias de compreensão leitora, conforme descritos no Quadro 2.

Quadro 2: Categorias de compreensão leitora²⁵

1. Decodificação	Consiste em o sujeito traduzir o código escrito em código oral, sem garantir sentido e significado, ou seja, sem entendimento do texto;
2. Compreensão Sincrética	Nessa categoria o sujeito procura atribuir sentido global para o texto a partir da atribuição de significado a palavras isoladas do texto;
3. Compreensão Literal	Há garantia do significado constituído pelo autor, considerando a coerência do texto. O sujeito extrai apenas a informação explícita no texto;
4. Compreensão de Entrelinhas	O sujeito reflete sobre o texto, fazendo inferências sobre o implícito, ou seja, esse processo perpassa pelo campo da aprendizagem efetiva e/ou significativa, pois é nesse momento que esse sujeito aciona seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado, estabelecendo relação entre os conhecimentos prévios com o que está lendo.

²⁵ Conforme proposto por PIMENTEL, 2007.

Esse foi um dos instrumentos para se tentar detectar o nível de compreensão leitora dos sujeitos da pesquisa. Com base na análise advinda desse processo implementamos as ações, a partir das premissas da TDC.

As ações da TDC foram por sustentação de textos da literatura da escola naturalista brasileira, através dos quais as atividades de leitura foram realizadas, estimulando as conjecturas e o acionamento dos conhecimentos prévios dos sujeitos pesquisados acerca dos conteúdos. Além de viabilizar o compartilhamento de saberes, contribuindo para o alargamento do repertório de conhecimento desses sujeitos.

A fim de facilitar o registro das reflexões, críticas e comentários, o pesquisador utilizou um caderno de anotações como diário de bordo, para auxiliar o registro das atividades e impressões produzidas nas oficinas, e que foi de grande relevância como suporte ao processo investigativo.

O processo e os dados da pesquisa estarão aqui apresentados mediante um trabalho discursivo e descritivo, tendo em vista que se pretende demonstrar todas as etapas e nuances da investigação.

Todo o método pensado para levar adiante o planejamento desta proposta foi delineado com a intenção de conhecer melhor o objeto de estudo, de executar a pesquisa e de contribuir para a compreensão da importância da leitura e seus benefícios para a formação de um leitor com opiniões, criando a capacidade de refletir e avaliar a realidade que se encontra inserido, sob a perspectiva do que nos fala o professor Antônio Joaquim Severino no prefácio do livro “A importância do ato de ler”:

[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1989. p. 6).

Um dos primeiros problemas que nos deparamos foi realizar a pesquisa com um grupo de sujeitos que desconheciam o processo e a finalidade do que estariam participando, em que muitos deles não possuíam afinidade com as tarefas propostas. Outro inconveniente ocorrido foi a incompatibilidade do espaço físico destinado à realização das oficinas com o tipo de atividade a ser realizada.

Entretanto, consideramos que os problemas de maior envergadura e que efetivamente concorreram para a desistência de muitos sujeitos de continuarem no grupo se deu pela falta de estrutura para a permanência dos alunos em dois turnos na escola, sem local adequado ou mesmo a ausência de almoço para estes jovens adolescentes, além da inexistência de local para realização da higiene pessoal entre os turnos e, finalmente, a questão do horário de início pela manhã (iniciando as oficinas às 7:20h nas segundas-feiras) constituiu um grande problema, não somente pelo hábito de acordarem mais tarde, as vezes próprio dos adolescentes que estudam no turno vespertino mas, sobretudo, por conta de que muitos destes jovens realizam alguma atividade laboral para ajudar na renda familiar ou mesmo realizando trabalhos domésticos.

2.1 A investigação qualitativa

Escolhi como método realizar uma investigação qualitativa. Bogdan e Biklen (1991) afirmam que os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo, porque se preocupam com o contexto e a investigação-ação consiste no recolhimento de informações sistemáticas, motivadas pelo intuito de promover mudanças sociais.

Assim as atividades de leitura que foram implementadas tornaram viáveis os objetivos postulados pela estratégia da Tertúlia para formação leitora, uma vez que aproximou os sujeitos estimulando leituras e intercâmbios de impressões de textos a partir de contextos vivenciados por eles. Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permita acatar as experiências do ponto de vista do participante e do público-alvo, o processo de condução da investigação revela uma conversa entre os investigadores e os respectivos sujeitos. Sem paradigmas ou predileções por parte do investigador, de forma que os dados sejam coletados e que a pesquisa flua de uma maneira simples, neutra, tranquila e imparcial.

Neste estudo, com a finalidade de experimentar a proposta de intervenção em uma turma formada por alunos do Ensino Médio, 1ª e 2ª séries e oriundos de turmas variadas, e que matricularam-se de forma espontânea no Programa do Ensino Médio Inovador – ProEMI; Bloco A, com as oficinas de Acompanhamento Pedagógico e Língua estrangeira – Espanhol constituiu o grupo que trabalhamos no desenvolvimento desta pesquisa.

Conforme já foi mencionado nossa escolha em realizar oficinas com a metodologia TDC utilizando a obra literária *O Cortiço* no espaço escolar e na presença do investigador, mantendo sempre o respeito à forma com que os dados foram registrados e transcritos.

A pesquisa permitiu trabalhar com o aluno a partir de sua própria experiência de leitura, tendo de lidar com um universo previamente dominado, com um patrimônio literário nacional estabelecido historicamente, mas com um foco diferenciado, repleto de anseios em abrir novos horizontes de conhecimento nesses alunos. Não precisamos desmentir nossa identidade nem negligenciar conhecimentos prévios. Basta nos abirmos para um ensino de literatura dialógico, menos preconceituoso e exclusivista.

2.2 Cenário da pesquisa

O Instituto de Educação Gastão Guimarães – IEGG funcionou até o ano de 2006 formando professores para atender o Ensino Fundamental Nível I, quando notabilizou-se em toda região pelo ensino de excelência oferecido nesta modalidade a todos os estudantes da região.

Mesmo com o fim do curso de magistério o Gastão, como é mais conhecido, continuou até 2011 a formar professores que trabalhavam com as séries iniciais através do Projeto PROINFANTIL, destinado a capacitar profissionais que atuavam na rede pública de ensino e não possuíam curso de Licenciatura plena, isto principalmente em outras cidades do interior onde não havia profissionais habilitados para desempenharem tal função, mas que já encontravam-se lecionando.

O Instituto de Educação Gastão Guimarães no ano letivo de 2018 ofereceu as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Formação Geral no Ensino Médio (1ª a 3ª Série) com total de matriculados nesse mesmo ano, 2.236 (dois mil duzentos e trinta e seis alunos) distribuídos entre os turnos matutino e vespertino.

Conforme já foi mencionado na Introdução, o objetivo do PROEMI é apoiar e fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital no desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível, que atenda às expectativas e necessidades dos estudantes e às demandas da sociedade atual.

Deste modo, busca promover a formação integral dos estudantes e fortalecer o protagonismo juvenil com a oferta de atividades que promovam a educação científica e humanística, a valorização da leitura, da cultura, o aprimoramento da relação teoria e prática,

da utilização de novas tecnologias e o desenvolvimento de metodologias criativas e emancipadoras.

As ações propostas devem contemplar as diversas áreas do conhecimento a partir do desenvolvimento de atividades nos seguintes Campos de Integração Curriculares (CIC):

I - Acompanhamento Pedagógico (Língua Portuguesa e Matemática);

II - Iniciação Científica e Pesquisa;

III - Mundo do Trabalho;

IV - Línguas Adicionais/Estrangeiras;

V - Cultura Corporal;

VI - Produção e Fruição das Artes;

VII - Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital; VIII - Protagonismo Juvenil.

Estas ações são incorporadas gradativamente ao currículo, ampliando o tempo na escola, na perspectiva da educação integral e, também, a diversidade de práticas pedagógicas de modo que estas, de fato, qualifiquem os currículos das escolas de Ensino Médio.

A adesão ao Ensino Médio Inovador é realizada pelas Secretarias de Educação Estaduais e Distrital, que selecionam as escolas de Ensino Médio que participarão do programa EMI. Essas escolas recebem apoio técnico e financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE para a elaboração e o desenvolvimento de suas Propostas de Redesenho Curricular (PRC).

As Propostas de Redesenho Curricular (PRC) deverão estar alinhadas com os projetos político-pedagógicos das escolas, articulando as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Resolução CEB/CNE n. 2, de 30 de janeiro de 2012).

A escolha do ProEMI para o desenvolvimento da pesquisa se deve principalmente a dois fatores: a) a perspectiva da flexibilização curricular/conteúdo programático e a possibilidade da inclusão de textos não canônicos com a desobrigação da utilização do livro didático; b) a

condução dos encontros acontecerem no formato oficina, como roteiros de estudo e partilha estimulando a reflexão sobre a leitura a serem realizados presencialmente em grupo.

2.2.1 O ProEMI no Instituto de Educação Gastão Guimarães

A designação do pesquisador para trabalhar com o Bloco A, causou apreensão em virtude da perspectiva dos alunos não comparecerem, pois, tratando-se de alunos que encontram-se matriculados regularmente no turno vespertino, geralmente desenvolvem atividades outras no turno da manhã tais como: ajudar nas tarefas domésticas ou mesmo em pequenos estabelecimentos comerciais pertencentes à família.

Apesar de as aulas terem iniciado no dia 12 de março de 2018, no Gastão, somente um mês depois teve início as oficinas do ProEMI. Tempo necessário para que fosse realizado a organização dos alunos inscritos em blocos e oficinas.

Após divulgação do programa, feita nas salas de aula, os alunos foram “convidados” a escolherem as oficinas que desejariam se inscrever, apesar de não ser explicado de forma muito evidente o conteúdo específico a ser trabalhado em cada uma delas.

As oficinas possuem o tempo equivalente a duas aulas, que correspondem a 100 minutos, em apenas um encontro semanal, às segundas-feiras, nos primeiros horários, iniciando às 7:20h e finalizando às 9:00h.

2.2.2 Perfil dos sujeitos

Com a finalidade de conhecer o perfil dos sujeitos da pesquisa, assim como perceber alguns de seus pontos de vista sobre as concepções de leitura, foi aplicado um questionário (Apêndice 4) contendo 13 (treze) questões de cunho socioeconômico²⁶. Este instrumento de coleta de dados foi importante na contribuição com informações essenciais para nortear algumas ações e abordagens que se sucederam ao longo desta pesquisa.

²⁶ Normalmente, a prática socioeconômica é relacionada com o conjunto de variáveis subjetivas que qualificam um indivíduo ou um grupo dentro de uma hierarquia ou nivelamento social. É o chamado nível socioeconômico.

Estas variáveis podem ser referentes a aspectos sociológicos, econômicos, educativos, trabalhistas e entre outras, que possibilitem ajudar a identificar um indivíduo em um determinado grupo socioeconômico. Fonte: <<https://www.significados.com.br/socioeconomico/>>

Quadro 3 – Resultado encontrado no questionário socioeconômico

Perguntas	Respostas
Idade	Seis com 15 anos Dez com 16 anos Um com 17 anos Dois com mais de 19 anos
Série que está cursando	14 alunos: 1º ano EM 05 alunos: 2º ano EM
Sexo	12 alunas do sexo feminino 07 alunos do sexo masculino
Estudou em que tipo rede de educação no ano de 2017	Dois provenientes da rede privada Quatro provenientes da rede municipal Treze provenientes da rede estadual
O primeiro contato com leitura foi possibilitado por:	Um pela mãe Dezoito por professores
Quanto livro costuma ler por ano	Dez alunos responderam 01 ou nenhum Oito alunos responderam 02 ou 03 Um aluno respondeu mais de cinco
Que tipo de texto gosta de ler?	Dois: revistas em quadrinho Dois: revistas Seis: Bíblia Nove: romances
Gosta da leitura dos conteúdos dos textos didáticos?	15: não 04: sim
Quais matérias que estimulam seu hábito de ler?	16: Língua Portuguesa 02: Sociologia/Filosofia 01: nenhuma
Que tipo de material de leitura existe em sua casa?	06: Bíblia 02: Romances 11: Nenhum
Seus pais possuem hábito de ler?	14: não 05: sim
Você acredita que o hábito de leitura lhe auxilia para melhor compreensão do mundo?	19: sim
As técnicas de produção textual em sala de aula são estimulantes?	16: não 03: sim

Na estruturação deste questionário utilizado como instrumento de coleta de dados, peça-chave que se mostrou como importante subsídio na compreensão de posicionamentos e atitudes reveladas pelos alunos durante as oficinas, e o próprio desenvolvimento da pesquisa, teve as questões agrupadas sob a perspectiva de três contextos: identificação do sujeito; relacionamento do sujeito com a leitura; concepções pessoais sobre literatura.

As questões de 1 a 4 tratam da caracterização e identificação dos sujeitos da pesquisa quanto a idade, série em que se encontravam cursando, sexo e rede de ensino que eram oriundos no ano anterior; as questões de 5 a 11, tratam da relação do sujeito e os hábitos de leitura, com

ênfase na leitura de livros; por fim, as duas últimas questões abordam as concepções pessoais dos alunos sobre literatura e concepções de mundo e práticas de leitura em sala de aula.

Aplicado o questionário e realizada a tabulação dos dados, obtivemos as respostas conforme demonstradas no Quadro 3:

Responderam ao questionário um total de 19 (dezenove) alunos, sendo 12 (doze) estudantes do sexo feminino (63%) e 07 (sete) do sexo masculino (36%), com idade entre 15 e 19 anos, todos frequentando o 1º ou 2º ano do Ensino Médio.

A 5ª questão refere-se acerca do contato inicial com a leitura e apenas uma estudante teve este contato inicial com a família, em específico, com a mãe, e todos os demais tiveram o contato inicial com professores e, infelizmente, no questionário não constou o pedido de definição sobre em que momento na escola/professor(a) se deu este primeiro contato e, desta forma, não foi possível saber se esta apresentação se deu na educação infantil ou no processo de alfabetização.

Ao serem indagados na 6ª questão sobre a quantidade de livros costumavam ler por ano, mais da metade informou que não leram nenhum ou apenas um único livro, e apenas 5 % lê mais de cinco livros anualmente.

Quando perguntados sobre que tipo de texto tem preferência por ler, todos informaram um gênero preferido, apesar de demonstrar certa incongruência com as respostas da questão anterior haja vista, a maioria afirmar não ler um ou nenhum livro durante todo o ano (por outro lado, isso não significa necessariamente que nunca leram ou que não possuem uma preferência por um gênero) e também, há um percentual bem enfático demonstrando a rejeição à leitura dos textos didáticos ao opinarem na questão 8.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil²⁷ revela, ainda, que a Bíblia figura como a obra mais citada pelos entrevistados de todas as idades acima dos 18 anos. Ao todo, 42% dos participantes da pesquisa afirmaram ler a Bíblia, enquanto outros livros religiosos figuram no segundo lugar entre os gêneros mais populares, com 22% da preferência²⁸.

²⁷Retratos da Leitura no Brasil é uma pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Realizada pelo Instituto Pró-Livro que é formada pelas entidades do livro – Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

²⁸Fonte: <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/estudantes-brasileiros-devem-demorar-mais-de-260-anos-para-atingir-qualidade-de-leitura-de-paises-desenvolvidos>

A Bíblia e outras obras religiosas representam uma expressiva parcela no aumento do índice de leitura de livros não acadêmicos no Brasil, passando de 1,8 títulos lidos por ano (em 2000) para 2,9 (2015) e, devido ao número cada vez maior de igrejas de matriz cristã, sobretudo as pentecostais e neopentecostais, esse número deve ser maior nos dias atuais.

Para a pesquisa do Instituto Pró-leitura, leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Sobre as matérias escolares que estimulariam a leitura, tratada na questão 9, a imensa maioria informa isto ocorrer principalmente na matéria língua portuguesa.

Quanto ao tipo de material de leitura disponível na residência de cada um deles, 10ª questão, 32% informaram dispor de Bíblias; respostas e quantitativos que articulam com a questão 7, quando igual percentual de sujeitos informa qual tipo de texto gosta de ler.

Entretanto, o que nos chama a atenção é a grande quantidade de alunos que não informa a existência de algum tipo de material de leitura em suas respectivas casas, haja vista que apenas oito dos dezenove alunos informaram possuir material de leitura em casa (Bíblias ou romances), levando-nos a deduzir que os mesmos têm dificuldade de acesso a tais “materiais” ou eles não percebem a existência destes materiais, pois, sendo todos alunos da rede pública, e recebendo livros através do PNLEM²⁹, é sensato supor, ou pelo menos admitir, que existe e estão de posse dos livros didáticos que lhes são entregues pela escola anualmente. Esta negação nos leva a supor que estes sujeitos, consideram como material de leitura apenas romances, a Bíblia e revistas, e não percebem os livros didáticos como material de leitura.

Segundo Girotto (2011, p. 280), as “Relações entre pessoas mais experientes e menos experientes fomentam a aprendizagem da leitura, tanto entre pais e filhos quanto na relação entre irmãos mais velhos e irmãos mais jovens”. Tal afirmação se refere com aquilo que

²⁹O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – bem como o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) – disponibiliza para todas as escolas públicas brasileiras, para ser entregues aos alunos, livros didáticos de língua portuguesa, matemática, geografia, história, física, química, biologia, sociologia, filosofia e de língua estrangeira (inglês ou espanhol).

O objetivo dos programas do livro é prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado com obras didáticas e paradidáticas de qualidade. As obras didáticas são distribuídas gratuitamente aos alunos de todas as séries da educação básica da rede pública e para os matriculados em classes do programa Brasil Alfabetizado. Em atendimento a Resolução nº 38 da Fundação Nacional do Desenvolvimento da Educação – FNDE.

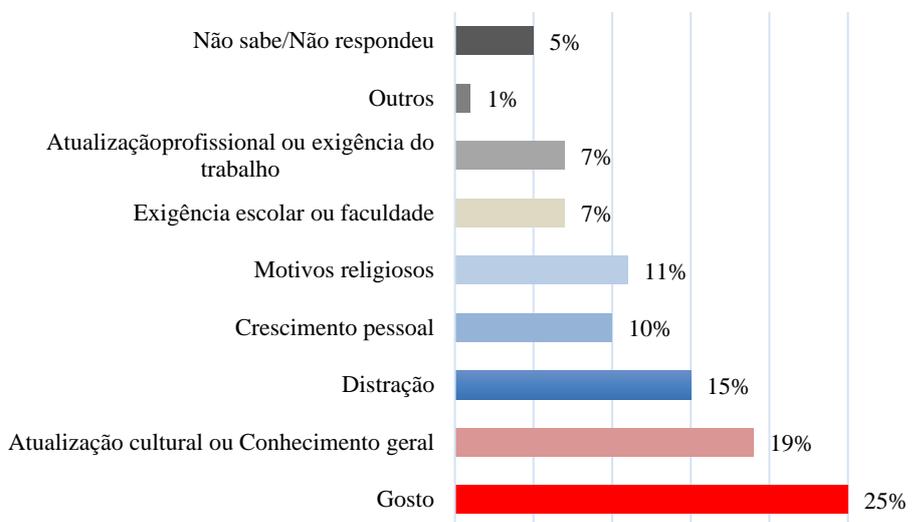
compartilhamos da mesma ideia e, por essa razão, nos levou a introduzir no questionário a pergunta 11, a fim de coletar informações sobre hábito de leitura dos pais ou responsáveis e foi informado por 73,7% que os pais (ou responsáveis com os quais habitam) não possuem tal hábito e apenas 26,3% informaram que os pais possuem este hábito.

Ao relacionarmos esta questão com as de número 5 e 6 e os percentuais de alunos que têm hábito de ler livros, nos leva mais uma vez a concordar com as conclusões de Girotto (2011) quando afirma que:

Este fato vem comprovar mais uma vez que a importância da família, independente de seu grau de escolaridade, na promoção e na formação de indivíduos leitores. (p. 251)

Mesmo que levemos em conta as inúmeras variáveis que fazem com que alguém não goste de ler livros, o ambiente familiar exerce uma força preponderante na aquisição deste hábito, e o convívio com pessoas que possuem esta prática ajudam a desenvolver este costume.

Gráfico 1 - Principais motivações para ler um livro³⁰



Na questão 12, todos os alunos expressaram sua crença na eficácia da leitura como fator de compreensão do mundo.

Independentemente da motivação que conduz as pessoas a lerem, é perceptível que elas lêem, seja como tarefa, obrigação ou prazer. Na perspectiva de Chartier (1996, p. 103-104),

³⁰ Adaptado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

“[...] aqueles que são considerados não leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”. E nesta questão a abordagem se dá no sentido lato, do entendimento de leitura para o aluno, que mesmo ele não sendo considerado um leitor de literatura, compreenda (ou não) seu valor na construção da cidadania crítica e como prática emancipatória.

A questão 13 buscou a opinião dos alunos sobre se as técnicas de produção textual em sala de aula seriam estimulantes e a imensa maioria, cerca de 84%, acha as técnicas pedagógicas utilizadas durante as aulas, bastante enfadonhas, e nada, ou quase nada contribuem para motivar a realização de outras leituras.

Geralmente as leituras propostas pelos professores são consideradas pelos alunos como enfadonhas por não se aproximarem de temas que possuam afinidades com seus desejos nem curiosidades e, sobretudo por terem o cunho da obrigatoriedade, e esta sensação de ser uma tarefa, dever e imposição os faz distanciar da perspectiva da leitura como prazer, lazer ou aquisição de novos conhecimentos.

O incentivo às práticas leitoras como melhoria dos processos da compreensão das leituras realizadas, devem se constituir como um dos objetivos centrais dos métodos pedagógicos que fazem parte do cotidiano escolar, e prática permanente dos professores de todas as disciplinas, como atitude comum aos docentes que com sua prática contribua de forma relevante para que os jovens estudantes possam transcender o apenas decifrar os códigos linguísticos, transformando-os em leitores críticos de modo a serem instrumentados para exercerem sua cidadania de forma plena.

Partindo da análise destas questões, foi possível conceber uma ideia inicial do grupo de alunos participantes das tertúlias realizadas durante esta pesquisa, o que constituiu grande subsídio no planejamento e aproximação com os objetos da pesquisa.

2.3 Adversidades na pesquisa

Algumas circunstâncias não previstas durante o planejamento da pesquisa contribuíram para que os resultados obtidos não fossem tão densos e significativos quanto o desejado, fatores que, com pequenos ajustes e flexibilizações, poderiam ser contornados de modo a propiciar a realização de uma quantidade maior de oficinas de tertúlias com o Grupo A do ProEMI no decorrer do ano letivo de 2018.

Elencaremos aqui algumas destas circunstâncias a título tão somente de servir como alerta a futuros pesquisadores que se lancem a produzir investigações similares a que ora nos propusemos a realizar.

3. ANÁLISE DE DADOS

3.1 A pesquisa, oficinas

Concebendo a necessidade de repensar o espaço escolar, nas suas práticas pedagógicas e metodológicas por meio de ações que aproximem os conteúdos programáticos das vivências dos jovens estudantes, lhes permitindo perceber a intersecção entre os assuntos trabalhados em sala de aula e sua vida cotidiana, assim como também viabilizar meios e momentos de aprendizagem significativa mediante momentos prazerosos e na perspectiva de promover ações que contemplem tais propósitos, inserimos a tertúlia por acreditar que tal prática contempla tais concepções, o que é corroborado pelo conceito de Candau (2000):

Um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo o processo educativo. (CANDAUI, 2000, p.15)

Nesta conjuntura, com ponderações relacionadas à convicção pessoal sobre a importância do instituto da educação formal e sua práxis didática no processo ensino/aprendizagem neste lócus de formação acadêmica que deve se inter-relacionar com as diversas manifestações identitárias presentes, principalmente nas escolas públicas, a realização desta pesquisa, dá ênfase a estas novas possibilidades, experienciando juntamente com os sujeitos da pesquisa uma nova relação e dimensão, valorando o conhecimento contido na vivência dos sujeitos e nas suas ressignificações.

Sendo assim, nesta parte do texto, apresentarei os registros realizados no diário de bordo e anotações registradas na pasta³¹ pelos relatores que se sucederam nas várias oficinas realizadas, cuja intenção é mostrar algumas percepções através de uma narrativa de maneira descritiva das oficinas realizadas.

3.2 Revelações da pesquisa

Conforme informado na metodologia, os sujeitos desta pesquisa são alunos matriculados no ano letivo de 2018 no Instituto de Educação Gastão Guimarães e inscritos na Oficina do ProEmi, Bloco A Acompanhamento Pedagógico e Língua estrangeira – Espanhol. É com esses sujeitos que irei dialogar, buscando perceber suas concepções sobre a prática leitora e tentando

³¹ Denominamos de pasta o local de anotações realizadas pelos redatores das oficinas como forma de preservar a memória do que foi dialogado.

alcançar em suas falas as respectivas visões de mundo, partindo de uma leitura dialógica do romance *O Cortiço*, numa perspectiva de formação de consciência crítica dos sujeitos.

A partir da quarta semana de aula, quando as turmas regulares se encontravam já organizadas (número de alunos por turma, sala e pavilhão que iriam pertencer etc.), teve início a divulgação do Programa e das oficinas que seriam oferecidas pela escola³². Esta divulgação aconteceu por meio de alguns cartazes afixados nos corredores da escola e visita às salas de aula de alguns dos professores oficinairos que prestaram informações sobre horários que ocorreriam (sempre no turno oposto ao turno regular em que o aluno encontrava-se matriculado), dias da semana de funcionamento, título das oficinas, quantidade de alunos por bloco, possibilidade de fornecimento de refeição (almoço) para os participantes e a promessa que os que tivessem frequência integral, receberiam um ponto extra em cada uma das matérias que cursavam. Esta última informação causava um verdadeiro alvoroço nas turmas visitadas, fazendo-os vibrar com a possibilidade de obter este ponto a mais nas matérias, a julgar por eles, de forma tão “fácil”. Também, após esta informação, era despertado o interesse imediato de inscreverem-se nas oficinas.

Em pouco mais de 48 horas as vagas na maioria das oficinas, principalmente as que aconteceriam no turno da tarde (alunos matriculados regularmente no turno matutino) foram preenchidas, especialmente as que tratavam de cultura corporal (dança e esportes), produção e fruição das artes (teatro e pintura) e uso de mídias e culturas digitais, que foram as mais desejadas pelos alunos. Em contrapartida, as menos procuradas ou desejadas foram: acompanhamento pedagógico, mundo do trabalho e protagonismo juvenil.

Desta forma, podemos ouvir posteriormente durante as oficinas a informação de alguns alunos, que haviam se inscrito no Bloco A (o nosso bloco) por não haver encontrado vaga em outras oficinas, e “não seria isto que os impediriam de ganhar um ponto extra!”. Confesso não ter ficado muito feliz com tais declarações.

Tardamos a começar as oficinas em virtude de alguns feriados mais longos que aconteceram neste período, pois logo após início do ano letivo tivemos a Semana Santa³³ e a Micareta³⁴, em

³² Descritas no capítulo Cenário da pesquisa, página 51.

³³ A Semana Santa é uma tradição religiosa cristã que celebra a Paixão, a Morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ela se inicia no Domingo de Ramos, que relembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e termina com a ressurreição de Jesus, que ocorre no domingo de Páscoa. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Semana_Santa>

³⁴ Micareta é a denominação dada no Brasil ao Carnaval fora de época. O nome deriva de uma festa francesa, *Micarême*, e, desde os anos 1990, vem se espalhando por várias capitais e cidades brasileiras.

consequência disto a pesquisa levou 48 dias para as oficinas do ProEMI serem iniciadas.

A primeira oficina aconteceu no dia 30 de abril, e compareceram apenas cinco dos trinta alunos inscritos para participar do Bloco A, o que foi um “balde de água fria” nas minhas pretensões iniciais para aplicar as atividades programadas para aquele primeiro dia.

A crença que o processo de coleta de dados da pesquisa aconteceria com relativa facilidade e que era fortalecida pelo alerta dado por Bogdan e Biklen em que “A escolha do que estudar implica sempre ter acesso aos sujeitos envolvidos no estudo, bem como a avaliação das possibilidades de conseguir esse acesso” (1994, p. 87), e que esta minha proximidade dos sujeitos, promovida de forma natural pelo meu cotidiano escolar favoreceria esta oportunidade e ofereceria certa facilidade na pesquisa; já naquela primeira oficina ficou claro que não seria tão simples assim.

Desta forma todo o planejamento e material que havia impresso para ser usado e a dinâmica que havia planejado, com o tempo calculado para durar duas aulas (cem minutos), pois havia previsto a participação de pelo menos vinte alunos, foi frustrado. Entretanto, os próprios Bogdan e Biklen nos ensina que “Tenha as suas preferências, mas deixe que o foco lhe seja sugerido pelo contexto” (1994, p. 91), e então reformulamos o planejamento com algumas improvisações a fim de que aquele primeiro encontro não se tornasse monótono e nem tampouco viesse a prejudicar o que havia sido planejado para as próximas oficinas.

Demos início na oficina solicitando que cada um dos presentes realizasse sua apresentação pessoal, haja vista que cada um deles pertencia a série e turmas distintas, e como estávamos ainda no início do ano letivo, nós não nos conhecíamos. Como éramos apenas seis, pudemos dispor de mais tempo para as apresentações pessoais, posteriormente comentaram que haviam gostado mais deste momento de apresentação na oficina pois com menos pessoas, sentiram-se mais à vontade para falar.

Dei início às apresentações, falando de mim mesmo a fim de deixar os alunos mais desinibidos em suas falas e iniciei dizendo ser Biólogo por formação e que comecei a trabalhar como professor ainda como estudante de biologia a partir do terceiro semestre da universidade, dei aulas em vários cursos pré-vestibulares e cursos preparatórios para supletivo³⁵ em Salvador.

³⁵ Os cursos de Supletivo são uma possibilidade de formação da Educação para Jovens e Adultos. A Educação para de Jovens e Adultos (EJA) é uma das modalidades do sistema educacional brasileiro criada com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas que, por diferentes motivos, não concluíram o ensino fundamental e médio na

Ao retornar para Feira de Santana, trabalhei na Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Turismo, ao mesmo tempo em que ensinei em algumas escolas da rede particular da cidade, e no ano de dois mil ingressei na Rede Estadual de Educação. Falei ainda, que naquele momento encontrava-me cursando um mestrado na área da educação, realizando uma pesquisa sobre as práticas leitoras dialógicas e necessitaria contar com a ajuda de cada um deles neste processo para a construção desta dissertação.

Pedi então que cada um deles falasse sobre seus respectivos percursos escolares e suas expectativas pessoais naquele início de ano letivo e da participação nas nossas oficinas, e que também, se pudessem, falassem sobre suas escolas de origem, local em que residiam, tamanho da família etc.

Compareceram à primeira oficina os sujeitos B, C, I, M e N e, de maneira geral, todos repetiram as mesmas falas, com histórias de percurso escolar e relacionamento familiar muito próximas, quase todos encontravam-se estudando no Gastão por escolha dos pais ou responsáveis e os motivos alegados foram praticamente os mesmos: por ser uma escola tradicional e que as escolas próximas às suas respectivas casas eram “fracas”, não cobravam muito “estudo”; alegavam também como motivo a questão da segurança, pois as escolas do bairro que moravam teriam “muitos malandros” sendo unânimes entretanto, em não saberem nada sobre o que se passaria nas oficinas e no desejo de ganharem um ponto extra nas disciplinas por conta da frequência, além esboçaram a preocupação com as questões de fornecimento de almoço e do horário de início das oficinas.

Entre as atividades programadas para o primeiro dia de oficina, propus a construção de palavras a partir de um anagrama³⁶ (Apêndice 5) e, durante trinta minutos, nos dedicamos a “caçar” palavras.

Dois dos alunos não entenderam o processo da “descoberta das palavras” e não foram capazes de responder ou construir palavras, apesar das regras e instruções estarem descritas no início da atividade.

Ao final dos trinta minutos foi compartilhado o resultado (palavras encontradas no anagrama) das palavras que cada um encontrou. De um resultado possível de sessenta e duas

idade adequada. Os cursos Supletivo são uma das possibilidades de formação do EJA. Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/supletivo-tudo-o-que-voce-precisa-saber>.

³⁶Um anagrama é uma espécie de jogo de palavras, resultando do rearranjo das letras de uma palavra ou frase para produzir outras palavras.

palavras, obtivemos o seguinte resultado: o maior número de palavras encontradas foi 21 (vinte e um), e a menor quantidade 4 (quatro), como o quadro com o local de respostas era tracejado, indicando a quantidade de palavras possíveis com cada quantidade de letras em cada uma delas, dois dos alunos escreveram palavras aleatórias, utilizando letras que sequer constava entre as letras presentes no anagrama.

Durante a partilha, cada um dos sujeitos pesquisados envolvidos nessa ação leu a relação de palavras que encontrou, um sujeito achou que a palavra/vocábulo “ema” não existia, causando espanto a todos, o que se fez necessário explicar para ele e buscar a imagem do animal que ele nunca teria visto ou associado o animal ao nome.

A utilização do anagrama teve como finalidade: perceber, a partir da construção de palavras de um conjunto de letras distribuídas aleatoriamente, realizar a composição de novas palavras sobre a perspectiva do conhecimento cognitivo vocabular de cada um, entendendo não como pertencimento do capital cultural³⁷ de cada um, mas por serem as palavras encontradas no anagrama intrínsecas às suas respectivas vivências; são reproduções da leitura que o fazem do mundo, como descreve Paulo Freire quando afirma que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1989, p. 1)

Ao verificar que cada aluno construiu grupos de palavras diferentes, poucas palavras se repetiram no conjunto de palavras de cada um deles, amparou a ideia de que a vivência de cada um resulta também em vocabulários diferentes, ideias e ações diferentes.

Atentar para as elaborações e idealizações dos sujeitos em construções como esta atividade proposta nos leva a crer que nos auxilia e aproxima do entendimento que através destas abordagens metodológicas, com aspecto meramente lúdico, nos forneceria elementos que nos possibilitariam caminhar na direção proposta nos objetivos desse projeto, buscando responder às questões estabelecidas nesta pesquisa e dessa forma também, contribuir para a discussão que no momento se estabelece sobre as práticas leitoras dos alunos da escola pública.

Devido à baixa frequência de alunos neste primeiro dia, foi preferível adiar as explicações sobre a dinâmica das oficinas e da aplicação da pesquisa para o encontro seguinte.

³⁷Para Pierre Bourdieu, o capital cultural constitui o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. Seria uma espécie de *rentabilização pedagógica*, na medida em que a posse do capital cultural favorece o desempenho escolar, uma vez que facilita a aprendizagem de conteúdos e códigos que a escola veicula e sanciona. (ALMEIDA 2017, p. 515).

3.3 Segunda oficina: “Balbucio” de tertúlia

A presença de um número maior de alunos (compareceram 14) em relação ao primeiro encontro renovou o ânimo para a execução das atividades propostas para aquele dia, iniciamos a oficina escrevendo na lousa a frase “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, (FREIRE, 1989), como gatilho do diálogo a ser proposto, e lhes convidando a partilhar desta concepção a fim de que tenha consciência dos seus inúmeros saberes acumulados ao longo de suas vivências plurais, haja vista nossa crença e reconhecimento de verdade nela cunhada, pois para Freire (1994), “*a leitura de mundo precede a leitura da palavra*”, pois antes da aquisição do código da leitura e da escrita o ser humano já decodifica os códigos do entorno de qual faz parte: [...] apreendendo as relações entre os objetos e a razão de ser dos mesmos, o sujeito cognoscente produz a inteligência dos objetos, dos fatos, do mundo (FREIRE, 1994, p. 225).

Desta forma, no intuito de que todos compreendessem a possibilidade de contribuição pessoal de cada um a partir dos seus saberes, de suas vivências, fazendo-os entender, que nenhum de nós chega à escola como “*tábulas rasas*”, como se fôssemos páginas em branco em que será inscrito todo o conhecimento que cada um de nós possui. Todos possuem conhecimentos que compõem nossos conceitos e preconceitos, e podemos mostrar ao outro, pontos de vistas diversos na construção do conhecimento.

A proposta para a segunda oficina foi trabalhar com a poesia “Luz do Sol” de autoria de Caetano Veloso, utilizada como trilha sonora do filme “Índia a Filha do Sol” adaptado do romance de autoria de Bernardo Élis com a direção de Fábio Barreto.

O filme conta a história de uma jovem índia Put'Koi e seu pai, que vivem numa aldeia no interior de Goiás. Ao conhecer um cabo do Exército, a menina se apaixona, e os dois iniciam um conturbado romance. Ingênua, ela decide abandonar a família para seguir o militar em uma missão.

Essa atividade de leitura pautou-se em temas relacionados aos princípios científicos utilizando-se do gênero textual “música” fato que possibilitou a formação de uma atmosfera mais distensa em relação ao modelo tradicional de atividade de estímulo à leitura, viabilizando associações e levantamento de conjecturas no âmbito da ciência de forma lúdica por parte dos sujeitos investigados, a música “Luz do sol” (Anexo5) do cantor e compositor Caetano Veloso provocou o despertar para as várias informações relacionadas ao campo das ciências que antes passavam despercebidas, conforme relato de alguns sujeitos.

O principal objetivo da utilização desta poesia foi realizar uma atividade diagnóstica com a finalidade de perceber o nível de compreensão leitora dos alunos utilizando as categorias propostas por Pimentel (2007) com base nas respostas apresentadas pelos alunos no questionário (Apêndice 6) abordando aspectos presentes no texto, com questões possíveis de perceber as quatro categorias e assim, poder reuni-los de acordo com o nível leitor apresentado por cada um deles naquele momento.

A escolha da poesia trata de conteúdos que traz a perspectiva de compreensão por carregar em seu bojo elementos ligados tão somente a natureza, a biologia e a ludicidade. Com base nas respostas dadas pelos alunos na atividade diagnóstica, podemos agrupá-los de acordo as categorias de compreensão leitora, conforme descritos no Quadro 1 Categorias de compreensão leitora³⁸ (PIMENTEL, 2007),

Porém, antes de começar ponderamos sobre a possibilidade de mudança da sala que nos encontrávamos, pois na oficina anterior percebemos que o local demonstrou ser inadequado para a atividade proposta, por ser um antigo depósito com dimensões pequenas para o número de alunos que havia; difícil disposição das cadeiras para uma reunião em círculo; além do o barulho que era grande, o que impedia ouvirmos com clareza a voz dos participantes da oficina. Por conta disto, fomos para a área externa da escola, aproveitando o silêncio e o clima aprazível que fazia.

Sentamos sob a sombra de um octogenário sapotizeiro³⁹, distribuí uma folha de papel contendo a poesia “Luz do Sol” para cada um dos alunos e pedi para que lessem. Transcorrido alguns minutos, ao perceber que todos já haviam lido, indaguei se alguém conhecia aquela poesia, e nenhum deles conhecia, mas dois deles relacionaram a outra música que estava fazendo sucesso no momento e também teria como tema o “sol”, procurei saber qual era, e ficamos de ouvi-la ao fim da oficina daquele dia. (depois ouvimos esta música “O Sol” - e tecemos alguns comentários sobre ela).

Fiz então a distribuição de um questionário (Apêndice 6) contendo dez perguntas tratando sobre vocabulário, interpretação e associação de ideias que conectem o texto e Ciência/Biologia.

³⁸ Vide quadro 2 página 49 desta dissertação.

³⁹ Nome científico: *Manilkarazapota*.

Após responderem o questionário recolhi-os e passamos ao terceiro momento da oficina, utilizando um aplicativo de músicas e uma caixa de som, ouvimos a poesia cantada. Após ouvi-la, perguntei se a percepção sobre a poesia, e sua compreensão havia alterado e a resposta foi unânime que não. A partir daí, passamos a uma discussão dialógica sobre o texto, comentando cada uma das questões que havia sido respondida, justificando-as, reavaliando-as reiterando-as e construindo consensos que ajudassem em suas reformulações de alguns conceitos ou respostas que foram produzidas.

O questionário aplicado sobre a poesia Luz do Sol (Apêndice 7), contendo dez questões, todas subjetivas, foi concebido no intuito de tentar perceber e diagnosticar o nível de compreensão leitora dos alunos e, para isto, utilizamos as categorias idealizadas por Pimentel (2007) (Anexo 1), que, embora não seja o cerne desta investigação, de alguma forma, contribui para lançar algumas pistas sobre as práticas leitoras dos sujeitos participantes desta pesquisa.

Utilizamos como parâmetro, para isso, respostas adequadas (Anexo 1) ou esperadas de compreensão das perguntas e conseqüentemente de respostas coerentes ou almeçadas de acordo com estudo da citada poesia e interpretação ou desejo de comunicação do autor conforme publicado no Blog Armazém do Texto⁴⁰.

Partindo das respostas obtidas através do questionário aplicado aos alunos, os quais são identificados através de letras, de **A** a **N**, conforme já informado na metodologia, compomos um quadro agrupando as respostas afins obtidas através dos questionários por eles respondidos, com o objetivo de mais facilmente perceber a relação ou as semelhanças das compreensões possíveis e entendimentos sobre o texto realizada pelos sujeitos.

Segundo Pimentel (2007), são quatro as categorias de compreensão leitora apresentada por pessoas alfabetizadas, quais sejam: a) decodificação, pressupõe-se que o aluno não compreendeu o sentido do texto, ou não foi capaz de dar uma resposta coerente, indicando que o aluno apenas presume seu conteúdo; b) compreensão sincrética, nos leva a perceber que o aluno demonstrou através de suas respostas, que foi capaz apenas de dar um sentido geral ao texto, partindo da definição de cada uma das palavras de maneira isolada do texto como um todo; c) compreensão literal, é atribuído a uma modalidade de leitura em que o aluno responde de forma coerente, sendo capaz de perceber a informação explícita contida no texto; d) compreensão de entrelinhas, este estágio de compreensão leitora corresponde ao leitor que é

⁴⁰ <http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2017/11/musica-luz-do-sol-caetano-veloso.html>

capaz de realizar deduções partindo de seus conhecimentos prévios, estabelecendo cognição entre o texto e suas vivências.

Figura 8 – Alunos durante oficina realizada ao ar livre.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Verificando que as respostas dos alunos variaram entre as quatro categorias leitoras eleitas para esta análise, fez-se necessário criar uma forma que permitisse perceber qual, entre as categorias leitoras, havia maior frequência nas respostas obtidas em cada um dos questionários, ou seja, a maior predominância no tipo de categorização das respostas apresentada a cada questão proposta no questionário por cada um dos alunos, haja vista que não houve por parte dos alunos uma uniformidade na maneira de responder as questões, isto é, houve variação entre as categorias no tipo de resposta apresentada por um mesmo aluno.

Com a finalidade dos dados levantados com o questionário ficarem mais fáceis de serem consultados, realizamos a classificação da compreensão leitora de cada aluno de acordo a categoria mais frequente apresentada por cada um deles, respectivamente, no questionário por eles respondido de acordo com as proposições de Pimentel, (2007).

3.4 Algumas impressões

A primeira pergunta do questionário solicita que o aluno informe o significado de três palavras presentes no texto: “traduzir, tragar e findar” e, longe de ser a percepção dentro das respostas obtidas o julgar apenas o ser certo ou errado dos vocábulos ou mesmo ter seus significados como verdades absolutas, a intenção desta indagação teve como objetivo perceber as relações e associações possíveis realizadas pelos alunos ao estabelecer com a poesia ou com outros textos por eles conhecidos e ainda gerar um princípio de diálogo sobre a unificação de concepções no nosso idioma, haja visto o romance que seria trabalhado O Cortiço, escrito no final do Século XIX, trazer em seu vocabulário um grande volume de palavras de uso regional ou que já caíram em desuso. O desejo de promover este diálogo se baseia na percepção aludida por Freire (1997) que, na medida em que compartilhamos um determinado significado, a compreensão de si mesmo e do outro se estabelece de maneira mais efetiva.

A “codificação” e a “descodificação” permitem ao alfabetizando integrar a significação das respectivas palavras geradoras em seu contexto existencial – ele a redescobre num mundo expressado em seu comportamento. Conscientiza a palavra como significação que se constitui em sua intenção significante, coincidente com intenções de outros que significam o mesmo mundo. Este – o mundo – é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais. (FREIRE, 1997, p. 6).

Partindo então destes preceitos, podemos notar que a grande maioria dos alunos não foi capaz de identificar o significado das palavras presentes no texto conforme descritas nos dicionários⁴¹, entretanto, houve quase consenso sobre o significado da palavra “tragar”, entendida por quase todos no sentido de “trazer” ou levar algo, o que nos leva a crer que tal entendimento e confusão se deu (dá) pela similitude entre os vocábulos.

Quanto ao termo “findar”, a grande maioria deixou em branco a resposta, alguns alegaram nunca terem visto tal palavra, enquanto outros confessaram que acreditava tratar de erro de digitação; pensaram que seria o correto “fundar”, relativo a “afundar” já que seria usando a mão para ferir, um deles, o sujeito **I**, explicou que interpretou desta maneira por conta da expressão popular “fundar o braço” (afundar, descer, “desce-lhe o braço”!), no sentido de bater em algo ou alguém.

⁴¹ De acordo com o Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, as palavras solicitadas o significado na primeira pergunta do questionário são respectivamente com seus significados: **Traduzir**: transpor, trasladar de uma língua para outra; ou ainda: revelar, explicar, manifestar, explanar. **Tragar**: engolir com avidez e sem mastigar; devorar ou ainda: aguentar, tolerar, beber, engolir, de um trago. **Findar**: pôr fim a; ultimar, terminar, acabar, encerrar, finalizar.

Tal concepção rendeu a toda turma muitas risadas, mas nenhuma fala que contrariasse tal interpretação, aliás, muitos chegaram a concordar com a interpretação, a mim, coube além das risadas entender as construções de visão de mundo sob uma perspectiva do senso comum e da cultura popular, no que pese ser considerada menos sofisticada, não é menos elaborada nem tão pouco menos importante nas compreensões de mundo que os torna possível converter as expressões verbais de acordo com suas vivências e imaginação.

A questão de número 2 pede que o aluno releia o primeiro verso e pergunta o que o autor da canção quis dizer com ele, e solicita que reescreva o verso utilizando as suas próprias palavras.

Entre todas as questões, esta foi a que mais foi deixada sem resposta ou não foi capaz de entender/dar um significado coerente nem tampouco reescrevê-lo, conforme solicitado a fazer. Conforme o Blog Armazém do Texto, uma das interpretações possíveis à esta poesia ou uma das possibilidades pela qual poderiam reescrever o primeiro verso, sem que entretanto não tivesse um outro sentido poderia ser: “A folha absorve a luz do Sol e a transforma em uma planta mais verde com novas folhas dando a ela vida”. Ou ainda na versão da professora Adlane Vilas-Boas para o programa “Ritmos da Ciência”, da Rádio UFMG Educativa e adaptado por Laura Barroso⁴².

É a fotossíntese que faz uma folha crescer, um tronco engrossar, um fruto surgir... Toda a matéria vegetal que é encontrada na face da Terra só existe porque as plantas fazem fotossíntese.

Contudo as respostas escritas no questionário foram: sujeito **B** “Que traga coisas boas para sua vida”; sujeito **C** “Recomeço da vida”; sujeito **G** “O autor faz agradecimento as coisas da natureza”; sujeito **H** “Que traz força, positividade para vida e muita paz”; sujeito **I** “O brilho das estrelas”; ou ainda na resposta do sujeito **L** “Luz do Sol, ele quis falar de alguém”. Nenhum dos alunos relacionou neste momento o verso de Caetano Veloso ao fenômeno biológico da fotossíntese como processo essencial na manutenção e renovação da vida em nosso planeta. Contudo, ao perguntar para turma, se não seria possível também ver naquele verso uma forma de representação poética descrevendo o fenômeno biológico da fotossíntese; muitos se entreolharam, esboçaram risos e comentaram que sim, seria isto mesmo, pois, segundo o sujeito **A**:

“as folhas de uma planta quando não pegam a luz do Sol ficaram amareladas. A gente sempre vê isto quando deixamos uma planta por muito tempo dentro

⁴² Disponível em: <<https://www.ufmg.br/cienciaparatodos/wp-content/uploads/2011/05/29-avidaquevemdosol.pdf>>. Acesso em: 03/08/19

de casa sem tomar Sol, ou mesmo aquelas que ficam debaixo de outras plantas, também ficam amareladas”.

O sujeito **D**, que havia confessado não haver respondido nada comentou: “poxa! É isso “mermo”, a gente já estudou lá, acho que na 7ª série, esse negócio de fotossíntese, mas na hora não me lembrei...”.

Já o sujeito **F**, morador da zona rural no município de Feira de Santana comentou que:

“É, mas nem sempre é assim não, da luz do Sol deixar a planta verde, ele deixa é muito esturricada às vezes, fica é marrom, queimada. Este ano mesmo, o que a gente tem visto muito é mato seco, uma tristeza! Pra mim o que deixa a plantação verdinha sempre é chuva, que a gente tá precisando e logo!”

As diferentes concepções entre os sujeitos que possuem vivências diferentes (um da zona urbana e outro da rural) não se contrapõe apenas à informação ou ao conhecimento puro e simples, mas, sobretudo a vivência, o significado do percebido na vida de cada um sobrepõe a informação científica, as constatações funcionam sobre uma outra base, a vivência, e às vezes, a poesia não sobrevive a pura realidade ou então não é percebida a realidade presente na poesia.

A aprendizagem de valor ou construção dos saberes se dá na medida em que o aprendiz se torna capaz de associar tal aprendizado com as situações concretas por ele vivido e daí então constrói seus saberes, sem que para isto, entretanto, necessite abrir mão dos conhecimentos frutos das suas vivências, em verdade deve saber valorizá-lo, assim como também cabe ao professor ter a sensibilidade e o respeito por estes saberes e procurar, na medida do possível utiliza-lona reconstrução destes novos aprendizados que possibilitarão ao aluno utilizá-lo na construção de suas concepções de mundo. Somos conduzidos a esta reflexão pelo pensamento de Freire (1996) ao nos alertar sobre o respeito que devemos ter às informações que os indivíduos carregam dentro de si, frutos das experiências por eles vivenciadas.

A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. (FREIRE, 1996, p. 16).

As narrativas divergentes entre os sujeitos **A** e **F** não são invalidadas ou sequer se anulam, ao contrário, são duas verdades colhidas por vivências distintas com significados diversos, mas de valor igual, haja vista ambas serem compreensões fruto da observação e necessidade na estética ou no labor, no embelezamento da casa utilizando-se de plantas ou na

produção agrícola como meio de sobrevivência; a fotossíntese é uma verdade para ambos, o verde ocasionado pela “luz do Sol” diverge.

Ao serem solicitados, na questão de número 3, que identificassem no texto os elementos da natureza, e como trata-se de elementos concretos, e que independem da abstração para percepção ou formulação de resposta, quase a totalidade dos alunos apresentaram respostas coerentes, apesar de que a grande maioria só identificar quatro dos elementos naturais: rio, luz (sempre associada ao sol), folha e terra, dos nove elementos que encontram-se no texto: Sol, céu, córrego, mar e areia, pouco são citados; no caso de areia, não houve nenhuma citação e Sol, só é citado juntamente com luz. Possivelmente, areia não é citada por encontrar-se associada à terra como um substrato genérico de solo e não como um tipo deste, então seria redundante citar ambas e Sol, nosso astro rei, por ser algo que se encontra distante do nosso planeta, não é contemplado pelo conceito de natureza do senso comum, que sempre perpassa pela ideia de florestas, matas e oceanos com as faunas e floras preservadas; quando acreditamos que em um sentido mais extenso podemos entender a natureza como relativo ao mundo natural ou ao fenômeno do mundo físico que não depende da ação humana para nascer ou se desenvolver.

Interessante também é perceber que em grande parte das respostas, os sujeitos se referem aos elementos da natureza acompanhando-os de adjetivo ou substantivo que o precede ou o sucede, atribuindo sempre um estado ou uma qualidade para caracterizá-lo, tipo: “luz do Sol” (sujeitos: A, F, K e M) “céu azul” (sujeitos: D, F, G, M e N), “folha verde” (sujeitos: B, D, E, F, M e N), “córrego pro rio” (sujeito M, deixando entender a necessidade de valorização sobre cada um destes aspectos fazendo-se necessário dar ênfase com estas qualificações.

Chama-nos também a atenção não haver nenhuma citação sobre o ser humano como produto ou partícipe da natureza.

Remetendo-nos aos registros do diário de bordo, constatamos também que durante nossa conversa após haver recolhido os questionários, e realizar a mesma pergunta, nenhum dos sujeitos citou os seres humanos como exemplo de criaturas integrantes da natureza, e mesmo ao serem questionados sobre qual a razão de não haver incluído em suas respectivas respostas as pessoas como elementos da natureza, não foram muito precisos em suas explicações. O sujeito **K** argumentou que:

“Acho até que o homem já pertenceu a natureza, mas agora, morando em cidades, andando todo vestido, cheio de coisas de tecnologia: celular, televisão, carro. Acho que não tem nada a ver com a natureza”.

Muitos dos sujeitos presentes concordaram com tal afirmação, o que nos leva a inferir que a percepção ou conceito de natureza para eles é sempre algo que remeta a visões bucólicas de oceanos, florestas e matas integras, intactas, ou ainda talvez por percebê-lo como um contumaz agressor do meio ambiente (quase sempre entendido como sinônimo da natureza) ou ainda pelo sentimento de superioridade identificado pela racionalidade da espécie (ao desenvolver tecnologias como cita o sujeito **K**) que os distancia desta percepção de nós também sermos unidades biológicas, como nos conduz nesta compreensão o professor Thomas Kesselring, em seu estudo sobre conceitos de natureza em que conclui:

Depois de ter perdido a sua posição privilegiada no centro do Universo com o estabelecimento da cosmologia copernicana, o Homem perdeu, agora, a sua prioridade ontológica em relação aos animais e às plantas. Enquanto espécie gerada pela evolução, o Homem é um produto da Natureza.⁴³

O “esquecimento” em citar o ser humano como parte da natureza, nos leva a crer que traz embutido em si os resquícios do pensamento hegemônico do Século XVIII e, ainda presente, numa perspectiva ortodoxa do cristianismo, e predominante no mundo Ocidental, em que o Ser humano é colocado como uma criação especial, filho de Deus, criado a sua imagem e semelhança, onde tudo foi criado e permanece imutável até hoje. Admitir sua condição animal, colocando-o em condição similar a qualquer um outro ser vivo, nos faz menos especial e de menor valor, alterando até mesmo o próprio sentido da vida, já que os demais seres vivos a função ou sentido seria apenas servir ao homem dado a sua natureza divina, e na medida que se equivalerem na condição biológica, este direito se esmaece, não se torna justificável e o dispor da natureza que não é sua propriedade vira uma perversidade e como conclui a poesia, “finda por ferir com a mão a coisa mais bonita, a glória da vida”⁴⁴.

Os sujeitos **D, E, F, H, J, K, L, M, e N** transcreveram para o questionário a frase: “Finda por ferir com a mão essa delicadeza”, correspondendo a 64% das respostas, e os sujeitos **A, B, G e I** optaram por responder “marcha o homem sobre o chão”, equivalendo a 28% do total das respostas obtidas na quarta questão quando lhes foi pedido para identificar no texto a passagem

⁴³ O Conceito de Natureza na História do Pensamento Ocidental - Thomas Kesselring Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135326/000590204.pdf?sequence=1>.

⁴⁴ Verso contido na canção Luz do Sol de autoria de Caetano Veloso, foi feita para a trilha sonora do filme “Índia, A Filha do Sol”, de 1982, interpretada por Gal Costa que gravou a música em 1982 no álbum “Minha Voz”.

em que o ser humano aparece como responsável pelo que acontece na natureza, numa perspectiva da degradação que sofre.

Considerando-se que a maioria dos sujeitos identifica as duas passagens no texto onde se encontra mais explicitamente ações que denotam agressão, destruição ou maus-tratos impostos a natureza pela ação humana, por não ser difícil admitir que a palavra “ferir” não deixa em aberto a possibilidade de uma outra interpretação que não a de agressão, ofensa ou de violação de algo ou a alguém, o que nos conduz a inferir que a presença desta palavra no contexto da poesia é o que há de mais explícito como violência praticada contra a natureza.

Entretanto, antes mesmo da agressão se concretizar com a ação do “ferir com a mão”, o texto alude de forma poética as possíveis razões para justificar tal atitude do ser humano: “Marcha o homem sobre o chão, leva no coração uma ferida acesa. Dono do sim e do não, diante da visão da infinita beleza” anotada apenas pelo sujeito C como resposta.

Ao dialogar com o grupo dos sujeitos sobre esta questão, todos deram a entender que estava muito evidente a resposta, pois como já mencionamos, a palavra ferir não é associada à outra coisa que não machucar.

O grupo que escolheu como resposta “marcha o homem sobre o chão” justificou que “marchar” não era como andar, na voz do sujeito A “andar seria pisar mais macio enquanto que, marchar parece uma coisa mais forte, como que tá atacando alguma coisa” o sujeito G complementou dizendo: “quando fala marchar, só vem a minha mente polícia, exército, estas coisas, andando com aquelas botas batendo forte no chão”.

Em mais uma investida convidando os sujeitos a debruçar um olhar em busca de aspectos científicos na poesia ora trabalhada, chamamos a atenção para a possibilidade da ideia do autor poder estar se referindo a “marcha” como uma interpretação científica sobre a expansão da espécie humana em sua caminhada pelo Planeta, sob o ponto de vista do processo evolutivo da espécie humana e seu progresso sobre uma perspectiva darwinista, na trajetória de ocupação dos espaços físicos usando quase sempre de violência na conquista destes espaços, expulsando outras espécies de seres vivos, atuando como conquistador nos mais diferentes ecossistemas da Terra com ações que provocam desequilíbrio ao meio ambiente.

Considerando os ensinamentos de Freire (1996), entendemos se fazer necessário despertar a curiosidade do educando para que ele possa ir percebendo a necessidade de novos saberes para que possa superar certas dificuldades em entender e explicar fatos e que:

[...], quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. (FREIRE, 1996, p. 74).

Munido deste propósito, continuamos com as provocações para que os sujeitos pudessem perceber quanta intenção pode conter um texto em suas entrelinhas e, sobretudo como os processos dialógicos podem contribuir nas construções de entendimentos do mundo e de formação de consenso. Perguntamos se não poderíamos ter ali também uma possível interpretação de fundo religioso. Alguns olharam com feições de verdadeiro espanto, outros arriscaram palpites. O sujeito B falou que poderia ser sim, “[...] pois quando falamos da natureza, devemos reconhecer como uma coisa de Deus, e ferir a natureza é ir contra o que ele criou!”

Conversamos então sobre a possibilidade do texto nos remeter a uma perspectiva de compreensão religiosa judaico/cristã, e que a marcha da humanidade na Terra, ou seja, sua própria existência é repleta de culpa e dolorosa (“leva no coração uma ferida”) e que não lhe dá trégua, encontra-se “acesa”, e por conta do “Pecado Original⁴⁵” foi condenada a vagar pela Terra sentindo dores e dificuldades, tendo sido concedido a humanidade o livre-arbítrio (“dono do sim e do não”), e como forma de exercer seu domínio e força “finda por ferir com a mão”, por opção, agride a “gloria da vida”, a natureza, capaz de lhe garantir a própria existência:

“Nunca chegaria a isso!” falou o sujeito A, “E olha que eu escolhi marcha sobre o chão, mas nunca pensei que pudesse ser assim, assim tão complexo [...] massa mesmo, gostei!”

Questão 5: embora não faça parte dos objetivos desta pesquisa e a exibição desta competência não venha a ter maiores valorações nesta análise, a solicitação de localizar uma determinada estrofe no poema a alunos do Ensino Médio nos pareceu que seria algo bem irrelevante e que não traria maiores dificuldades, infelizmente uma quantidade expressiva dos sujeitos não citou o número da estrofe requerida como era perguntado no questionário, entretanto, a imensa maioria demonstrou compreensão sobre o conteúdo solicitado na questão, o que acreditamos ser mais importante nos processos e práticas de leitura do que a realização de contagem de estrofes para compreensão de um texto.

⁴⁵ O pecado original é o que chamamos o primeiro pecado cometido por Adão e Eva, que separou a humanidade de Deus. Todos nós somos pecadores por causa desse primeiro pecado. O pecado original foi quando Adão e Eva comeram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, **desobedecendo a Deus**.

Como sabiamente nos ensinou o professor Marco Barzano⁴⁶, utilizando-se também para isto da poesia de Caetano Veloso, nos diz que se faz necessário: “Encontrar a mais justa adequação. Tudo métrica e rima e nunca dor. Mas a vida é real e de viés⁴⁷”. Podemos estabelecer aqui que: apesar da divergência entre as respostas esperadas e as expressadas pelos sujeitos, foi demonstrando por eles haver efetiva compreensão sincrética do texto.

A sexta questão requereu uma compreensão do texto em níveis mais elaborados, sendo necessária uma percepção por parte do sujeito o que estaria sendo dito nas “entre linhas”. Esperava-se que nesta questão o aluno percebesse a tristeza do homem em saber que é ele próprio, a própria humanidade que é responsável por destruir a natureza. Ao contrário do desejado como resposta, a imensa maioria dos sujeitos, entendeu foi que o homem se sente embevecido diante de tanta beleza, e a contempla valorizando esta beleza.

Questão 10: esta questão foi de cunho especulativo abstrato sobre a conexão entre informações lúdicas ou mesmo a capacidade cognitiva do aluno relacionando a intertextualidade entre informações científicas e poesia. Sendo assim, não podemos dizer exatamente se uma determinada resposta é certa ou errada, mas apenas perceber a capacidade de o aluno encontrar sentidos diversos em textos “não classificados” como científicos ou não.

Com exceção do sujeito **M**, todos os demais admitem ser uma ideia exequível a utilização de textos não científicos, especificamente poesias, podem sim serem utilizados para o aprendizado de Ciências e/ou Biologia, entretanto, apenas o sujeito **K** forneceu evidências de reconhecer e citar elementos existentes no texto que foram relacionados aos conteúdos programáticos estudados em sala de aula por estas disciplinas.

Ao fim desta oficina podemos entender a necessidade de realizar as abordagens sob a perspectiva que a partir de um determinado texto o sujeito pode, e deve criar e recriar concepções, de forma que a leitura permita uma interação com suas vivências. A leitura, se assim compreendida servirá como indutor para realizar indagações através das quais poderemos de forma dialógica ressignificar as práticas educativas a partir dessas novas considerações.

⁴⁶ Marco Antônio Leandro Barzano é Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação (UEFS) e Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS). Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biologia por dois mandatos (2011-2013 e 2013-2015). Atualmente é coordenador do GT 22 - Educação Ambiental - da ANPEd. Com larga experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental; Currículo e Culturas; Formação de Professores e Currículo de Biologia; Museus de Ciências e Divulgação Científica.

⁴⁷ Verso da canção O Quereres, do poeta Caetano Veloso, gravado no disco Velô de 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJAkeUvCL1s>

Faltando apenas quinze minutos para finalizar nosso horário, pois alguns alunos demoraram mais que o dobro do tempo da maioria do grupo para responder ao questionário proposto, iniciamos o quarto momento da oficina com a discussão do texto, a partir das respostas dadas pelos alunos no questionário. Só foi possível tratarmos das três primeiras questões, deixando as demais para serem tratadas no próximo encontro.

A aplicação deste questionário teve como intuito realizar uma sondagem a fim perceber o nível do vocabulário e capacidade de interpretação dos alunos.

Tendo findado o horário da oficina, muitos dos alunos permaneceram no local para pedir que pudessemos utilizar locais alternativos, que não fosse a sala de aula destinada para as oficinas do ProEMI, alegando que distantes das paredes, ao ar livre, a sensação de liberdade os afastaria do sentido de estarem fazendo algo por obrigação ou compromisso, e o sentido de prazer no que estariam fazendo se ampliaria.

Um dos participantes lembrou que eu havia prometido colocar a música que fora associada à que foi trabalhada. Realizamos a pesquisa no aplicativo de músicas Deezer, e após encontrar (O Sol – Vitor Kley), nos pusemos a ouvi-la...

Ô, Sol

Vê se não esquece e me ilumina

Preciso de você aqui

Ô, Sol

Vê se enriquece a minha melanina

Só você me faz sorrir

E quando você vem

Tudo fica bem mais tranquilo

Ô, tranquilo

Que assim seja, amém

O seu brilho é o meu abrigo

Meu abrigo

E toda vez que você sai

O mundo se distrai

Quem fica, ficou

Quem foi, vai, vai

Toda vez que você sai...

Espontaneamente, começaram a surgir interpretações.

- Os dias de sol são mais alegres que os dias de chuva!
- O sol traz a claridade, espanta os medos que temos no escuro, à noite!
- O sol, principalmente pela manhã, quando nos aquece dá uma sensação de carinho, acolhimento!

Indaguei então para os alunos que ainda estavam ao redor da caixa de som a ouvir a música. – esta música fala do astro sol ou de uma pessoa, cujo apelido carinhoso pode ser Sol, por quem ele encontra-se apaixonado?

Foi incrível perceber como se entreolharam, quase com espanto, como se tivessem até aquele momento sido ludibriados, levados a acreditar que a música tratava apenas do astro rei!

3.5 Terceira oficina: Não existe texto/discurso sem intencionalidade

Antes mesmo de nos saudarmos com o “bom dia!”, o sujeito **K** entrou na sala, se aproximou e falou: “Pensei, e “vi”, acho que a música trata mesmo de uma pessoa!”

Desta vez, nos instalamos na biblioteca da escola, pela possibilidade de sentarmos em círculo e contarmos com um ambiente mais silencioso do que a sala que nos foi destinada.

Antes de prosseguirmos com nossa atividade de leitura, tratamos das rotinas formais e burocráticas da pesquisa, entregando para que fosse preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice1) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE (Apêndice2), para que os participantes menores de idade pudessem levar para os seus respectivos responsáveis. Após isto, foi aplicado um questionário para que respondessem sobre alguns dados pessoais a fim de ajudar a compor o perfil socioeconômico dos sujeitos do grupo.

Feito isto, demos continuidade às falas sobre a música *Ô Sol*⁴⁸, que ouvimos por sugestão dos sujeitos por acreditarem que ambas as poesias tratavam sobre o mesmo conteúdo, o Sol, estrela do nosso sistema solar e, não havíamos dado por esgotado a discussão em função do término do nosso tempo e a professora da oficina seguinte já aguardava pelo grupo para dar início à sua oficina de espanhol.

⁴⁸ Música *Ô Sol* de autoria do cantor Vitor Kley. Disponível em:<<https://www.letras.com.br/vitor-kley/o-sol>> Acesso em: 19/08/19 às 11:00h.

Retomamos nosso diálogo partindo da fala do sujeito K que logo no início da manhã nos abordou para falar que havia mudado sua interpretação sobre a música e deixou de pensar que o poema se referiria ao próprio astro rei para acreditar que em verdade seria uma alusão a uma pessoa.

Como de antemão já sabíamos que iria retomar as nossas conversas sobre aquela música, distribuí entre os quatorze sujeitos presentes na oficina, cópias que havia previamente impresso (Apêndice 8) para que todos pudessem acompanhar a letra e facilitar as possíveis interações.

De imediato o sujeito **K**, que desde os primeiros instantes do encontro havia demonstrando ansiedade para dialogarmos sobre a música iniciou nossa conversa falando:

“[...] como já havia falado para o senhor, eu pensava mesmo que ele tava falando do Sol, pois ele fala de iluminar e de brilhar e também de melanina, que é aquele negócio da cor da pele, vi isto na aula de Biologia, mas não sei direito não! Como eu podia pensar outra coisa? Mas pensando melhor depois da aula passada acho mesmo que é uma pessoa que ele tá namorando!”

A fala do sujeito nos remete mais uma vez a Freire ao nos ensinar sobre a aquisição de novos conhecimentos, faz-se necessário estar receptivo a ele e, sobretudo saber que ele pode mudar para um outro saber, e um dos caminhos desta aquisição de saberes é a dialogicidade.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro antes que foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p 15).

Complementando, ainda sob a perspectiva dos processos de novas aprendizagens mediadas através do diálogo e a atuação do professor no fomento ao amadurecimento e avanço na formação do senso crítico dos sujeitos leitores, nos diz mais uma vez Freire:

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja "promoção" da ingenuidade não se faz automaticamente. (Id. Ibid., p. 16).

Conversando sobre estes sentidos e intenções, muitas vezes presentes nos textos de forma sub-reptícia ou nas entrelinhas, como forma de persuasão do inconsciente, transmitido através de mensagens em um baixo nível de percepção, tanto auditiva quanto visual, usada não somente em poesias ou notícias, mas, sobretudo em larga escala em propagandas de produtos supérfluos, a formação do leitor crítico faz com que ele se distancie da “ingenuidade” que Freire

nos alerta e o torna mais atento a perceber os reais sentidos e propósitos contidos nos textos, estejam eles presentes de forma explícita ou implícita, constituindo a leitura dialógica uma das maneiras de alcançar a “promoção” que supera a inocência e forma a consciência crítica.

Esgotadas as falas sobre a música “Ô Sol”, após várias divagações sobre os possíveis sentimentos ditos em suas entrelinhas, passamos a informar sobre em que constituiriam as oficinas, motivos, objetivos, metodologias e materiais a serem utilizados.

Iniciamos esclarecendo que as oficinas fariam parte de um trabalho de pesquisa sobre práticas leitoras e teria como produto final a construção de um texto dissertativo como trabalho de conclusão do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGE-UEFS.

A metodologia a ser utilizada durante a realização das oficinas seria a Tertúlia Dialógica Científica, que consistiria em realizarmos a leitura de textos sobre uma perspectiva dialógica e aproveitamos para discutir também sobre as regras de funcionamento⁴⁹.

Informamos que nos reuniríamos uma vez por semana, cada uma destas reuniões denominadas de oficinas teria a duração equivalente a duas aulas, cem minutos, começando sempre às 7:20h e terminando às 9:00h, leríamos parte de um romance pré-escolhido em suas respectivas residências, e traríamos um trecho que possa haver chamado mais a atenção em destaque e faria a leitura em voz alta e depois comentar sobre o entendimento que teve do trecho escolhido e porque escolheu, teríamos posteriormente a leitura e comentários um debate onde todos teriam o direito de se manifestar com a finalidade de construirmos um possível consenso da interpretação sobre o texto, através das diversas opiniões e argumentos apresentados.

Semanalmente foi nomeado um moderador entre os participantes que teve como função a de garantir o direito de manifestação de todos e também seria escolhido um redator a fim de escrever os principais diálogos com a finalidade de preservar a memória do que seria construído.

Depois, anunciamos que o texto a ser lido seria o romance “*O Cortiço*”, um clássico da literatura brasileira, de autoria de Aluísio de Azevedo, autor que acreditava que a ciência seria a cura para todos os males da humanidade, fosse no plano físico, psicológico ou social.

⁴⁹ Descritas na seção 1 desta dissertação

Apresentamos um pequeno resumo da obra, localizando-a no tempo e no espaço, falamos também sobre o autor, sua postura política contra o regime monárquico e crítico da sociedade aristocrática, assim como também dos religiosos, mas falamos, sobretudo do seu papel como jornalista e escritor engajado na causa abolicionista. Ponderamos ainda sobre o romance que, apesar de haver sido escrito e publicado dois anos após a abolição da escravatura, tem esta temática como objeto gerador do desenvolvimento do enredo, servindo-se também do livro como meio de denúncia as atrocidades próprias desta prática hedionda.

Comentamos ainda que, passados mais de cem anos da proclamação da Lei Áurea, inúmeras das práticas do período da escravatura ainda são vivenciadas nos dias de hoje, principalmente pelos trabalhadores e trabalhadoras menos qualificados.

O sujeito **D** indagou sobre o porquê havia escolhido este livro (*O Cortiço*) e respondemos que a escolha não se deu por mero acaso e argumentamos que além de ser um clássico da nossa literatura, foi escrito em um importante momento da história do nosso país, trazendo nele a denúncia de mazelas que acometem o povo até os dias de hoje, problemas como a seca na região Nordeste, doenças como a febre amarela, falta de habitação e saneamento básico nas periferias dos grandes centros urbanos e como isto contribui para deteriorar a saúde dos moradores destes locais, além de demonstrar que a corrupção não se encontra somente entre os operadores da política, mas em todas as instâncias da sociedade e como somente isso não fosse o suficiente, há romance, sedução, suspense e crime, ou seja, tudo que pudemos desejar de um bom livro.

Concluímos falando que esta obra de Aluísio Azevedo constitui uma refinada crônica com relatos minuciosos dos costumes presentes em todas as classes sociais da população brasileira no final do Século XIX, e com o interesse especial do pesquisador em investigar as questões de preconceito racial e que os romances naturalistas se constituem um farto material para estudos que tratam deste contexto.

Para a utilização do romance “*O Cortiço*” na pesquisa, foi definido que seria entregue a cada um dos estudantes participantes da TDC, um exemplar do livro a fim de que pudessem fazer suas leituras e anotações que julgassem necessárias. Como não havia exemplares na biblioteca da escola ou recursos disponíveis para aquisição destes, optamos inicialmente pela utilização de uma versão eletrônica e, desse modo, nos deparamos com outro problema: nem

todos os alunos dispunham de dispositivos eletrônicos com aplicativo de leitura ou memória suficiente no aparelho para realizar o download⁵⁰ (1,17Mb).

A solução foi realizar uma busca na biblioteca digital Portal Domínio Público, no formato PDF⁵¹, disponível em parceria com a Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro/ USP e realizar a impressão de forma gradativa, um capítulo por vez, para serem entregues aos sujeitos inscritos na oficina do grupo A do ProEMI.

Para dar início à tertúlia, foram preparadas pastas tipo “classificadores rápidos” para receber as folhas de papel A4 perfuradas, impressas com partes do livro, de modo que anexando cada novo capítulo pudermos compor ao final das oficinas o livro por inteiro.

Faltando cinco dias para nossa quarta oficina, foi entregue a cada um dos alunos uma pasta contendo as oito páginas d’*O Cortiço* referentes ao primeiro capítulo.

3.6 Quarta oficina: Primeira tentativa de realizar a tertúlia

Iniciamos o encontro com uma situação: primeiro, dos vinte alunos aos quais foi entregue as pastas com o texto, apenas seis participantes da oficina chegaram na hora marcada para iniciarmos os trabalhos e, segundo, ninguém realizou a leitura prévia do primeiro capítulo d’*O Cortiço*, como havia sido combinado.

A estratégia então foi realizar a leitura em sala de aula e, para isso, foi estabelecido um tempo de quarenta minutos para a leitura das oito páginas que compõem o primeiro capítulo do romance, mas ao final deste tempo, apenas três estudantes haviam concluído a leitura e, por isso, prorrogamos por mais 15 minutos, o que consideramos que seria o suficiente para a conclusão da leitura, entretanto, neste ínterim, foram chegando os demais participantes da oficina.

Após estes percalços, optamos por não instituir as figuras de moderador e do redator, essenciais para um bom desenvolvimento da TDC, mas utilizamos uma tática de realizarmos comentários gerais sobre os primeiros personagens apresentados neste primeiro capítulo do livro, focando apenas no reconhecimento de seus respectivos nomes e atividades desempenhadas.

⁵⁰De acordo com o Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, o termo Download refere-se a: Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota.

⁵¹Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/cortiço.pdf

O sujeito C relatou que a mãe ao vê-la com a pasta que lhe foi entregue contendo o primeiro capítulo, contou pra ela que já havia lido a obra e perguntou em seguida se ela estava lendo “*O Cortiço*”, e se não achava um pouco “pesado” para estarem lendo este “tipo de livro” na escola? A estudante informou que respondeu à mãe que ainda não sabia, pois não tinha lido, mas acreditava que não deveria ter problema e complementou dizendo que a mãe era tranquila, “cabeça aberta” e teria dito para que ela tirasse as próprias conclusões. Relatou ainda, de forma quase que exultante, que achou “fantástico” a mãe ter dito a ela que já havia lido o livro que estávamos trabalhando. (diário de campo 21/05/18)

Ao final do encontro, foram distribuídos os capítulos II e III e solicitado que fizessem a leitura e anotações sobre as impressões que lhes fossem ocorrendo, mas que principalmente relacionassem o que estavam lendo, com suas experiências de vida.

3.7 Quinta oficina: Finalmente a tertúlia

De início, tivemos a maior parte do primeiro momento da oficina tomada pela burocracia do preenchimento de formulários para nota “prometida” dos alunos pela participação no ProEMI e estes se encontravam ansiosos por isto. Em seguida, a persistência do barulho das salas vizinhas e a nossa busca por um lugar mais tranquilo para que pudéssemos nos ouvir, após testarmos alguns lugares que se mostraram inadequados, nos instalamos mais uma vez na biblioteca da escola e organizamos quatro mesas de modo que possibilitasse sentarmos de forma a que todos pudessem ver e ouvir uns aos outros.

Mais uma vez foi explicada a metodologia e dinâmica da tertúlia e distribuída as funções de mediador e redator, a princípio com dificuldade para que fosse assumido por alguém, mas que depois com mais alguns esclarecimentos sobre a função de cada um deles e por muita insistência, conseguimos dois voluntários para as referidas funções. Assumiram nesta primeira oficina de tertúlia a função de mediador o sujeito L e a função de redator ficou a cargo do sujeito C; entregamos a cada um deles uma pasta, cada uma delas identificada na capa com a sua finalidade, para registro das informações por eles anotadas: pasta mediador, onde seria realizada a anotação dos nomes dos sujeitos na ordem que iriam expor suas opiniões ou argumentos; e pasta redação, onde seria feito o registro das principais ideias que foram dialogadas na tertúlia.

Vencida esta etapa, demos início às falas que se situaram basicamente na crítica da acumulação desmedida do personagem “João Romão” e cada um dos participantes que se manifestava, reiterava as críticas a este personagem.

As falas mudaram o viés quando o sujeito **O** confessou que: “preferia ir e voltar da escola andando a fim de economizar, pois quando se tem um propósito, toda a economia é válida”.

Neste momento as discordâncias beiraram à discussão e fez-se necessária a intervenção do pesquisador buscando dar foco no texto lido. Voltamos ao texto com um pedido do sujeito **E** que havia solicitado inscrição ao mediador para falar que desejava, em verdade, era conhecer o significado de algumas palavras presentes no texto e que ele não conhecia, tais como “tostão⁵²” e “taverna⁵³”.

Esclarecido o significado das palavras em questão, percebemos que por tratar-se de texto escrito há mais de cem anos e ser apresentado em sua forma original, sem adaptação à linguagem fluente atual ou à nova gramática, alguns dos vocábulos presentes eram desconhecidos da maioria ou em alguns casos da totalidade dos sujeitos, em virtude destes termos populares terem caído em desuso ou por fazer parte do português arcaico e os sujeitos não estarem familiarizados com uma linguagem tão formal.

Retomamos ao texto ainda referindo-se à questão da avareza do personagem João Romão, quando o sujeito **L** disse que:

“acho isto muito errado, e que discordo da ideia de quem disse que ele tá certo em economizar pensando no futuro. Na minha ideia João Romão devia era aproveitar mais a vida por conta do seu passado tão sofrido, dormindo em cima do balcão e tudo mais”.

Ao chamarmos a atenção sobre a questão do determinismo social defendido pelo autor, ponderando que não seria o caso de que João Romão estaria reproduzindo o comportamento do seu antigo patrão?

Ao dizermos isso, houve três pedidos de inscrição para falar: o sujeito **J** disse: “Para mim, o ambiente em que se é criado pode ou não influenciar. Isso não depende do ambiente, mas sim da pessoa dela querer ser diferente”. Dada a palavra ao sujeito **K**, ele complementou a fala dizendo que concordava com a posição do colega e mencionou: “Isso vai do pensamento

⁵²De acordo com o Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, Tostão se refere a: Antiga moeda de níquel, de Portugal e do Brasil, que valia cem réis. E também pode ser interpretada como joelhada nos músculos da coxa. No caso do texto em questão, refere-se a fração monetária.

⁵³Taverna ou Taberna, é descrito no Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda como: 1. Casa onde se vende vinho a varejo; baiúca, bodega, locanda, tasca, tasco. 2. Casa de pasto ordinária; locanda, tasca, tasco.

de cada pessoa, o que vai variar é a visão de cada pessoa. Não é porque você anda com uma pessoa que você será igual a essa pessoa”

O sujeito **O**, que já havia se inscrito para falar, em um momento quase de desabafo começou dizendo:

“não acredito nisto, eu mesmo procuro não reproduzir o que minha mãe fazia: colocar homens dentro de casa para fazer estas coisas que adultos fazem. ...Fazer sexo! Ela dizia que isto era normal e geralmente me colocava para fora da casa para fazer isto. Já meu pai, que estou morando agora com ele, disse que para homens é normal trair. Não concordo! E não quero ser como ele também”.

Sob uma certa tensão com estas revelações, a sirene da escola ecoou sinalizando o final da oficina e livrando o pesquisador de uma situação inesperada, pois não saberia o que dizer após o relato sobre a privacidade do sujeito exposta de forma tão espontânea para todo o grupo.

Com a finalidade de concluir nossa primeira tertúlia, falamos sobre o entender como consenso o discordar da visão do autor do romance, e que o ambiente que se vive não pode ser determinante, mas pode trazer algumas vantagens ou desvantagens nos planos ou projetos de vida de cada um.

Enquanto arrumava os pertencentes na mochila, mentalmente me perguntei sobre quais poderiam ser os motivos que levaram o sujeito **O** a se permitir compartilhar tais revelações. Haviam sido feitas pela confiança depositada ao grupo ou seria normal para ela tal exposição? As confissões seriam frutos da sua ânsia (possuía apenas 15 anos) ou da necessidade de uma descarga emocional, necessitando realizar tal confissão como um momento libertador do trauma vivenciado? Creio que esta será mais uma das indagações que se somam a esta pesquisa e que permanecerão sem uma resposta.

3.8 Sexta oficina: Capítulos I e II: Nasce o cortiço São Romão

Mais uma vez nos reunimos na biblioteca da escola e iniciamos a oficina relembrando das normas de participação na tertúlia e solicitamos dois voluntários: um para registrar e outro para dar ordem e garantir a fala dos que desejassem se manifestar. Após alguma resistência, o sujeito **Q** se propôs a ser o redator e o **D** se ofereceu para fazer o papel de mediador.

Feito isto demos prosseguimento à oficina ponderando que: como havíamos nos detido no encontro anterior a discutirmos apenas as questões sobre a avareza de João Romão e da

perspectiva determinista do autor da obra, propusemos rever algumas outras questões presentes no primeiro capítulo e que por conta principalmente da escassez de tempo não foi possível falarmos sobre elas. Sendo assim, propusemos reler o trecho do livro que apresenta a personagem Bertoleza que, apesar das poucas falas, tem papel preponderante no desfecho da história. Escravizada, pertencente a um cego morador de uma outra localidade, vendia comida (angu e peixe frito) como forma de manter seu sustento e conseguir comprar a sua alforria.

De imediato, mesmo sem haver solicitado inscrição ao mediador, o sujeito **N** indagou: “Como é isso? Ela era escrava e trabalhava em outro lugar? Vendendo comida?”

Explicamos então que era relativamente comum alguns proprietários de escravizados os utilizarem como forma de conseguir uma renda extra, alugando-os para outras pessoas, eram denominados de “escravos de ganho”⁵⁴. Em seguida, **N** então retrucou falando que: “Então era quase como ser livre!” Imediatamente **K** discordou dizendo: “Livre? Livre que tem que pagar todo mês não sei quantos contos? Que liberdade é essa?”

Teve início então uma grande explosão de conversas paralelas onde todos falavam ao mesmo tempo expressando suas opiniões. Então mais uma vez fez-se necessário intervir solicitando que falasse um de cada vez e que realizassem inscrição junto ao mediador, para que todos pudessem ouvir e serem ouvidos. Apenas **K** se inscreveu e começou dizendo:

“Eu não acredito em uma liberdade que você tem de pagar por ela todo mês, isso continua sendo escravatura, um aluguel de uma casa, por exemplo, a gente paga todo mês, mas usa ela, e se quiser sai, vai embora mas, a liberdade é algo da gente, tá na lei, é um direito”.

Alguns calaram outros fizeram sinais de concordância com a cabeça, e ensaiaram retomar as conversas em paralelo, rapidamente intervimos propondo a leitura do trecho do livro em que João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos e a leitura foi realizada em voz alta pelo sujeito **P**:

⁵⁴Escravo de ganho, eram assim denominados os escravos que, nos centros urbanos, trabalhava a mando do seu senhor prestando, algum tipo de serviço. Ele poderia ser vendedor ambulante, quitandeiro, carregador e etc. Ao final do dia, semana ou mês, pagava um determinado valor ao seu senhor. Podia morar, ou não, junto ao seu senhor; ficando com uma parte do ganho. Neste caso, deveria utilizar o dinheiro para seu próprio sustento. Alguns usavam seus ganhos para a compra de sua liberdade.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o proprietário que fosse colocar seu escravo ao ganho deveria primeiramente obter uma autorização junto à Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Caso o escravo de ganho não tivesse a licença, esse era recolhido ao Depósito Público e o senhor deveria pagar uma multa. OLIVEIRA, 2015, p. 18.

[...]. Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 1973, p. 20).

Inicialmente ficaram em silêncio, certamente digerindo aquela fala revestida de preconceito, e que com a leitura mais desatenta pode haver passado despercebido e não ter sido avaliada nem entendido como Bertoleza ratificava, com tais pensamentos algo que depunha contra ela mesmo, e assumia esta condição de pessoa com menor valor, assumindo uma condição de ser desprezível em função de sua condição de mestiça, valor este edificado por outros sujeitos com a finalidade de construir conceitos que explicasse e legitimasse exercício da dominação sobre povos de etnias distintas que não o homem branco europeu.

As concepções das Ciências do Século XIX construídas pelas elites dominantes para legitimar o poder e a desigualdade social foram realizadas no intuito de estabelecerem tais conceitos fabricados como valores e que justificassem a subjugação daqueles povos que se encontravam em estágios diferentes de evolução tecnológica ou que teriam outra concepção econômica⁵⁵ que não a acumulação de bens.

O sujeito **D** usou da palavra para dizer que:

“Tem muita gente que é assim, não se aceita, se sente inferior porque é negro, acho que isso deve fazer muito mal, deve viver muito infeliz. Sou negra e com muito orgulho. Sofro preconceito, e isso dói! machuca mesmo, mas não me sinto inferior a ninguém, posso ser mais fraca (se referindo a sua situação socioeconômica), mas não me troco por ninguém. Gosto de usar minhas trančinhas, e me acho bonita! Mas tem muitos negros que criticam quando a gente usa cabelo Black ou trançado, acho que estes não se vêem como negro, tenho muita é pena destas pessoas!”

A formação da absoluta maioria das nações Americanas se constituiu a partir da imigração de europeus, do genocídio das populações autóctones e com uma economia baseada na mão de obra escrava produzida pelo aprisionamento de nativos de origem africana. Tal conformação também favoreceu os processos de miscigenação que deu origem ao povo brasileiro, em suas feições físicas, linguagem, costumes, diversidade cultural e religiosa. Contudo, cada um destes aspectos foi nomeado com uma importância social, hierarquizados de

⁵⁵ Consideramos aqui o conceito de economia aplicado pelos antropólogos Allen W. Johnson e Timothy Earle, “a partir de uma abordagem ecológica, como a “obtenção dos meios materiais para garantir a existência”. Isso inclui a produção e distribuição de alimentos, a tecnologia e outros bens materiais necessários para a sobrevivência e reprodução dos seres humanos e das instituições das quais depende sua sobrevivência”.

acordo os critérios determinados pelas elites dominantes, classificando índios, negros e mestiços como pessoas (ou nem sempre isto) de menor valor, e no caso específico dos escravizados sendo coisificados, tratados como uma simples mercadoria.

Apesar de algum avanço, fruto de lutas dos movimentos sociais de combate ao racismo, até a atualidade, os preconceitos persistem e encontram-se inseridos nas construções pessoais dos indivíduos, recheados de preconceitos que trazem em si concepções de desvalorização do negro em comparativo aos brancos. (GOMES, 2012)

Podemos presumir que tais atitudes racistas encontram-se arraigadas nos próprios sujeitos desta pesquisa, mesmo sendo o grupo composto por uma maioria de pessoas negras, no silêncio da maioria, a percepção pelo “não dito” dos sujeitos nos leva a supor que eles também concordam com o pensamento preconceituoso de grupos hegemônicos os quais não fazem parte ou sequer são admitidos por eles.

Procuramos entender que a pessoa negra traz em si a negação de sua própria origem, que o remete a condição de escravizado, mero objeto ou mercadoria e vítima de constantes demonstrações de discriminação racial. Talvez devamos tentar entender ou admitir que a negação de sua origem étnica seja uma fuga destas dores históricas.

Entre as poucas manifestações do grupo, o sujeito **G** pediu a palavra para concordar com a fala da colega e a reiterou dizendo que:

“Este preconceito a gente tem até mesmo em casa, quando passei a usar meu cabelo Black, antes era na chapinha (risos) o tempo todo, meu pai me criticava, dizia que era coisa de gente que não se cuidava. Já tem uns dois anos que mudei, agora ele já acostumou, não fica implicando mais com isso!”

Ao discorrer sobre preconceito racial no Brasil, onde o conceito de raça encontra-se mais ligado à cor da pele e características físicas, mas não somente a isto, também há um forte indício deste racismo ser mais evidente nas pessoas de menor poder aquisitivo e o preconceito é demonstrado não somente ao indivíduo mas, sobretudo no desrespeito e depreciação da cultura, costumes e saberes.

A discriminação hostil não se situa apenas nos negros e índios, mas também atinge de forma contundente os mestiços, responsabilizando a prática de mestiçagem pela decadência da raça humana. Para constatar tal pensamento presente no imaginário da sociedade, até mesmo autoridades, como o atual vice-presidente da República do Brasil, General Hamilton Mourão é

capaz de pronunciar publicamente tais impropérios ao se manifestar em público sobre a crise no país e acusa a miscigenação entre etnias ao declarar que:

"Está aí essa crise política, econômica e psicossocial (...). Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena. E eu sou indígena, meu pai era amazonense. E a malandragem é oriunda do africano. Então esse é o nosso cadinho cultural".⁵⁶

Tais declarações preconceituosas e inverídicas vão de encontro ao pensamento de vários antropólogos e historiadores, entre eles Will Durant, que reconstruindo a formação de alguns povos modernos demonstra que os processos de miscigenação entre os diversos tipos humanos é algo positivo.

O papel da raça na história é mais preliminar do que criativo. Vários ramos, ao se instalar em determinados lugares vindos de distintas regiões em diferentes etapas, misturam seu sangue, suas tradições e seus modos de vida com outros ou com as populações locais, como dois grupos distintos de genes que se juntam na reprodução sexual. Esta mistura étnica, ao longo dos séculos, pode vir a produzir um novo tipo, até mesmo um novo povo. Assim, celtas, romanos, anglos, saxões, jutos, dinamarqueses e normandos fundiram-se para produzir o inglês. [...] Não é a raça que faz a civilização, é a civilização que faz o povo: circunstâncias geográficas, econômicas e políticas criam a cultura, e a cultura cria o tipo humano. (DURANT. 2018, p. 31).

Partindo destas últimas informações fundamentadas em pesquisas e não em mero racismo e aceitando-as por causa disto como verdades mais prováveis, podemos admitir que nosso povo é o que é como fruto desta miscigenação que apesar dos desrespeitos sofridos e limitações, constrói nosso tipo humano com as virtudes e imperfeições que são próprias da irrequieta natureza humana.

A sirene escolar tocou informando o fim de nossa oficina naquele dia e marcamos um novo encontro para depois do recesso junino, com a TDC do capítulo III *d'O Cortiço*.

Infelizmente, por conta de feriados, paralisações, problemas estruturais no prédio da escola e suspensão de aula por conta da realização da semana de provas, etc., só aconteceram cinco oficinas no primeiro semestre letivo e, destas, apenas em uma delas aconteceu de fato a TDC.

⁵⁶Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/vice-de-bolsonaro-diz-que-brasileiro-herdou-indolencia-do-indio-malandragem-do-africano-22955042>

3.9. Sétima oficina: Capítulo III: Os trabalhadores

Quase um mês após a realização do último encontro retomamos as oficinas do ProEMI em uma pequena sala próxima à secretaria da escola, local que ficou estabelecido como definitivo para a realização de nossas tertúlias.

Dos seis sujeitos que compareceram naquele dia, ao serem perguntados se haviam realizado a leitura prévia conforme combinado, apenas dois deles responderam positivamente.

Como já era de costume, reiteramos as normas da tertúlia e em seguida escolhemos, mais uma vez sob alguma resistência de ocupar as funções, o mediador e o redator, respectivamente os sujeitos **Q** e **G**, e demos início a oficina.

O sujeito **D**, um dos dois presentes que havia lido o capítulo, se inscreveu para falar e, sendo a única inscrição até o momento, iniciou dizendo que havia notado que todas as vezes que “o livro falava” de uma pessoa negra vinha com um adjetivo pejorativo, e assim também era quando tratava das mulheres, sempre as desqualificando, colocando-as na condição de submissas ou levianas, e para ela autor com estas colocações dava a entender ser racista e misógino. (diário de campo 07/09/18).

A fim de comprovar seu argumento, citou as passagens no texto que havia anotado em que percebia tais considerações:

(...) enegrecendo-lhe a alma com um feio ressentimento de despeito. (O Cortiço, p. 34);

Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola. (O Cortiço, p. 37);

(...) negrinha virgem, chamada Leonor, muito ligeira e viva, lisa e seca como um moleque, conhecendo de orelha, sem lhe faltar um termo, a vasta tecnologia da obscenidade. (O Cortiço, p. 37);

(...) enfiando curiosa a carapinha por entre o pescoço e o ombro da mulata. (O Cortiço, p. 45);

A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beiços sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem. (O Cortiço, p. 47).

Conversamos que a utilização de formas estereotipadas e racistas na descrição das personagens feitas pelo autor, pretende, em verdade, denunciar a condição de subjugação dos negros e conduta hipócrita da sociedade. Reiteramos o que havíamos falado anteriormente, quando das justificativas pela escolha do livro O Cortiço, que Aluísio Azevedo foi um ativista

da causa abolicionista e crítico mordaz da monarquia e da igreja, utilizando-se dos jornais em que trabalhou para denunciar tais mazelas através charges e textos que publicava.

Entretanto, afinado que era em com seu tempo, utilizava-se do pensamento evolucionista proposto por Charles Darwin para substanciar as ideias do racismo científico vigentes no século XIX, teoria que sustentaria a ideia da existência de uma supremacia racial, deixando de maneira explícita no romance esta sua crença, mostrando a preferência das mulheres negras em juntar-se aos brancos, no qual diziam ser uma “raça superior a sua” (AZEVEDO, p. 20).

Este tema também se torna manifesto na caracterização dos “negros” e “mulatos”, expondo os primeiros de forma inferior no comparativo aos segundos no transcorrer do romance.

Mais uma vez o sujeito E se manifestou pedindo que informasse o significado de algumas palavras e expressões contidas no texto, as quais ele não conseguia entender, a saber: “vintenzinho, pândega, capilé, conhecendo de orelha, a vasta tecnologia da obscenidade, “orfe” (órfão), vituperava e carapinha”. Após apresentarmos os nossos entendimentos pessoais sobre os termos que foram destacados, aproveitamos a oportunidade para sugerir a construção de um pequeno glossário com as palavras e expressões que seriam por eles desconhecidas e anexasse-o a nossa “pasta-livro”, de modo que pudesse também ser compartilhada com os colegas tal ferramenta que certamente iria ajudar na compreensão das futuras leituras.

Retomando o texto, o sujeito G, se expressou dizendo que quanto ao racismo entendia, mas quanto as mulheres, seria também denúncia?

O próprio sujeito D, que havia trazido à tona aquela questão se prontificou de imediato a responder:

“se a questão do racismo é colocada como denúncia, acredito que no caso das mulheres também seja a mesma coisa mas com uma diferença: às vezes mesmo criticando o jeito das mulheres, muitas delas, melhor todas elas, tirando a mulher de Miranda (D. Estela), são lavadeiras, todas trabalhadoras e isto é positivo.”

Intervimos na fala para perguntar: E a Léonie?

- Como assim? Perguntou.

- É uma cocote, uma prostituta.

- E é? Pensei que era uma mulher rica! E entre risos discretos e folheando as páginas do livro como quem queria se certificar de tal informação complementou: Bem, mas pelo menos não tá roubando das outras pessoas como João Romão faz!

Motivado pela provocação do sujeito **G**, aproveitamos para falar que a misoginia, o patriarcado e o racismo foram, e são, atitudes presentes em algumas pessoas ou grupos que tem por finalidade impor determinados padrões de comportamento, de forma a regular as relações sociais e imprimir o modo de ser na cultura e a configuração das próprias famílias, garantindo assim a manutenção dos privilégios de certos grupos que compõe a sociedade.

Alguns outros aspectos que são abordados nestes capítulos do livro e que gostaríamos de dialogar sobre eles seria a questão da ambição e desonestidade também presente nas elites já constituídas (caso do Miranda), o falso moralismo desta mesma elite; a homossexualidade representada por um indivíduo personificado como doente, albino, e a violência gratuita e desrespeito que recai sobre ele, coisa que não consegue entender, e que apesar de não ser explicitado pelo autor, fica claro nas entre linhas que é pessoa honesta, trabalhadora e solidária, mas frágil e também comentar sobre a representação nacionalista personificada na “mulata” Rita Baiana.

Apesar de dois dos sujeitos do grupo haver dito que tinham lido o texto, apenas um deles se manifestou com propriedade, ou dando entender realmente haver ter feito isto. Desta forma, não foi possível avançar mais sobre os demais aspectos tratados no capítulo.

Entregamos os papéis contendo o 4º capítulo para que fosse anexado à pasta e lido para dialogarmos sobre ele no próximo encontro.

3.10 Oitava oficina: Capítulo IV: A pedreira

Como de costume, iniciamos relembando os propósitos e normas da tertúlia e apesar de só haver comparecido seis dos sujeitos que se inscreveram para a oficina, prosseguimos definindo o moderador, que ficou a cargo do sujeito **C** e o redator assumido por **L**. Apenas dois dos presentes informaram haver lido previamente o capítulo a ser trabalhado naquele dia, os mesmos que assumiram de forma voluntária as funções de condução da tertúlia. O próprio redator, sendo um dos participantes que havia realizado a leitura prévia do texto, resolveu que seria o primeiro a falar:

“Eu encontrei treze palavras que não conhecia, acho mesmo que nunca irei usar algumas delas. Veja só essa: trescalante, (entre risos completou) digo logo que é uma coisa fedida, e resolvo. Acho que se eu colocar esta palavra em um texto, ninguém vai entender, vai pensar até que escrevi errado (mais risos), ou então esta outra que encontrei: linfática, que significa uma pessoa sem ânimo pra nada, pra mim ou é lerdo ou preguiçoso (mais risos, agora compartilhado com toda turma). Tem umas até que dá pra usar, mas tipo assim: mesmo algumas sendo estranhas acho importante saber, acho que pode ajudar muito a gente em redação, no ENEM, ou até mesmo aqui na escola.”

Após a fala, partilhou a lista de palavras elaborada para compor o glossário, mas somente o outro colega que se encontrava sentado vizinho resolveu anotar, os demais não demonstraram interesse em realizar a anotação dos vocábulos desconhecidos.

Apenas para registro, foi interessante notar que os sujeitos que perceberam uma possível utilidade ou contribuição para seu futuro acadêmico e haviam realizado a leitura, decidiram por construir o glossário.

Perguntando ao grupo quais os pontos em destaque no texto, que haviam chamado mais a atenção, L mencionou a questão da morte de um dos trabalhadores da pedreira pertencente a João Romão, e havia deixado a família desamparada, assim como também um outro empregado contratado para substituí-lo foi contratado de “boca”, sem que nenhum direito fosse lhe dado, somente o salário e, mesmo assim, boa parte voltava para o próprio dono da pedreira que era o mesmo dono do local onde realizava as compras e também alugava um quartinho no cortiço. (diário de campo 16/07/18).

Imediatamente, aproveitando da curiosidade motivada pela situação narrada, sobre os direitos dos trabalhadores, utilizamos um smartfone para realizar uma rápida pesquisa no site de buscas da Google sobre direitos trabalhistas, em uma escolha aleatória, nos pomos a ler inicialmente a matéria da Enciclopédia Livre Wikipédia e, em seguida, no site UOL, e posteriormente em uma pesquisa realizada de forma mais criteriosa, encontramos as informações presentes no livro de Vito Gianotti, “História das lutas dos trabalhadores no Brasil⁵⁷”, nenhuma lei foi criada por iniciativa primeira ou ação beneplácita da classe patronal, mas sim como fruto das lutas dos trabalhadores, sobretudo a partir de 1917. A primeira Lei

⁵⁷História das lutas dos trabalhadores no Brasil, Vito Giannotti. Mauad Editora Ltda. São Paulo. 2007 p. 100. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5r8R-x8P27wC&pg=PA99&dq=hist%C3%B3ria+dos+direitos+trabalhistas+no+brasil&lr=&hl=ptBR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20dos%20direitos%20trabalhistas%20no%20brasil&f=true acesso em: 19/08/19 às 12:48h.

Federal que amparava o trabalhador foi promulgada em 1919, que tratava sobre acidentes no trabalho e responsabilizava os empregadores pela indenização; outras leis foram criadas a partir desta data, a saber: Lei de Estabilidade no Emprego e Lei de Pensões e de Aposentadorias ambas de 1923, que era só para algumas classes de trabalhadores e foi estendida para todas demais classes em 1925; em 1926 foi criada uma lei que garantia férias de 15 dias, em princípio beneficiando apenas os comerciários, e em 1927 foram incluídos no Código de Menores algumas disposições legais proibindo trabalhadores menores de 14 anos, entretanto, Gianotti faz o reparo que a maioria destas leis encontravam-se apenas no papel, não havendo instrumentos para aplicá-las.

Partindo destas informações, podemos inferir que tendo ocorrido a publicação d'O Cortiço em 1890, ou seja, mais de uma década antes da promulgação da primeira lei trabalhista do país, não havia nenhum direito além do salário, concedido ao trabalhador na ocasião da escrita do romance e como a literatura naturalista se caracteriza por ser descritiva, é apropriado supor que a narrativa sobre a morte do trabalhador na pedreira e o desamparo determinado à família na falta de seu provedor, seja mais uma denúncia realizada por Aluísio Azevedo das injustiças sociais comuns à época.

Também foi chamada a atenção pelo sujeito C, o preconceito contra as mulheres presentes neste capítulo, mas neste momento não sob a perspectiva da lascívia ou submissa, “uma mulher é chamada de Machona (Leandra) só pelo fato de ser independente, “gritadeira” e feroz, como se isso definisse a sexualidade de alguém”.

Sem mais tempo para continuar nossa tertúlia naquele dia, distribuímos cópias, para os que se encontravam presente, dos capítulos V e VI do livro para ser lido para o encontro seguinte, nos despedimos fazendo apelo aos sujeitos que fizessem um esforço e lessem o material para a próxima oficina.

Por motivos da realização da semana de provas e suspensão das aulas para executar serviços de manutenção na rede elétrica da escola, somente após vinte e um dias retornamos as oficinas de tertúlia, acontecimentos estes que vieram se somar a outras dificuldades individuais que, acreditamos, ter contribuído significativamente para desmobilizar e desmotivar a maioria dos participantes do grupo.

3.11 Nona oficina: Capítulo V e VI: Trabalho e melancolia

Compareceram apenas cinco dos sujeitos, nenhum deles levou cópia do livro ou mesmo realizou a leitura do capítulo V e VI conforme havíamos combinado. Alguns se desculparam alegando que a participação na gincana que estava sendo realizada na escola, juntamente com a semana de provas, fez com que não dessem conta da leitura ou mesmo haviam esquecido de fazê-la.

Percebendo que seria impossível colocar em prática a tertúlia, sugerimos que realizássemos então uma leitura compartilhada, onde cada uma ficaria responsável pela leitura de uma das páginas; era sete o número total de páginas impressas em papel A4 dos dois capítulos a serem lidos e seis participantes e, desse modo, combinamos então que: quem lesse a primeira, também leria a última, e assim o fizemos.

No quinto capítulo do romance, a tônica é a chegada de novos habitantes no cortiço: o português Jerônimo e sua esposa, e os comentários compartilhados entre os moradores, de forma bem indiscreta sobre o novo casal de moradores, que demonstravam costumes bem mais comedidos e recatados do que os antigos residentes. Fica evidente também a inexistência de privacidade entre os moradores, o que seria favorecido pelas condições precárias das edificações da estalagem.

O dia de domingo, como o dia de descanso e lazer dos habitantes do cortiço é o tópico principal do VI capítulo, assim como também a introdução da personagem Rita Baiana, uma das protagonistas de maior enlevo do romance. Neste capítulo também é que o autor apresenta o que seria entendido como a ideologia do “vigor do híbrido” ou “heterose”, que consiste no fenômeno caracterizado pelo melhoramento ou aumento de qualquer qualidade biológica em uma prole híbrida ou mestiça, contrariando a proposição da eugenia idealizada por Francis Galton para aplicação de um processo de seleção artificial com a finalidade do aprimoramento da população humana.

A negação da perspectiva da aplicação da eugenia, como método de melhoramento das qualidades humanas é evidente no O Cortiço pela discricção que Aluísio Azevedo realiza ao apresentar os personagens descritos como mulatos, os indivíduos que têm em sua ascendência pessoas brancas e negras, presentes na descrição da mulata Rita Baiana.

E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, p. 71).

Ou ainda na descrição do mulato Firmo:

[...], era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadório de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; grande cabeleira encaracolada, negra, e bem negra. (AZEVEDO, p. 76).

Ambas as narrativas, demonstram força, vigor, carisma e grande apreço pela liberdade e cuidados com a higiene pessoal por parte dos personagens.

Conversamos com o grupo sobre as intencionalidades e as ideias colocadas nas entrelinhas dispostas ao longo do romance escrito por Aluísio Azevedo e que ele utilizou da sua obra para denunciar as distorções de valores humanísticos ao mesmo tempo em que também se valeu dela para ressaltar a positividade cultural e biológica dos processos de miscigenação racial em uma visão vanguardista para os padrões da época que viveu.

Finalizamos o encontro recebendo a notícia da gestão que os participantes do ProEmi não teriam mais almoço fornecido pela escola nos dias das oficinas e, desse modo, percebendo a impossibilidade de levar o projeto de leitura do romance até o final do ano letivo e também concluir toda a leitura do livro, resolvemos lançar mão do Filme “*O Cortiço*”, baseado no romance de Aluísio Azevedo, com o propósito de apresentar aos sujeitos o desfecho da trama que acompanhávamos.

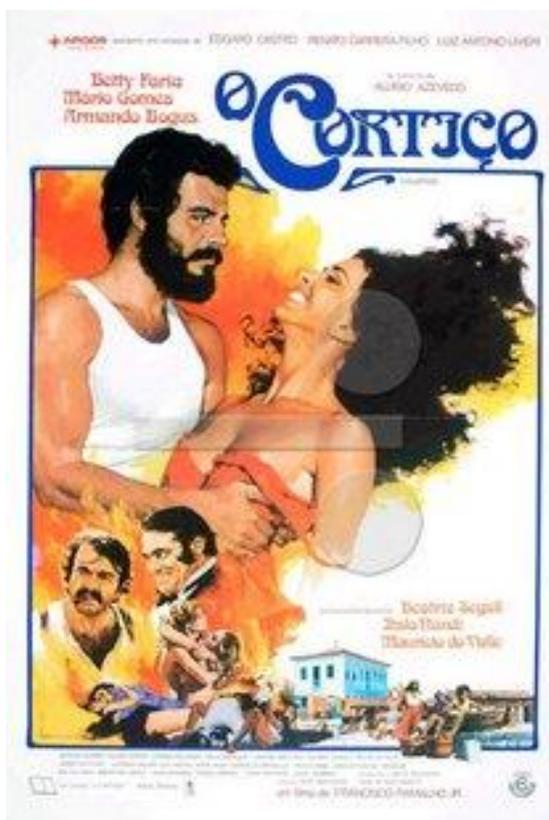
3.12 Décima oficina: Epílogo, o filme

Conforme havíamos definido, escolhemos esta que seria a última oficina com o grupo A do ProEMI 2018 do Gastão para exibir o filme baseado no romance de Aluísio Azevedo e que encontrávamos a dialogar sobre ele, *O Cortiço*, a título de conclusão da narrativa da história que estávamos conhecendo paulatinamente a cada novo capítulo que líamos.

O filme baseado na obra *O Cortiço*⁵⁸ tem título homônimo ao livro, dirigido por Francisco Ramalho Jr. Lançado no circuito comercial no ano de 1978, foi classificado como de estilo drama e com a classificação etária de 16 anos.

Após assistirmos o filme, coube-nos comentar as alterações realizadas sobre a obra original em sua adaptação para o cinema, mudanças não somente nos perfis psicológicos de alguns personagens, como também o desfecho de suas histórias em relação à obra original, alterando inclusive algumas de suas características intrínsecas à escola naturalista de literatura.

Figura 9: Cartaz do Filme *O Cortiço*⁵⁹, lançado em 1978.



Encerramos o encontro e no mesmo momento as oficinas, tecendo comentários sobre a importância da construção de uma educação dialógica produzida a partir da contribuição de cada um dos participantes do grupo cooperando e compartilhando suas vivências e visões de

⁵⁸ A primeira filmagem do romance *O cortiço* data de 1945, e tem a direção de Luiz de Barros, um dos pioneiros da cinematografia brasileira. Fonte: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=005552&format=detaliled.pft>. Acessado em: 15/08/18 às 22:32h.

⁵⁹ Disponível em: <https://filmow.com/o-cortico-t8110/>. Acesso em 22/08/19.

mundo, na resolução dos problemas do indivíduo e também do coletivo, assim como nos ensina Flecha e Melo (2012) ao enunciar que:

Ao compartilhar diferentes pontos de vista e maneiras de analisar e resolver as situações, por meio do diálogo guiado pela validade dos argumentos, necessariamente, estabelece-se um processo de mudança com duas orientações comunicáveis: uma transformação interna, em cada participante, e a transformação externa buscada em benefício de todos. Neste processo de transformação, o acesso ao conhecimento instrumental é uma necessidade para a vida na Sociedade da Informação e a transformação do entorno. (FLECHA e MELO. 2012, p. 49.)

Sob a expectativa e crença nestes ensinamentos, é que realizamos as tertúlias dialógicas com os jovens estudantes como forma de aprendizagem do valor da construção de um discurso argumentativo na sua formação e na responsabilidade como educador de contribuir na construção da sua consciência crítica e percepção de sua inserção na sociedade na perspectiva de alimentar seu compromisso com a construção do bem estar da coletividade.

Finalizamos nos comprometendo a nos encontrarmos em outros momentos e outros espaços da nossa escola a fim de tecermos conjecturas sobre as oficinas que foram realizadas ou outros assuntos que nos forem convenientes, haja vista os laços que foram estreitados com alguns dos sujeitos participantes do grupo e se mostraram simpáticos à ideia de realização de tertúlias no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste instante da dissertação, percebo haver sido guiado desde o primeiro momento pela fé, a fé que encontramos em Paulo Freire na educação como ação libertadora, na fé expressada por Gonzaguinha quando diz que “acredita é na rapaziada”, referindo-se à juventude, nossos alunos e alunas, motivo e inspiração para nosso trabalho e, como bem disse Gilberto Gil: “andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá⁶⁰”.

E por estar revestido destas fé, acredito que não houve fracasso, mas sim edificação, apesar de em alguns momentos de dificuldades apresentadas para dar prosseguimento à pesquisa, a fé que encontrava-se latente, hibernando em algumas ocasiões, com alguns incentivos e estímulos soergui para poder finalizar este texto que apesar dos percalços apresentados no seu decorrer, sendo árduo inclusive em alguns momentos, só o fez ser mais valorizado pelo rico aprendizado que foi a mim proporcionado e da possibilidade de aporte para novos pesquisadores da área.

Desta forma, posso dizer que a fé não falhou, e não falhou porque encerro esta dissertação, com a convicção de saber que as ações empreendidas durante a realização desta pesquisa contribuíram para mudanças de atitude de muitos dos sujeitos que dela participaram. Mudanças comportamentais com confissões dos sujeitos informando que o primeiro romance que haviam lido em toda sua vida foi “*O Cortiço*” durante nossas tertúlias, e o contato com este gênero de leitura acabou por transformá-los em consumidores contumazes de literatura ou em outras confissões de sujeitos revelar que algumas das tertúlias lhes propiciaram um dos momentos mais importantes de suas vidas escolares ao lhes ser oportunizado, ser ouvido, com respeito às suas opiniões e sentimentos.

Constatamos que a premissa do uso da tertúlia dialógica constituiu-se como uma metodologia adequada para aferir as pistas presentes nos pressupostos desta pesquisa, haja vista que: motivados pela conduta ou perfis psicológicos dos personagens *d’O Cortiço*, através das argumentações apresentadas pelos participantes, foram capazes de fazer aflorar opiniões que colaboraram para desconstruir preconceitos e construir conceitos formados a partir da contribuição de cada um dos participantes.

⁶⁰ A utilização da palavra “Faiá” é assumido pelo compositor da canção com a intenção de legitimar uma forma popular contra a hegemonia do bem-falar das elites. É uma homenagem ao linguajar caipira, ao modo popular mineiro, paulista, baiano, brasileiro, enfim de falar falhar no interior.

Temas como o racismo, a homossexualidade, a exploração da mão de obra do trabalhador, a higiene, sob uma perspectiva do saneamento básico, como uma obrigação do Estado e direito do cidadão constituindo uma forma de racismo ambiental, entre tantos outros motes, foram, por meio das tertúlias, oportunizados a serem discutidos, valendo a força do argumento e não o argumento da força, como expressa Vanessa Giroto (2007) sobre significados de textos.

Em verdade, a escolha de um texto de Aluísio de Azevedo da escola de literatura naturalista, com sua narrativa, muitas vezes cruel na forma de tratar ou pensar a condição humana zoomorfizada e impossibilitada de fugir a perversa lógica determinista, demonstrou ser bastante adequado aos propósitos em virtude de alguns motivos: primeiro, não se faz necessário desprender maiores esforços mentais para acompanhar o desenvolvimento da trama, nem tão pouco realizar abstrações para entendê-la. Segundo, por trazer histórias de vida tratadas de forma muito exequíveis, muitas delas análogas ao que é visto no dia-a-dia nos nossos jornais, telejornais e programas de rádio.

Outro aspecto é que o número de personagens e situações que se sucedem criam uma ação muito dinâmica, despertando o interesse do leitor, mas a utilização da obra se mostrou mais importante na experimentação da pesquisa por haver potencializado a empatia dos sujeitos com os personagens d'*O Cortiço* e, a partir disto, as oficinas permitiram a alguns dos sujeitos participantes realizarem verdadeiras catarses produzidas por manifestações exaladas pelos participantes das oficinas e que através dos argumentos e opiniões conduzidas através de um processo dialógico, respeitando seus princípios e dimensões, se mostraram capazes de construção de atitudes próprias e desejadas em um sujeito capaz de realizar uma leitura não ingênua dos processos sociais que todos nós nos encontramos inseridos e, contrariando a tese dos naturalistas, se reconhecer como sujeito protagonista da própria história

As abordagens nas tertúlias, mediadas pelo romance de Aluísio de Azevedo, que se pretendia ser de ordem mais científica, isto é, dando-se mais enlevo às questões ligadas à Biologia e que encontram-se presentes no romance, acabaram por ficar relevadas a segundo plano e as questões sociais emergiram com uma força que sobrepujaram o que seria conteúdo prioritário tratado como objetivo desta dissertação. Tal fato veio para corroborar e demonstrar com certa clareza a carência e necessidade premente da criação de um espaço no ambiente

escolar que contemple os processos dialógicos democráticos como modelo formativo do cidadão e que oportunize a todos a participação de forma igualitária.

Concluindo estas considerações, assim como iniciei sob o signo da fé, agora ela expressa pela perspectiva do compositor Marcelo Falcão, que diz: “pra quem tem fé a vida nunca tem fim⁶¹”, assim como a pesquisa, a investigação, a busca pelas verdades (mesmo sendo elas temporárias), e como nos ensina Pedro Demo (1998), a “ciência progride porque é duvidosa” e complemento dizendo que é esta dúvida que nos movimenta e impulsiona como professor e cidadão na construção de uma sociedade mais igualitária nas oportunidades e nos direitos.

No Brasil, a exclusão social é um dos problemas que, infelizmente, encontra-se distante de ter solução, entretanto tudo nos leva a acreditar que com a participação de gestores, professores e demais profissionais da educação, imbuídos na criação de um currículo que não privilegie as culturas hegemônicas em detrimento das demais culturas minoritárias, será possível se desenhar uma nova arquitetura social capaz de promover as mudanças sociais necessárias para que a escola contribua para a formação de cidadãos mais tolerantes e conscientes de suas ações.

Finalizo tendo como entendimento pelo que foi percebido durante a pesquisa que a perspectiva de implementação da prática de leitura nos espaços escolares pautada nas Tertúlias Dialógicas é validada pelos sujeitos investigados e que a vivenciaram e de que a metodologia Tertúlia Dialógica pode tornar-se uma resposta efetiva para a ampliação das práticas leitoras dos sujeitos através da aprendizagem dialógica bem como para possibilitar a dilatação das suas respectivas visões de mundo.

⁶¹Trecho da música “Anjos – Pra Quem Tem Fé” Composição de Marcelo Falcão / Tom Saboia.

REFERÊNCIAS

- AGIBERT, Cibele Pereira. **O Cortiço de Aluísio Azevedo (1890):** relações entre ciências e literatura. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). PUC. São Paulo. 2010.
- ALMEIDA, Ana Maria F. A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Revista Perspectiva**. v. 25, n. 2, Florianópolis, 2007.
- ASÚA, Miguel de. **Ciência y literatura: um relato histórico**. Buenos Aires: Eudeba, 2004.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Livraria Martins Editora. São Paulo. 1973.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**. 2ª ed. Fundamento. São Paulo, 2012.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 1991.
- BRASIL. MEC. **Educação Integral**. Disponível em: < <http://educacaointegral.mec.gov.br/proemi>> acesso em: 19/06/18.
- _____. **Ensino Médio Inovador - ProEMI**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13439&Itemid=1038>.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Construir Ecossistemas Educativos – Reinventar a Escola**. In: Reinventar a Escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. 2. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** Ed. Schwarcz., São Paulo, 2009.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DANTES, Maria Amélia M. **Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa. **Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.
- DIAS, Thiago Leandro Silva et al. (2014). **As Contribuições da Exposição Ciência, Raça e Literatura para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Revista da SBEnBio-Associação Brasileira de Ensino de Biologia. N°7, out. 2014.

DURANT, Will; DURANT, Ariel. **12 Lições da história – Para entender o mundo**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. 5ª. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

FILLOLA, Antonio Mendonza. **Tú, Lector**: aspectos de la interacción texto-lectorenel proceso de lectura. Barcelona: Ediciones Octaedro, S.L., 1998.

FLECHA, Ramon. **Compartiendo palabras**: El aprendizaje de las personas adultas através del diálogo. Barcelona: Editora Paidós, 1997.

_____; MELLO, Roseli Rodrigues de. **A formação de educadoras e educadores para um modelo social de educação de pessoas jovens e adultas**: perspectiva dialógica. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 37, p. 39-52, jan./jun. 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROTTO, Vanessa Cristina. **Leitura dialógica**: primeiras experiências tertúlia Literária dialógica com crianças em sala de aula. Universidade Federal de São Carlos. 2011.

_____. **Tertúlia literária dialógica entre crianças e adolescentes**: Conversando sobre âmbitos da vida. Universidade Federal de São Carlos. 2007.

GOMES; Nilma Lino: **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

HABERMAS, Jürgen; **Teoría de la acción comunicativa, II** - Crítica de la razón funcionalista. Madrid, Santillana; 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 6º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2000**: Relatório Nacional. Apresentação. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Das práticas culturais de leitura às políticas públicas de leitura** – entrecruzando fronteiras. In: Anais do I Simpósio Nacional de Leitura. João Pessoa: Idéia, 2007. p 920-925. (versão Mídia ISBN 978-85-7539-366-6).

MAUÉS, Flamarion. A exclusão da leitura. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, nº. 50, fev./mar./abr.2002.

MENEZES, Ebenezer Takunode; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes distorção idade-série**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/distorcao-idade-serie/>>. Acesso em: 11 de jun. 2019.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. Trad. Claudia Poncioni. 2ª ed. Rio de Janeiro Editora Garamond, 1988.

MINAYO, M.C.S. (Org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORETTI, Juliana Aparecida. **A dialogicidade de Freire na construção do diálogo igualitário e suas relações com os princípios da Aprendizagem Dialógica**. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas Departamento de Metodologia de Ensino, Departamento de Engenharia de Materiais. São Carlos, 2007.

NARLOCH, Leandro. **Achados e perdidos da história: escravos**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil- III**. 7º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Vocabulário Controlado sobre escravidão, abolição e pós-abolição: a representação dos conceitos**. Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro, 2015.

OSWALD, Maria Luiza; YUNES, Eliana. (Orgs). **A experiência da leitura**. Editora Loyola, São Paulo, 2003.

_____. **Tarefas escolares e colaboração entre pares de alunos: atividades mediadoras no processo de formação de conceitos**. Escritos Pedagógicos: Revista do Departamento de Ciências da Educação/ UESC. Ano 1, n.2, Ihéus – BA: Editus, 2006.

PIMENTEL, Susana Couto. Mediação para compreensão leitora: Uma estratégia didática. **Sitientibus**, Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. Ano I, n. 37, jul./dez 2007.

SANTOS, Claudia Santiago. Escravos do desejo. Estratégias de liberdade e sobrevivência na sociedade escravista. **Anais**. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, julho 2015.

SANTOS, Josalba e OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Literatura e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Cultrix, 2006.

SEPULVEDA, Cláudia de A. Serra; DIAS, Thiago L. da Silva. **Ciência, Raça e Literatura: o processo de concepção de uma expografia itinerante**. Anais. XI Encontro Nacional de

Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2017.

SILVA, Ana Maria da. **O Eu de Augusto dos Anjos (1912)**: algumas relações entre literatura e ciência. 2010 Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica De São Paulo - PUC-SP

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. Org. **Dicionário da escravidão e liberdade** - 50 textos críticos. Companhia das Letras. São Paulo. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 15. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007

TUFANO, Douglas, **Estudos de literatura brasileira**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

_____, **Gramática e literatura brasileira**: curso completo. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio (orgs.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo, SP: Selo Negro. 2012.

YUNES, Eliana. **Leitura como Experiência**. In: YUNES, Eliana, OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). *A Experiência da Leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I**. 2ª. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

ZOLA, E. **O Romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa TERTÚLIA DIALÓGICA CIENTÍFICA NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA?

Neste estudo pretendemos perceber em que medida a Tertúlia Dialógica Científica, implementada nas matérias Ciências e Biologia, pode contribuir para a compreensão leitora dos educandos da educação básica.

O motivo que nos leva a esta pesquisa é por entender que a Tertúlia Dialógica Científica apresenta-se como um recurso didático-metodológico nas práticas leitoras em sala de aula que pode ser capazes de estimular a intersubjetividade entre seus participantes além de estender o cabedal de conhecimentos científicos e de mundo, dos que a vivenciam.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: serão aplicados textos e questionários ao aluno para entender se as atividades de leitura que são empreendidas em sala de aula contemplam as suas expectativas de aprendizagem, em relação aos conteúdos das referidas disciplinas e se eles conseguem fazer a transposição dos mesmos para a vida prática.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “TERTÚLIA DIALÓGICA CIENTÍFICA NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA?”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Feira de Santana, _____ de _____ de 2018.

Nome Assinatura participante Nome Assinatura pesquisador

Pesquisador Responsável: José Marcos Pereira

Endereço: Instituto de Educação Gastão Guimarães - Av. Sampaio S/N

CEP: 44.001-472 –Feira de Santana – BA

E-mail: jose.marcos@enova.educacao.ba.gov.br

APÊNDICE 2

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ TALE

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de representante legal de _____, que estou de acordo com a participação em algumas sequências de atividades didáticas no Bloco A do PROEMI (Programa do Ensino Médio Inovador) do Instituto de Educação Gastão Guimarães- 2018 como parte da coleta de dados da pesquisa “TERTÚLIA DIALÓGICA CIENTÍFICA NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: CAMINHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA?” desenvolvida pelo Prof. Especialista José Marcos Pereira, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA.

Declaro, outrossim, que estou informado que:

1. Tal pesquisa objetiva investigar em que medida a Tertúlia Dialógica Científica, implementada nas matérias Ciências e Biologia, pode contribuir para a compreensão leitora dos educandos da educação básica.
2. A pesquisa será desenvolvida através da observação participada durante as aulas, filmagem e fotografias de sequência de atividades didáticas, em grupo, visando posteriormente a testagem para verificação da aprendizagem dos temas trabalhados e, conseqüentemente, a apropriação e domínio da leitura. Portanto, não há previsão de desconforto ou risco para os estudantes envolvidos na investigação, visto que a rotina da turma não será alterada durante a execução desta investigação.
3. O consentimento atual na filmagem/fotografia de tais sequências didáticas não exclui a liberdade de que, em qualquer fase da pesquisa, possa ser retirado sem qualquer penalidade.
4. Serão garantidos o sigilo e a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, tendo em vista que tal filmagem/fotografia será feita para permitir uma análise mais confiável da riqueza das interações ocorridas no contexto da sala de aula.
5. Durante o curso da pesquisa, o pesquisador coloca-se à disposição para garantir quaisquer esclarecimentos quanto a metodologia adotada.
6. Não haverá quaisquer tipos de despesas decorrentes da participação na pesquisa, não sendo previsto, portanto, quaisquer formas de ressarcimentos.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido consinto voluntariamente que meu dependente legal participe desta pesquisa.

Feira de Santana, ____ de _____ de 2018.

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Representante legal de: _____ Natureza da representação:

RG: _____ SSP: _____ Data de

Nascimento: ____/____/____ Sexo: M () F ()

Telefone: _____

End.: _____ Nº.: _____ Aptº.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), cumprindo as exigências éticas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa com filmagens/ fotos/questionários.

Feira de Santana, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 3

CARO COLABORADOR DESTA PESQUISA, NÃO É PRECISO SE IDENTIFICAR, BASTA COLOCAR O NOME DA ESCOLA EM QUE TRABALHA, ESTE QUESTIONÁRIO TEM POR FINALIDADE COLETAR INFORMAÇÕES PARA UMA PESQUISA, SUAS RESPOSTAS SERÃO IMPORTANTES PARA O DESENVOLVIMENTO DA MESMA. E AS RESPOSTAS DEVEM SER INDIVIDUAIS. ESSA COLETA DE INFORMAÇÕES SERÁ UTILIZADA EM PESQUISA VINCULADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE CONSUBSTANCIADO PELA UEFS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA).

Agradecido, José Marcos Pereira
Mestrando PPGE - UEFS

1. Nome da instituição em que está vinculada (o)?

2. Sexo

Masculino Feminino

3. Idade

Menos de 30anos Mais de 30 anos

4. Nível de instrução

Curso Superior
incompleto Curso Superior
completo

Pós graduação -
Stricto Sensu Pós graduação – Lato Sensu

5. Você só leciona Ciências e/ou outras matérias?

Somente
Ciências Biologia Química

Biodiversidade Outra _____

6. O programa de ensino da disciplina que você leciona é socializado com seus alunos?

Sim Não

7. Na sua sala de aula tem algum aluno com déficit cognitivo? Em caso positivo você utiliza alguma estratégia de ensino para superar as dificuldades do educando? De que tipo?

8. Como você desperta o interesse do aluno para a vivência com a leitura?

9. Que atividades de leitura podem ser consideradas significativas no trabalho com a disciplina Ciências?

10. Você encontra dificuldades no ensino de Ciências? De que ordem?

Dificuldades de compreensão dos textos pelos alunos Dificuldades em decodificar os textos Outras

11. O que você pensa sobre os recursos didáticos utilizados para o estímulo da leitura na sala de aula?

12. Como você classifica o nível de desempenho dos alunos no tocante à leitura e compreensão de texto?

Bom Médio Baixo Insuficiente

13. Você desenvolve um trabalho pedagógico voltado para a promoção da capacidade leitora dos alunos? Esse trabalho está inserido em qual abordagem teórico-metodológica?

14. O que você pensa sobre as técnicas de leitura que aplica com os alunos, em sala de aula?

15. Você conhece a prática educativa TDC (Tertúlia Dialógica Científica) que estimula a leitura de textos científicos?

16. As atividades de estímulo à leitura utilizadas por você em sala de aula contemplam textos científicos correlacionados com o conhecimento produzidos pela humanidade ao longo do tempo?

APÊNDICE 4

Caro aluno (a), não é preciso se identificar, basta colocar a série que encontra-se cursando, este questionário tem por finalidade coletar informações para uma pesquisa de Mestrado em educação, suas respostas serão importantes para o desenvolvimento da mesma e as respostas devem ser individuais.

Grato,

Prof. Marcos Pereira

1. Idade

15 anos 16 anos 17 ou 18 anos acima de 19

2. Série que atualmente está cursando: _____

3. Sexo

Masculino Feminino

4. Você estudou em escola pública ou particular o Ensino Fundamental II?

Pública Particular

5. Seu primeiro contato com a leitura foi possibilitado por quem?

Seus pais Amigos Parentes
 Escola Outros _____

6. Quantos livros você costuma ler por ano?

Um Dois Três
 Quatro Cinco Nenhum

7. Que tipo de texto você gosta de ler?

Revista em quadrinhos Revista de variedades

Jornais Romances Outros (qual?) _____

8. Você gosta da leitura dos conteúdos de seus livros didáticos?

Sim Não

9. Quais as matérias que estimulam seu hábito de ler?

- Matemática Artes Língua Portuguesa
- Geografia Inglês Sociologia
- Biologia História Outras _____

10. Que tipo de material de leitura existe em sua casa?

- Livros Bíblia
- Outros (quais?) _____

11. Seus pais possuem o hábito de ler?

- Sim Não

12. Você acredita que a prática de leitura lhe auxilia para melhor compreensão do mundo?

- Sim Não

13. As técnicas de produção textual em sala de aula são estimulantes?

- Sim Não

APÊNDICE 6

Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo
Em folha, em graça, em vida, em força, em luz

Céu azul que vem
Até onde os pés tocam a terra
E a terra inspira e exala seus azuis

Reza, reza o rio
Córrego pro rio e o rio pro mar
Reza a correnteza, roça a beira, doura a areia

Marcha o homem sobre o chão
Leva no coração uma ferida acesa
Dono do sim e do não
Diante da visão da infinita beleza

Finda por ferir com a mão essa delicadeza
A coisa mais querida, a glória da vida

Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo
Em folha, em graça, em vida, em força, em luz

Compositor:

APÊNDICE 7



PROEMI- Programa Ensino Médio Inovador - 2018
Atividade 02 - Prof. Marcos Pereira - A. Pedagógico

Aluno: _____ Série: ____ Turma: ____ Bloco:

Após a leitura da poesia “Luz do Sol” de autoria de Caetano Veloso, articule alguns comentários ou entendimentos sobre ela.

1 – Qual o significado você atribui às seguintes palavras encontradas no texto tragar, traduzir e findar?

Traduzir: _____.

Tragar: _____.

Findar: _____.

2 – Releia o primeiro verso do texto. O que o autor da canção quis dizer com essas palavras? Reescreva esse verso com suas palavras.

_____.

3 – Identifique os elementos da natureza que aparecem na letra dessa música.

_____.

4 – Encontre a frase em que Caetano Veloso menciona o homem como responsável pelo que acontece à natureza.

_____.

5 – Em qual estrofe, podemos notar o curso das águas?

_____.

6 – Qual o sentimento do homem quando, “diante da visão da infinita beleza”, no texto?

_____.

7 – No texto: “Finda por ferir com a mão essa delicadeza”. O que nos mostra?

_____.

8 – “... Reza a correnteza, roça a beira, doura a areia”. O que você acredita querer dizer, este verso?

_____.

9 – Você percebe nesta poesia algo que possa ser associado ou trabalhado nas Ciências ou Biologia? Em caso afirmativo, escreva abaixo suas percepções.

10 – Quais suas impressões sobre poesia e ciências, podem ser “parceiras”?

Disponível em:< <http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2017/11/musica-luz-do-sol-caetano-veloso.html> >Acesso em 08/04/2018.

APÊNDICE 8

O Sol

Autor: Vitor Kley

Ô, Sol
Vê se não esquece e me ilumina
Preciso de você aqui
Ô, Sol
Vê se enriquece a minha melanina
Só você me faz sorrir

E quando você vem
Tudo fica bem mais tranquilo
Ô, tranquilo
Que assim seja, amém
O seu brilho é o meu abrigo
Meu abrigo

E toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem fica, ficou
Quem foi, vai, vai
Toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem fica, ficou
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai, vai

ANEXOS

ANEXO 1

Categorias leitoras PIMENTEL 2007

1. Decodificação	Consiste em o sujeito traduzir o código escrito em código oral, sem garantir sentido e significado, ou seja, sem entendimento do texto;
2. Compreensão Sincrética	Nessa categoria o sujeito procura atribuir sentido global para o texto a partir da atribuição de significado a palavras isoladas do texto;
3. Compreensão Literal	Há garantia do significado constituído pelo autor, considerando a coerência do texto. O sujeito extrai apenas a informação explícita no texto;
4. Compreensão de Entrelinhas	O sujeito reflete sobre o texto, fazendo inferências sobre o implícito, ou seja, esse processo perpassa pelo campo da aprendizagem efetiva e/ou significativa, pois é nesse momento que esse sujeito aciona seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado, estabelecendo relação entre os conhecimentos prévios com o que está lendo.

ANEXO 2

Expectativa de respostas do questionário sobre a poesia Luz do Sol de Caetano Veloso

1 – Qual o significado das palavras tragar e traduzir?

- Traduzir: transpor de uma língua para outra; interpretar; explicar.
- Tragar: engolir sofregamente; devorar; engolir a fumaça do cigarro.

2 – Releia o primeiro verso do texto. O que o autor da canção quis dizer com essas palavras? Reescreva esse verso com suas palavras.

A folha absorve a luz do Sol e a transforma em uma planta mais verde com novas folhas dando vida.

3 – Identifique os elementos da natureza que aparecem na letra dessa música.

Sol, folha, céu, terra(chão/solo), rio, córrego, mar, areia, homem.

4 – Encontre a frase em que Caetano Veloso menciona o homem como responsável pelo que acontece à natureza.

Marcha um homem sobre o chão (...) Dono do sim e do não. Finda por ferir com a mão essa delicadeza a coisa mais querida a glória da vida.

5 – Em qual estrofe, podemos notar o curso das águas?

Na 3ª estrofe.

6 – Qual o sentimento do homem quando, “diante da visão da infinita beleza”, no texto?

Fica de coração ferido, em saber que a própria humanidade está acabando com tudo na Terra.

7 – No texto: “Finda por ferir com a mão essa delicadeza”. O que nos mostra?

Que a natureza está sendo destruída pelas mãos, de quem deveria estar salvando.

8 – “... Reza a correnteza, roça a beira, doura a areia”. O que quer dizer, este verso?

Que as margens dos rios, existem plantações planejadas e conscientes, e deixa a areia colorida.

Em: <<http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2017/11/musica-luz-do-sol-caetano-veloso.html>> Acesso em 08/04/2018

ANEXO 3

Personagens do O Cortiço⁶²



⁶² Desenhos de Rodrigo Rosa, ilustração para a edição d'O Cortiço em quadrinhos produzida pela editora Ática. Disponível em: < <http://rodrigorosablog.blogspot.com/2008/11/galeria-de-personagens.html> > acesso em: 26/07/2019 às 13:49 h.